





17.652 a. (ex 2)
1963



112.957 AA
1957

Memorabilia.

Pareceu-me sempre que eu nada devera dizer em defesa do Gueza Errante, transcrevendo apenas a opinião contemporanea, que o justificasse ou condemnasse. O poema foi livremente esboçado todo segundo á natureza singela e forte da lenda, e segundo á natureza propria do auctor. Compreendi que tal poesia, tanto nas asperas linguas do norte como nas mais sonoras do meio-dia, tinha de ser a “que reside toda no pensamento, essencia da arte,” embora fossem “as fórmãs externas rudes, barbaras ou fluctuantes.”

O Gueza nada tendo do dramatico, do lyrico ou do epico, mas simplesmente da narrativa, adoptei para elle o metro que menos canta, e como se até lhe fosse necessaria, a monotonia dos sons de uma só corda; adoptei o verso que mais separa-se dos esplendores de luz e de musica, mas que pela severidade sua dá ao pensamento maior energia e concisão, deixando o poéta na plenitude intellectual—n’essa harmonia intima de criação, que experimentamos no meio do oceano e dos desertos, mais pelo sentimento que em nossa alma influem do que pelas formosas curvas do horizonte.—Ao esplendoroso dos quadros quizera elle antepor o ideal da intelligencia.

Na modestia pois do Gueza Errante, as “galas e formosuras do artista, a enfeitar a idéa” tanto, seria nocivo á sua mesma idéa. Além d’isso o auctor creu sempre que todo o poeta, sob pena de escravidão e morte, deve de ser o que elle é, e não o que o aconselham para ser. Nocivo á nudez, ao sentir profundo, á longa harmonia de uma lenda em doze cantos, fôra esse deslumbramento das fórmãs, que tão necessario é, tão bello

é nos poemas-romances de V. Hugo—sombas e clarões fascinadores, melodias de Bellini, que nos arrancam a alma ; porém, momentaneas.

O Gueza das primitivas éras, Senhores, tem direito á calma, á velharia dos tempos de Salomão ; e por fórma do seu ser, que é sua, fala em voz baixa e, quando muito, grita ou geme, por vezes ; e mesmo porque nada há de novo em baixo do sol, tem o direito de ir antes natural do que sobrenaturalmente ; filho varonil das terras virgens do equador, e não regio-dourado Oriental : elle é solitario e verdadeiro.

A palavra *nudez* vê-se que foi á cima empregada no sentido moral, pois o Gueza andara vestido, e até revestido, como victima que era do Sol.

Amo a calma platonica ; admiro a grandiosidade do Homero ou do Dante ; seduz-me a verdade terrivel shakspeareo-byronica ; e a celeste lamartiniana saudade me incanta. Ora, todas estas generosas naturezas não me ensinaram nunca a fazer verso, a traçar os contornos da fórma, a imitar *vox faucibus* o seu canto, porém á uma coisa somente : ser *individualidade* propria, ao proprio modo acabada—enamorada e crente em si propria.

Ser absolutamente *eu* livre, foi o conselho unico dos mestres ; e longe de insurreccionar-me contra elles, abracei de todo coração os seus preceitos. Póde, aquillo que for feito, ficar imperfeito, e será, talvez ; mas, tenho que estes adorados mestres nunca amaldiçoarão ninguem por lhe haverem os céus dado azas de ferro em vez de azas de oiro—comtanto que voem ellas em firmamento distincto e não derretam-se aos raios solares. Deixem-n'as pois á sua fórma original : fórma, que é o traço deixado pelo pensamento, e que vereis ainda ser a unica absolutamente verdadeira : 'poetry is the only verity—the expression of a sound mind speaking after the ideal, and not after the apparent. . . the fault of our popular poetry is that it is not sincere. . . In a poem we want design, and do not forgive the bards if they have only the art of enamelling. We want an architect, and they bring us an upholsterer.'

É porque me quer parecer a falta de sciencia e de meditação o motivo da nossa litteratura não ter podido ainda interessar o estrangeiro. Até a nossa orthographia portugueza não se entende entre si ; a nossa eschola não é nossa e nada ensina aos outros ; estudando os outros, tractamos então de *elegantisal-os* em nós, e pelas fórmas alheias destruimos a escultura da nossa natureza, que é a propria fórma de todos. A nossa musica e os nossos litterarios esplendores de certo que transportam e deslumbram os sentidos, mas tambem adormentam o pensamento, afroxam a idéa do

III

homem. Sons e perfumes, flores e fulgores, roupagens e adornos, graças e thesoiros, são sem duvida grandes dotes de muitas princezas ; porém de poucas será o corpo bello, sadio, forte, e a alma com a dor da humanidade e com a existencia do que é eterno.

Deixemos os mestres da fôrma — se até os deuses passam ! E' em nós mesmos que está nossa divindade. Não é pelo *velho mundo* atrás que chegaremos á idade de oiro, que está adiante além. O biblico e o ossianico, o dorico e o jonico, o allemão e o luso-hispano, uns são repugnantes e outros, se o não são, modificam-se á natureza americana. N'esta natureza estão as suas proprias fontes, grandes e formosas como os seus rios e as suas montanhas ; ella, á sua imagem, modelou a lingua dos seus Naturaes — e é ahi que beberemos a fôrma do original character litterario qualquer que seja a lingua differente que falarmos.

O Gueza, tendo a fôrma inversa e o coração natural do selvagem sem academia, acceitai-o assim mesmo—por espirito de liberdade ao menos, e porque elle vos ama, e porque elle tem um *fim* social e porque “eu cantarei um novo canto, que resoa em meu peito : nunca houve canto formoso ou bom que similhasse a nenhum outro canto.”

Sendo então impossivel de mim o que reclamam, e apenas possivel o que offereço á minha patria, accrescentarei para terminar este assumpto, que : eu continúo. Continúo ; ainda que sem a sciencia do bem-agradar, o que me fôra gratissimo, e tão só com a consciencia de que todas as fôrças uteis da minha existencia ahi serão empregadas—podessem os melhor dotados seguir o meu exemplo !—Não faz mal. Nem as coroas deixam de ser coroas pelos espinhos que trazem ; e o pungir d'estes como que até augmenta a frescura das rosas, que com elles veem de involta.

A aquelles a quem pareceu a narrativa não ir de accordo com a lenda, por via do Suna, direi, pois deve-se uma palavra de crença á cada duvida, que só a differença é ter sido a antiga estrada talvez de poucas milhas apenas e na planicie, e ser a moderna estrada ao em torno do mundo, sem que a verdade do assumpto nada soffra por isso. E de mais, qualquer poderá seguir scientificamente a linha itineraria que é o Suna da peregrinação ; e o poema ha de ser no fim acompanhado do seu mappa historico e geographico.

Suscitou-me taes observações a critica litteraria, que de preferencia vai aqui transcripta :

“Dos Estados Unidos nos veiu o livro de Joaquim de Souza-Andrade. Impresso em New York com um esmero e elegancia admiraveis, o 1.^o volume das *Obras Poeticas* do distincto Maranhense é um delicadissimo mimo á litteratura patria.

Souza-Andrade é um poeta de viva imaginação e de originalissimo estro. Sem pretender fazer schisma em litteratura, como esses poetas nebulosos e profundamente allemães com que estamos ás voltas, elle canta de um modo inteiramente particular, brusco, e ás vezes desleixado na fórma, mas sempre verdadeiro no sentimento e sincero nas confidencias e revelações que faz.

O 1.^o volume das *Obras Poeticas* de Souza-Andrade divide-se em tres partes. Na primeira figuram os quatro primeiros cantos do poema americano que elle intitula *Gueza Errante*; na segunda algumas poesias lyricas sob a denominação de *Eolias*; e por fim meditações philosophicas, narrativas e descripções da natureza brasileira, com o titulo de *Harpas Selvagens*.

As poesias lyricas do volume são saídas do coração e não pertencem por fórma alguma a esse genero ethereo, lacrymal, lakista e pulmonar, tão usado pelos que cantam paixões que não sentem.

O poeta é chão e natural; pôde-se-lhe censurar um ou outro descuido de versificação, mas tudo quanto elle diz ao leitor é como se conversasse em voz baixa, a medo, rimando sem systemas transcendentaes, e sem procurar assumpto: impalpaveis, diaphanos e por imitação. Conhece-se que vibra alli uma alma cheia de amor e de aspirações.

Da collecção de poesias que ornam tanto a secção denominada *Harpas Selvagens* como a que se intitula *Eolias*, eu farei menção de algumas que julgo de excellente qualidade

E' assim que admiro a suave melancholia com que foram escriptos *Crescente* e a *Morta de Amor*; a singeleza e trabalhada negligencia das estrophes sobre o *Dia de Natal*; a mascula energia da *Maldicção do Escravo*; o colorido d'aquelles *Fragmentos no Niui*, e a delicadeza de tintas com que foi delineado o bello quadro das *Dunas*.

Passou por essas paginas o sopro da poesia; aquellas estancias palpitam e despedem fagulhas.

Prefiro encontrar em uns versos intimos muito sentimento e verdade, embora sob uma fórma menos civilisada, do que essas opulencias de fórma com originalidades de empréstimo, novidades vulgares, e, em vez do coração, um vácuo, o deserto.

Com estas reflexões quero dizer que Souza-Andrade tem ainda muito a fazer para que seja considerado poeta acabado. Mas ha n'elle a inspiração, a *mens divinior*.

E' preciso attender á parte artistica do verso, ninguem o pôde negar. A fórma é hoje em dia o que salva uma quantidade de velharias, contemporaneas de Salomão. A fórma é que abre excepção á sentença que elle proferiu: *Nada ha de novo em baixo do sol*.

Mas de que serve a fórma, quando falta o estro? Por ventura não são tão cheias de poesia essas quadras dos velhos cancioneiros, esses poemas desalinados como os do cyclo da tavola redonda?

Quando pois se é poeta, convem completar a obra do Creador e procurar ser artista para polir e enfeitar a idéa. E' o conselho que todos darão ao auctor das *Harpas Selvagens*, talento real, brilhante de primeira agua.

Analysarei rapidamente o *Gueza Errante*, parte principal do volume, poema delineado pelo molde do *Child Harold*:

De uma lenda da Columbia, narrada por Ferdinand Denis, tirou o poeta a idéa d'essa peregrinação do Indio destinado á morte e creado no templo do Sol.

O Gueza desce os Andes, convive com os Indios do valle do Amazonas, e sulca o grande rio.

O poeta consubstancia-se no seu protogonista, assimila sua natureza á d'elle e empresta o seu soffrer intimo ao selvagem romeiro. As tristezas e desfallecimentos de um são desfallecimentos e tristezas do outro.

A pintura d'essa individualidade, cheia de contradicções e de caprichos, não é o unico merito do poema: a descripção dos logares, dos usos e costumes indianos; a critica da falsa catecheze que deprava a innocencia d'aquelles Indios, tudo isso abrilhanta a peregrinação do Gueza e mais ainda as elegias, escriptas com o sangue do poeta, e que apparecem de longe em longe, como illuminuras gothicas em meio de um texto mysterioso.

E' lindissimo o quadro dos Andes com que começa o poema. Ha vigor nos traços, proposito de levantar o espirito do leitor á altura do spectaculo. Não menos pittorescos e animados são os quadros sobre o Amazonas, telas opulentas de luz, de harmonia e de grandeza.

Longas e aproveitadas viagens fez o auctor pelas regiões que descreve, observador sagaz e impressionavel, aproveita-se das enormes particularidades e tira partido de todos os elementos espalhados n'aquellas terras e n'aquellas aguas gigantescas.

No acampamento indiano, o Gueza esquece-se absolutamente do poeta, e é o indio com todas as suas extravagancias. E' assim que, entre muitas scenas curiosas, presenciámos o tremendo sabbat, que com o nome de *tatuturema*, celebram os indigenas do Solimões, verdadeira dança macrabea, uma ronda como as do Broken, por bacchantes selvagens e demonios filhos das mattas. Orgia indescrivivel, mas descripta em versos originalissimos, apropriados e onomatopicos.

Muitas outras scenas do *Gueza Errante* mereciam especial menção. Ha em todos os quadros abundancia de côres e uma verdadeira sciencia das *nuances*. Acrescente-se a isso um estylo musculoso e varonil.

O mesmo defeito, porém, que já ficou aponctado quando foram percorridas as *Harpas Selvagens* e as *Eolias*, apparece e largamente no *Gueza* :

O inteiro desprendimento das convenções artisticas, a absoluta negação de algumas regras poeticas.

Mas sempre o pensamento a adejar sereno e crystallino; sempre o verso bem medido, flexivel e cadenciado. Não ha ahí d'essas contorsões de estylo postas em circulação por innovadores perigosos.

São pois muito corregiveis os defeitos aponctados, e no 2º volume das *Obras Poeticas* é provavel que admiremos as galas e formosuras do artista, e que haja menos insurreição de sua parte contra os preceitos admittidos pelos mestres da fórma.

O talento de Souza-Andrade é merecedor dos maiores applausos. Esse moço pertence á familia dos distinctos trovadores nascidos na bella patria de Gonçalves Dias.

Modesto e sem affectação, Souza-Andrade procura a penumbra e não se faz preceder de eucomiasticas apresentações.

Escreveu grande parte de seus versos anonymamente; temia a luz da publicidade, e só vinha á imprensa quando animado e arrastado por seus amigos. Poetava para si e isso o satisfazia.

Empreendendo agora a publicação de suas *Obras Poeticas*, obedece á mais de uma intimação. Essa timidez assenta bem n'aquelle que tem merecimento real, sobretudo hoje que vemos o apparecimento de tanta obra inutil, mas que seus auctores entregam ao publico com a pretensão de caracterisarem sua epocha, fazendo de taes livros a chave da abobada do edificio das lettras." S. (*Reforma*.—Rio de Janeiro, 1874.)

Ficaria incompleta esta pagina sem alguns trechos que no interesse da litteratura e da critica imprimo da carta de Mr. Ferdinand Denis, o amigo de Odorico Mendes e de Gonçalves Dias, o melhor amigo que no estrangeiro possui o Brazil :

"... que je ressemble à votre noble *Gueza Errante*: la nature des Tropiques que vous savez peindre avec des paroles si vives et si bien senties. ravit des pensées que vos beaux vers font renaitre, mais si je suis plus que jamais voué aux grands souvenirs, j'ai moins de promptitude, hélas! pour rendre grace à ceux qui ont, grace à la muse, le pouvoir si rare de les réveiller... Il y a déjà longtemps, que j'ai convié les poètes brésiliens, à faire un usage plus fréquent qu'ils ne le faisaient jadis, des images de cette nature enchantée, qui donne déjà tant d'originalité à quelques uns d'entre eux: vous êtes un de ces amants de la Nature et c'est ce qui inspire un accent, si touchant et si sincère a la fois à vos chants.—Emportés par la rapidité de leurs conceptions, les poètes (et vous êtes un poète) se trompent quelques fois et vous avez commis à mon égard une erreur trop bienveillante dans sa forme: c'est bien moi et moi seul, qui ai écrit dans l'*Univers* le Bresil; c'est un savant numismate de mes amis, C. Famin, mort il y a déjà plusieurs années, au quel on doit la Colombie dont vous avez tiré une épigraphe si flatteuse venant là de votre choix.—Dans les éditions de votre recueil, il foudra donc substituer son nom au mien. Cette petite mutation, croyez-le bien, ne changera rien aux sentiments d'estime et d'admiration que me fait éprouver votre œuvre..." Paris, 1875.

CORRECÇÕES AO CANTO V E VII.

- Pagina 110, linha 22^a:
Lento avulta entre sombras e ramagens;
- Pag. 111, l. 6^a:
As garças longes, puras, avistando,
- Pag. 115, l. 27^a:
D'onde lhe vinha o lento modo inferno,
- Pag. 125, ls. 17^a, 25^a e 26^a:
“S'inclina como heliantho, que ao nascente
“Junctas e opalescentes confundidas
Chammas sonoras, que em mudez perduram,
- Pag. 133, l. 2^a:
Co'a tristeza do filho seu, chorando.
- Pag. 139, l. 1^a:
Homem-Deus deixem-no e crucificado;
- Pag. 147, l. 8^a:
Mais, deslocando-se achas resinosas,
- Pag. 151, l. 10^a:
As sombras, se desdobram silenciosas :
- Pag. 157, l. 29^a:
O tecto do casal! . . . Oh! oh! s'escombra!
- Pag. 158, l. 4^a:
Rue colossal por terra!
Os céus reboam
- Pag. 160, l. 2^a:
Ao melhor dos meus dias, que alli jazem:
- Pag. 161, l. 7^a:
E rugiu a procella: aos altos mares
- Pag. 168, ls. 15^a e 18^a:
Região da luz! reverberadas plagas
Qual por sonho o prodigio se annuncia!
- Pag. 172, l. 16^a:
Passar. . . e as dos que o peito lhe romperam.
- Pag. 176, l. 20^a:
Do oceano inteiro a tela reluzente,
- Pag. 181, l. 22^a:
Cae — da queda de um astro quem não foge?
- Pag. 182, l. 9^a:
Vêm-se no firmamento! astros brilhando
- Pag. 186, ls. 2^a e 28^a:
Da morte, que o mar todo e os céus proclamam!
No tumulto de um chaos movente e lurido

CANTO QUINTO.

Atravessando a solidão das mattas
A bella estrada infinda-se alvejante;
De lado e lado densas columnatas
De altivo tronco, abobada frondeante.

Hi Flora e Fauno em toda a vigorosa
Fôrça da terra virginal se ostentam;
Amor, ao fructo a rama gloriosa,
Ao sol aureo-carmim o orvalho, augmentam.

Bailando as lédas azas na espessura
Alevantam-se as aves; se lambendo
Luzidio e subtil, na sombra escura
Vê-se o veado os olhos accendendo.

Profundo halentam silenciosas mattas;
A terra exhala humidos vapores;
Alto os orgams resoam das cascatas,
A onda através rolando dos pendores.

Hi foram tribus; onde resupinos
Estão hoje os senhores rodeiados
Dos *cabras* parasitas, assassinos
Da faca e o bacamarte aparelhados:

A matilha infernal d'estes s'espalma
 Das sombras através; e quem d'um tiro
 O echo á noite escudou, reza por alma
 Do que rendeu o ultimo suspiro.

E da selva os tyrannos vãofaustosos,
 Que aos sons da musica ou do agoite jantam,
 Escravos, a quem outros tão odiosos
 Escravos (reis e povos) se aquebrantam,

Não têm, não têm cuidados que não sejam
 Os da cubiça ou dos carnaes instinctos
 E a vindicta, que então dentro esbravejam
 Do peito, o justo e o nobre n'elle extinctos.

E onde estão os villões civilisados
 Foram os selvagens, livres na investida
 Á sombra de suas settas resguardados,
 No amor da gloria e da luctada vida:

Uns, viciosos; outros, forasteiros;
 Todos ao mesmo abysmo — que os não chama,
 Nem d'onde os não evocam. Extrangeiros,
 Tupan ou Theos, quem a luz derrama?

*

*

*

Um rio á estrada turvo, alevantado
 Lento avulta entre as sombras e as ramagens;
 Cavalleiro e corcel bebem, e a nado
 Salvam-no. Pelos jussaraes das margens —

Oh! como é doce ao peregrino errante
 Encontrar na soidão americana
 O emblema do soffrer n'uma fragrante
 Flor dos caminhos! roxa flor silvana,

Salve! — os maracujás, ao fructo loiro
 O ar cheirando, nas auras adelgaçam
 Verdes brandas sanefas. Azas d'oiro,
 As zonas estellantes já se espaçam

Da borboleta ephemera nos campos —
 O coração palpita ante o scenario
 Das lagoas azues e os ares amplos
 Onde o vento dos céus ondeia vário,

Ao sair-se dos bosques de repente,
 As garças longes puras avistando,
 Aureas manhans vermelhas no oriente,
 E entre lirios a rêz cheirosa andando;

E á mugibunda voz, do touro altivo
 Que talha os campos nas primeiras aguas,
 Gemendo a solidão — qual peito vivo
 Que em tal quadra, do amor não ruge ás fraguas?

Se estende a varzea como silenciosa
 Noiva nos verdes leitos da estação;
 Canta uma voz nos céus harmoniosa,
 Fundo vibra da terra o coração.

*

*

*

Vêde além, do palmar á sombra, a aldeia
 Rindo, natal-festiva e nazarena,
 D'arcos virentes, palmas novas cheia,
 Que ao sentimento dão frescura amena.

Oh! poesia christã! Cantam pastores,
 Grinaldas a agitar de myrto e rosas;
 Sobre os tectos de palha, multicores
 Mil bandeiras ao ar voam vistosas.

Oh! quão formoso o sol! como são bellas
 As horas, quando a terra na harmonia!
 Vestem os troncos flores amarellas,
 Astro jucundo ás manjedoiras guia!

— E dizer-se que trazem do martyrio,
 Todos que nascem n'este dia, a sina,
 E que, de tanto amor e tanto lirio,
 Do Natal a tragedia se origina. . . .

Entretanto, morrer na cruz, dolentes,
 Não é o que mais custa aos infelizes
 Que as fronte pendem cheias de matizes,
 Porém n'ella viver. Dão-se os presentes;

Hão festas Mima e Mena. Vão parando
 Pelas ruas á noite os côros — que heis
 De ouvir té de manhan — Como alvorando
 É doce ao canto despertar de Reis!

Dos moços e as trigueiras da cabana
 Ruge a viola aldeia —

.

“ Tu como a tarde,

Que no ar tens a tristeza americana,
 Quando a alegria, quando a felicidade

“ Dos céus desceram — porque não t'embalas
 Na dança, onde mais linda não fluctua?
 De todos apartada, e a sós te calas,
 Quando voz não ha doce como a tua!

“ Como são meigos, Dula, os modos teus!
 És tão honesta e cheia de decencia
 Como a nudez, adórno da innocencia
 Á terra exposta e olhando para os céus!”

‘ Viajor sitibundo dos desertos,
 Que do oasis chegaste á fresca fonte,
 Este é da terra o centro e do horizonte,
 A amor os céus e os corações abertos.

‘ Eu sou negra, sou do Sharão a rosa,
 Sou o lirio dos valles; das profundas
 Ondas, quaes os das pombas gemebundas
 Meus olhos são, da luz fatal umbrosa.

‘ Negra, negra eu sou, mas formosissima
 Como as tendas brilhantes de Cedar!
 Arde a myrrha nos seios meus purissima —
 Oh! dá confortos, que hei sede de amar!

- ‘Sou o primeiro amor, sou eu a esposa
Que no deserto encontra-se perdida;
Do crepusculo a musa, a promettida
Patria dos lirios, do Sharão a rosa.
- ‘Da tarde a luz, dos campos a bonina
Que attrahe cheirando e colhe-a mão de amor;
Do oasis sou a fonte crystallina
Que, de tão pura, funde-se em negro!
- ‘Do viajor a sésta eu sou, a esposa,
Sou eu a apaixonada Brasileira,
Queimado collo, ardente cannelleira,
O lauro cinnamomo, o lirio, a rosa.
- ‘Meus olhos são dois fogos solitarios,
E os labios meus, humentes de coral;
Meus olhos são dois tumulos mortuarios —
Morena tarde, o sol meridional.
- ‘São da roman partida a minha bocca,
D’aurora o riso, o beijo dos delirios,
E da alvura do creme e os puros lirios
Os dentes; reluzida a coifa e louca.
- ‘E dos lirios, dos serpenteantes raios,
Das leves puras cannas flexuosas,
O cinto em flor, onde as morenas rosas
D’esmaltes vão, das luzes, aos desmaios!
- ‘Do velludo das eças são meus olhos,
Das negras aguas do palmar ao umbror,
São dos astros nocturnos e os escolhos,
D’onde salva-se. . . o que morreu de amor.
- ‘Eu nas sombras suspiro da alameda,
Sou eu a sésta, eu sou a voz que passa;
Eu gemo como as pombas — sou da raça
Do escravo e do senhor — sou Dulaleda.
- ‘É minha mãe a noite negra e rórida,
Meu pae o dia claro de verão;

Sou a saudade, sou a zona torrida,
Bella quaes pavilhões de Salomão.

Vem, meu amado; eu sou o lirio, a rosa,
A luz da tarde, o fogo de pureza;
Vem, oasis eu sou da natureza,
Dos desertos a amante, a irmã, a esposa!

Amam-te o sabio e a donzella instavel —
Oh! é terrivel como a morte o amor!
E os zelos seus o inferno inexoravel —
E eu desfalleço á só falta da dor. . .'

Tal o canto, que vòa enamorado
D'entre os hymnos de chammas d'outras éras,
Flor do cactus, candentes primaveras,
Das selvas da soedade ao denso umbrado.

E estão ás sombras do arvoredado á tarde
Com flores nos cabellos as lascivas,
As mulatas saudosas semprevivas,
Socias gentis do amor e a liberdade.

Enfeitçadas, dos primeiros annos,
Do *senhor*, que as possui e que as despreza,
Já n'áscuas dos estimulos insanos
Sobem a amor, ou caem sem defesa.

Qual da origem offensas e mordidas,
Dão-se aos sentidos mais que aos sentimentos;
E mortas da urna conjugal, dos ventos
Dos destinos a flor, viçam perdidas.

Amendo ao branco, ao maternal exemplo,
Mais co' o nacar dos risos, erramundas
Vão, dos amores desdenhando o templo
Que é solidão de rôlas gemebundas.

Mas é no instincto da maternidade,
Quando mais na miseria, que heis de vel-as!
Corajosas, humildes e tão bellas,
E sem remorso terem nem saudade.

Seus filhos têm só mãe na terra, e em cima
 Nos céus um Deus tão só; dos aureos seios
 Corre-lhes sempre o leite; e inda se arrima
 A ellas o avô, amparos d'elle e esteios.

E as serpentes de fogo, illuminadas,
 Sibilantes, na acção do amor ferozes,
 Despem agora a pell' d'envenenadas
 E azas estendem gasalhosas, doces.

Não tem nenhum romance a vida sua,
 Do capricho ou do orgulho das senhoras
 Uma face na treva, outra ás auroras;
 Foram, quaes são — a alma lhes fluctua.

* * *

Estancia amena, que a verdura umbrava,
 Onde a ave multicolor se confundia
 Co' o rubro fructo, e a vida se escoava
 Tão doce a parecer que se morria!

'Stava alli Dulaleda sob os arcos
 Das felizes aldeias, que passaram;
 Mais doces termos, mais floridos marcos
 Os destinos a amor nunca traçaram.

N'estes sitios vagando, oh! quão mavioso,
 Quão brando o talhe ethereal-primevo
 De lança e palma! era o adeus saudoso,
 Da tarde a luz, o triste vago enlévo.

Das solidões e a natureza do ermo
 O seu semblante qual se resentia,
 D'onde lhe vinha o lento modo infermo
 Mais da extranheza do que em si sentia:

Suave entristecer da terra e enleios
 De genitora pubere, que sente
 E ouve medrosa a lhe gyrar nos seios
 Da humanidade a onda, e em ser temente,

Quanta suavidade no recato
Seu então, essa c'róa da belleza,
Que se gera do coração sensato
A esconder o que é vil na natureza!

Era a indolencia mesma, os seus retinctos
Olhos fechando, abrindo, em solitaria
Scintillação de — vividos, extinctos —
Apagando, accendendo a luz mortuaria:

Tremulos, negros, ao palmar saudoso
Attrahiam, levavam para o umbror,
Lá, lá na treva — ao collo mavioso
E ao vago enlêvo da morena flor.

Mas, á hora em que a luz se despedia,
Que a natureza pallida ficava
E ao seu adeus a terra estremecia,
Negro-arido o ermo, e se calava;

E que os morros ethereos caminhando
Agrupavam-se ao livido occidente,
Aos abysmos d'além p'ra longé olhando,
Por cima do horizonte, ao sol cadente;

E as collinas erguendo-se no espaço
Imprimiam crepuscular do pejo,
Dos céus na face, da saudade o beijo,
Amplamente ao em tórno do horizonte o abraço;

Então a quanto bella Dulaleda
Aos rochedos das fontes das correntes,
Sitios incultos, sós da sombra e a pedra,
Descer co'a tarde via-se. Entre as gentes:

'Presidem olhos maus ao nascimento
Da infancia, que na luz da natureza
Entristece irradiando de belleza,'
Diziam e, co'a dor no pensamento,

Oh! como em pena todos não se olhavam
Ao vel-a, tão sozinha, nas ribeiras,

Na solidão da terra e das palmeiras
Que da tarde nas sombras tremolavam!

A hora incantadora das saudades
Passara aos gestos seus, hora de quando
Vem a noite descendo e que das tardes
Vai-se o roseo crepusculo apartando:

Mágoa formosa para dar ao externo
Da belleza os quaes tons mellodiosos
De immenso incanto — entristecer dos gozos,
Se á face manda o mel do peito o inferno:

Meiguice de perdida descontente
N'essa hora incantadora — ó Dulaleda,
É infeliz olhar-se longamente
Para as aguas que vão do abysmo á quéda!

Certo, ha desgraça n'um sorrir tão doce
Como nunca se viu! A simelhança
Da hora saudosa — e como se lhe fosse
Nas aguas esquecidas a lembrança.

E as ondas a descer vibrando uma harpa
Outra as brisas vibrando na soidão,
Ambas distinctas — o veneno, a farpa —
Tudo a levar-lhe morte ao coração.

Das sombras no vapor se confundia
O seu cabello; o collo amorenado
Depois, mais, mais nas trevas apagado;
Té que nas noites toda se extinguia.

.....

“Mentiram, que nem nunca foram esses
Já restos Dula, a d'estes valles nossos!
— Talvez me ouvindo estejas. . . se tu desces
Do tecto senhoreal sobre os destroços.

“Os senhores passaram. . .—Meu amigo,
Olha bem para alli! o corpo, a vela,

A negra que pranteia juncto d'ella,
E a miseria! — Foi isto o amor antigo?

“Eu sei como estas coisas acontecem,
E eu podera dizer —

Scentelha leda!

Matiz de luz! aqui d'onde se esquecem
Todos, que vens fazer? — oh! Dulaleda! . .

“E o geniozinho lindo retirou-se
Instantaneo d'alli da luz dos ares,
Queixume zumbidor, que apresentou-se,
E voltou para o fundo dos palmares! . . .

“— Meu cavallo alazão de frechas brancas,
Andar! correr! A estrada da Victoria,
Cheia d'onças, visagens e barrancas,
Quem vence-a, chega a descansar na gloria!”

Quão longa vai! ladeiras pedregosas,
Que é forçoso subir mais lentamente;
O embrenhado feroz. . . vêde a tremente
Ondulação das malhas luminosas

N'um relampago, o tigre atrás da corça!
Pobre da corça! para aquella esvoaça
Sempre a morte — se o indio arco s'esforça,
Ao flanco a frecha; ou como agora passa!

Té contra a morte quer-se resistencia:
Acata ao bravo o raio das batalhas,
E sobre o fraco, a timida innocencia,
Lança-se a fome, partem-se as metralhas.

Surdo sôa o tropel da cavalgada,
Nos terrenos fecundos; mollemente
Brilha ao sol o folhedo translucente;
Das aves se ouve a cânora estralada.

.

“Eis as flores; a planta na alegria
Tem seu riso tambem — quão frescas margens!

Estas correntes, que da noite ao dia,
Do branco leito seu se erguem selvagens

“E ás cheias pluviaes mugindo voam
Através dos sertões, desconhecidas
Dos mappas das sciencias, oh! queridas
Á nossa vinda são! Ainda resoam

“Echos por hi algures, bem os ouço
Dos caçadores companheiros meus —
Como na infancia, hoje eu volto moço
Nos collos bracejar velozes seus.”

Tomado o Guesa d'estes sentimentos
Rolava na onda purpuro-amarella
Á contra correnteza além. Momentos
Em que, vário o cabello á frente bella,

No peito dentro, de ritual antigo
Elle cria a ablução fazer, que é dada
A esse que tem de penetrar sagrada
Habitação da morte, ou de um amigo.

Porque elle tinha a religião formosa
Meiga do hospede, que venera o asylo
Que o acolhera como aberta rosa,
E onde sempre viveu puro e tranquillo.

Porém victimas foram innocentes
A os que dos Edens através deslisam —
Imigos naturaes, sentem-lhe'os dentes
Os alvos pés que na cabeça os pisam.

E de mais de uma porta elle chorando
Solitario saiu. Quando, já tarde,
Depois fez-se entre mágoas a verdade,
Quão longe estava elle! Porém quando,

Sós entre si, os que banido o haviam,
Tinham-se como feras lacerado,
Os tão fraternos quando então se uniam
Contra um orpham — era este inda o culpado?

Eu sei que no paiz, que amara tanto,
 Como em campos queimados a tristeza
 Caiu feral. 'Com o innocente pranto,
 Diziam, foi-se a bella natureza.'

*

*

*

Fôra tomada a refeição da tarde,
 E na ribeira a noite adormecida
 Do Marianno á voz e ao fogo que arde
 Na ramada. Ás auroras a partida.

Cedinho amava o Guesa alevantar-se
 E olhando aos céus ficar, pela alma extactica
 Sentindo do oriente a transcoar-se
 Doce, nativa luz, alva, sympathica:

Partir antes do albor — leda e formosa
 Através do luar a caravana
 Com a vista a seguir, tão vagarosa
 Caminhando na pallida savana;

E no areial rangendo cadencioso
 Dos palafrens o passo; e conversando
 As vozes, — um som nautico e saudoso, —
 Do deserto aos silencios escutando.

Elle então recordava a madrugada
 Em que partiram todos ao luar,
 Como os cavallos brancos relincharam,
 E os adeuses dizendo — até voltar —

Voltara essa creança abandonada
 Dos destinos, que então errante a sós
 Os Xeques piedosos encontraram,
 Que foi o ultimo Guesa á lenda atroz:

N'este mesmo areial (tudo estou vendo)
 Um dia assim, e o mundo illuminado;
 Só não tanto da calma retremendo
 O resplendor solar, nem tão doirado. . .

—Vós, que na lenda, do principio, vistes
O bello, embora a fórma extravagante,
O tractado firmai da paz, que existe
Entre vós, o cantor e o Guesa Errante:

Elle afinou as cordas de sua harpa
Nos tons que elle somente e a sós escuta;
Nunca os ouviu dos mestres — se desfarpa
Talvez por isso a vibração d'inculta

No vosso ouvido. Que aprender quizera,
Sabem-no todos. — Lêde lettras sestras
Quando fóra das leis tambem: quem dera
Que o fizesseis! e os bellos *sons* da orchestra

Não vos levaram ao desdem tão facil
Pelos *gritos*, que estão na natureza:
Disacordes, talvez; d'esp'rança grácil,
Talvez não; mas, selvagens de pureza!

E porque o sejam, palmas que arrebenem
De si mesmas nos cumes aos espaços,
Resulta *insurreição*, que as deshalentem
Céus e que a raios quebrem-lhes os braços?

Aos esplendores da arte desaffeito,
Dos montes o escholar e das estrellas,
Traja apenas sandalia e manto (ao geito
Do Inca), mas d'oiro puro e pedras bellas.

Pois elle continúa, á propria fórma
Do barbaro dominio, a rosea fita
Ou já da historia a lamina, ou a norma
Da saudade, a tragedia ou a vindicta.

Vel-o-heis do amor o sempre afortunado;
A agua mais *crystallina*, os mais rubentes
Fructos são d'elle, os divinaes presentes
Do aureo templo do Sol — pobre Leonardo,

Que accitando os dons, que eram-lhe devidos,
E agradecendo aos céus de os dar tão doces,

Viu na terra os seus dias perseguidos
 Pela inveja dos homens — e aos ferozes
 Brados seus percorrendo Suna ao largo,
 Ao em tórno do mundo, após, então
 Vertido todo o pranto negro e amargo,
 Lhe arrancarem vereis o coração.

*

*

*

Em tanto o cavalleiro, as redeas sôltas
 No pescoço ondulante do cavallo,
 As mãos no arsão da sella, pelas voltas
 Lhe da estrada. Ao natural embalo
 Arfam os bosques; alto o sol vibrado
 (O ginnete, que os passos moderava,
 Assopra e treme ao faro perturbado —
 Rasto inimigo no areial s'encrava),
 Aos elevados ventos se alevantam
 Das baunilhas, que abraçam-se co'a palma
 Quentes perfumes ao cair da calma,
 Que o peito a longos haustos aquebrantam.
 E reboando grandemente as mattas,
 Negro oceano de palmas se movendo
 N'um horizonte d'oiro, e as terras altas,
 Té onde alcança a vista, se estendendo
 (Elle na parte do caminho entrara
 Que é desolada, da aridez da terra
 Da cannarana que ao verão murchara,
 Campos da sede, d'entre o rio e a serra);
 Um céu de azul-escuro sumptuoso,
 Um sol de chammas na amplidão pulsando,
 E da *aura* além no plaino glorioso
 As sombras d'azas rapidas errando;
 Espelhando o areial, vendo-se os ares
 Na vibração das luzes amarellas;

Longe, o fulgor ondeiante dos palmares,
— O espaço um reino das miragens bellas —

Ante a acção creadora abre-se a fronte
Ao genio que se agita, o olhar chammeja
Fixo a um ponto, ou no espaço ou no horizonte,
D'onde a imagem se eleva, e desce e o beija.

.

“Bem pode ser — nas calmas, aos mormaços,
E na terra das rosas, que abram ellas
Em toda florescencia nos espaços
Do ar abrazado, luminosas, bellas —

“Das calmas estou vendo eu a miragem, —
Vingando luzes, fulgorando rosas —
Oh! é mesmo um rosal! vê-se-lhe a imagem
Refracta nas areias espelhosas.

“Do sol co'a vibração vibram apenas,
Recentemente abertas, incarnadas,
Crystallinas, undosas — quão amenas
São as luzentes pet'las de granadas!

“Côres tão puras, que o sentir d'esp'rança
Reavivam dos dias innocentes,
Longe as trevas, na aurora da bonança
Vi no Mediterraneo tão somentes;

“Ou na bocca dos roseos recém-nados
Vivo-sanguinea, fébrea, latejante
Ai! á ausencia de seios, que negados
Por mãe lhes foram; nas romans rorantes;

“Ou nas tinctas tão frescas, tão jucundas
Dos roseos univalves das Antilhas;
Ou em certas dos corações profundas
Membranas, d'onde as mágoas não são filhas.

“Vejo não ser ficção que exista o Eden,
Embora sempre além — d'aquelle ao meio. . .

Um lirio de Jesus ! branco, a que cedem
As rosas, me afirmando, ver eu creio ! . .

“ Só me lembra uma vez ter encontrado
A edenal criação, o de pureza
Lirio na aurea innocencia, unico amado
E que immutavel é na natureza.

“ Foi o que de mais puro eu vi na terra !
Bem foi que eu visse — a mansidão celeste,
Que das cecéns mais brancas se reveste
E dentro o que ha de mais divino encerra.

“ Olhos que habituaram-se com vel-a
Acabam por gravar a imagem n'alma,
Que lá lhe fica interior estrella —
Fonte, de sempre que desole a calma.

“ Feliz do amor que viu a peregrina !
Com semblante tão puro, nunca mais
De dez annos teria uma menina,
Ainda depois do chôro e antes dos ais :

“ Quando na luz lhe chegam dos semblantes
Os anjos da affeição, esses primeiros
E os mais mimosos doces habitantes
Do coração, que se abre sem mysterios

“ Porque a dar nada tem. A presentida
Ventura, que no amor os homens sóem
Ver ou na gloria, as unicas seguidas
Veredas, do erro, e mesmas que a destroem,

“ Talvez, talvez, e a eterna adolescencia
Do coração humano *alli* houvera
Estado — e então na candida existencia
Doce melancholia amor fizera,

“ Como convem a amor em que acordamos
Da infancia ao hymno — eternamente ouvido,
Se á mudez divinal communicamos
Lettras com sêllo d'oiro aos céus batido.

“Fôra talvez a criação do poeta —
A flor, a que se pende, a que cingida,
Tão meigo o olhar, tão doce o rir, tão quieta
Ao peito amante, e a ver-se tão querida

“Quanto querente, aos magos esplendores
De um luar seu dos trópicos, não viu-se
Por brutal movimento dos amores
Repellida infeliz, porque sentiu-se

“Trahido um coração, qual acontece
Ao que amou a impureza. Porém fôra
Ella a flor, — que jamais ver-se, entristece
E a descrença nos traz de céus e auroras.

“Pretende o Hindou salvar-se da vingança
Dos deuses, na innocencia desposando
Seus anjos d’olhos negros; e a creança
Á amada sombra do senhor vingando

“S’inclina como helianto, que ao nascente
Sol se prendendo segue-o solitario,
Calma ou tufão — até que no occidente
Desça com o astro seu. Nenhum contrario

“Sonho illusor de cega natureza
Turbou quem vela na serenidade
Da posse do que não possuir mais pesa —
Mas, terão esses a felicidade ?

“Chammas sonoras, que em mudez perduram
Junctas e opalescentes confundidas,
Que solitarias, sempre mal vencidas,
Em raiva interior nunca susurram . . .

“*Aquella* azas alembra alvi-candentes,
Luminosa a manhan, que sobre os mares
Á branca luz voando, a ver contentes
Ficam os nautas, se abrilhantam os ares.

“E as rosas mais brilhando, mais brilhando,
Ao maior esplendor illuminante

Vê-se terem tocado, e que é o instante
Que da luz foge o espirito, apagando.

“Ondeiam sobre a calma (oh! as aragens!)
Os ethereos rosaes! — Co’o movimento
De um véu de rosas desdobrado ao vento
Vão, oh! vão elevando-se as miragens! . . .

“— Nunca as d’aurora cinnabarias palmas
Nem o rubor em faces innocentes
Extinguiram-se tão esvanecentes!
— Da encandeitada solidão das calmas

“Os accesos rosaes, levando a imagem,
Morada aerea sua, se apartaram!
— Sois, calmosos desertos sem miragem,
Qual nossa alma se as crenças a deixaram.”

Bem foi que visse, que inda veja, quando
Sua alma apaixonada esmorecia
Ao cansaço do andar divinizando
O que terreno é só, que mais queria

Por um eterno amor, e perguntava:
É esta a lei natural? ser-se esmagado
Do mesmo a quem se eleva? Em cima estava
No ar purissimo, e creu-se abandonado!

Co’a vertigem da altura, se arrojara
Aos lodações! Oh! do utero e da chamma
São as leis implacaveis! — porque avara
Ser da sua c’rôa a luz e não o que ama?

Porém viu, que ha o lirio de virtude,
D’alva a perola, a estrella hyacinthina
Que não se apaga, e que antes d’entre o rude
Clarão solar mais luze e é mais divina.

— E as campinas ao sol scentelham pallidas;
O areial transparente os céus retrata;
E esvai-se a de frescura imagem grata
Quando á sede estalando o viajor.

.....

“ Irei beber ás ondas consagradas
Da fonte minha, porque sendo eu perto
Bolham de novo! a gloria do deserto!
E lembrança, que á sede accende o ardor. . .

“ — Olhai p’ra cima! os bosques escurecem
Dentro da azul soidão do firmamento!
Os regatos ouvís e os trons do vento
Saltando nas ladeiras quando descem!

“ Á noite, n’estas Indias do occidente,
Unido ás companhias solitarias,
Se ouvem das rodas d’água, ou da corrente,
Ou d’escravos do quarto as tristes arias;

“ De dia, o canto meigamente doce
Das filhas do casal na alva costura,
Saudoso pela sésta e qual se fosse
Entoadado ao sentir da escravatura;

“ E a noite sonora, ou na harmonia
Do trovoar do inverno, ou dos luares
Nos hymnos formosissimos; e o dia
Todo gemente ás rôlas dos palmares;

“ Á noite, os unicornios madrugando
Longe, as vozes o lago e o campo indicam —
Os homens que andam terras demarcando
Fixam rayas, e o rumo além practicam;

“ Oh á noite! os terreiros animados
Da fogueira ao clarão vasto e selvagem,
E as grandes vozes dos serões cantados
Resoando das noites na voragem! . . .”

E nobremente galopava o Guesa
Pela estrada cheirosa dos palmares,
Que não penetra sol e á natureza
Elevam no deserto a voz dos mares.

Cresceu n'este paiz, o melhor feito
 Para a imaginação que cedo acorda,
 Do deserto e da calma ao puro leite,
 Das harpas naturaes ao som das cordas.

.

“Bemdicta seja a sombra afortunada!
 Bemdicta a doce genial frescura
 Dos bosques meus! Esta é a abençoada
 Recepção, para o berço e a sepultura —

“Da montanha abundante, em saltos varios
 A corrente doirada ouvís sonora. . .
 Já não couduz a onda viajora
 Bella através dos bosques solitarios. . .

“Onde as ondas estão?. . . hi descansavam
 Os que vinham; e a sede refrescando,
 E nos troncos da margem recortando
 As palavras fatidicas, passavam. . .

“Eis bifurca-se a estrada. . . para *léste*
 Não pode ir mais quem vai do occaso á gloria—
 Oh! como a selva se empinou celeste!
 — Través, o descampado. . . — eis a Victoria. . .”

D'estes sitios á entrada o Guesa Errante
 Apeou; aos servos seu corcel deixando,
 Se apressou d'elles em se pôr distante.
 Diziam que então, pallido murchando,

Fôra beijar a terra juncto á porta
 Do arruinado casal, que não entrara;
 Co'o pavor que vê diante sombra morta,
 Se apartando mui lento, se assentara

Triste ao pé do bacurizeiro annoso,
 A abrigar-se do sol. D'esses logares
 Respeitando o silencio religioso,
 Como n'uma oração, murmura aos ares:

.

“Ouço os ermos — ao fundo d’esta calma
Contemplo a intelligencia universal —
Me reconheço alli — vibra minha alma
De Deus no seio, eterno, natural.

“Em Deus vibra minha alma — encandescente,
Qual espectro solar, dentro se irraia
Elle *aqui* — onde pallido desmaia
O que o ver pode nunca e mais o sente.

“Eu sinto em *mim* o que *lá* está — é d’estas
Calmas o que animara esta existencia —
Ha de sentindo estar a Intelligencia
Em si tambem a *mim*—”

Nas bellas séstas,

Mesmo a estas horas, quando abraza o dia,
Cantam gallos na eira, e que os sons morrem,
Que as jurutís mais gemem, que mais correm
Os regatos azues na selva umbria;

Quando o arvoredado extatico elevado
Roja as densas imagens sobre a terra,
Que as horas quédam escutando, e que erra
O lento passo do Senhor no umbrado;

Quando não muge o vento, e d’entre os ramos
Os calidos perfumes desprendidos
Não vão-se peregrinos e perdidos
Longe da verde patria; quando os gamos

Descem do oiteiro e sobre as fontes param;
Que abate o clima perfumado e quente
Aos mortaes; quando no areial candente
Os lagartos ao sol doirados varam;

E que amor sobre os seios desfallece
Das puras açucenas, que tão lentas
Ao amor se abandonam somnolentas,
Ao silencio divino, que então desce;

E que das calmas a região fulgura;
 E que nas fontes a mãe-d'agua canta
 Sobre as ondas de prata entre verdura;
 Que á tanta luz a natureza incanta:

Contava a lenda então (não diz em que anno)
 Que alli nascera morto um roseo verme;
 Que inda além d'isso, do indefeso inerme,
 Unhas cravaram no recente craneo

Amas negras (horoscopo da cr'ôa. . .)
 E o deixaram, qual Romulo, jazendo ;
 Que ao despertar sua mãe, como leôa
 Rugiu! tomou-o ao seio, o olhou tremendo,

Chamando-o á vida! Vivo o Benjamin,
 Quil-o tanto, qual nunca amar se vira!
 Velava-o dia e noite, insomnia e lyra —
 Vós, que mães fordes, heis de sel-o assim.

E o sagrado menino aos hombros d'ella
 Crescendo, nunca riu-se a mais ninguem;
 Desprêzo por desprêzo, a sua estrella
 Separava-o da humanidade — em bem.

E cresceu n'esse amor, que faz mimosos
 Os corações até á crueldade,
 Que os educa p'ra victimas e que ha de
 Nunca mais existir; e os tão formosos

Infelizes trás d'elle toda a vida
 Debalde hão de correr. Ai! triste d'esses
 Que presentem-te, ó summo bem! — não desces
 Dos céus — e elles a terra teem perdida.

*

*

*

Era o solar — um edificio austero
 De espaçosa rural architectura:
 Aos hospedes o lado todo inteiro
 Do norte pertencia, onde segura

Morada tinham e bemvidos foram,
E d'onde nunca se iam sem saudade,
Como d'entre os mais seus; e inda memoram
Todos o acolhimento d'esta herdade.

Ao sul, os aposentos da familia
Assobradados, cheios de agasalho;
E, de angelim co'a rustica mobilia,
Ao meio a grande sala do trabalho.

Ao occidente e á léste eram as bellas
Varandas trópicaes, ás ricas finas
Redes da sésta, ás tardes das estrellas
E ás manhans dos brinquedos das meninas.

Ao lado da familia, e das varandas
No angulo sul-occidental estava
A capella gentil — oh! como brandas
E alegremente trémulas vibravam

As luzes em seu throno dos altares,
Dos escravos aos córos! — escutando
Paravam passageiros dos palmares,
Que iam o meio do sitio atravessando.

Ao pôr do sol, em moitas alvejavam,
Á frente do casal, os bugarís;
Mais juncto, tutelares frondeiavam,
Guardas da porta, annosos bacurís.

Logo após estendia-se a esplanada
Dos verde-negros laranjaes frondosos,
Quadrangular, de sol a sol plantada
Na direcção, e os trivios pedregosos:

Pelos tempos da flor, das lorangeiras
Olhando-se por baixo, amanhecendo,
Alvo se via o chão! brisas fagueiras
Os aromas seraphicos varrendo;

Pelos tempos do fructo, em fulgorosos,
Em globos d'oiro ao sol, ellas estavam

Carregadas, e mais que os fabulosos,
Mais que os jardins hesperios rutillavam !

As senzalas ao de redór, cobertas
Da palma, mui saudavel, mui sonora
Á noite á chuva — alli, n'azas abertas
O pardo beijaflor não dança agora

Ás auras dos fumaes e as bananeiras,
Onde os ranchos, tão limpos! entre-estavam,
Gordos creoulos retouçando ás beiras,
E onde os velhos á porta se assentavam:

Muitos eram — de Archangelo o carpina,
De Martha e de Satíro o bom carreiro,
De Thereza a mãe-preta, de Vivina,
Do avô Domingo' — as tendas, o terreiro.

Nas grotas ao nascente, estava a fonte
Como um astro. — E o paiz todo d'imagens,
Todo vago-incantado, do horizonte
Nos grandes seios válidos, selvagens !

* * *

E deixara elle os sitios tão formosos
Quando ainda pequeno em verdes annos;
E d'esses tempos são os mysteriosos,
Os symbolos que ficam sobre-humanos

Illuminados interior: quizera
Elle tudo contar — quem n'essa idade
Escutasse o que a infancia não dissera,
E a que somente a mãe, toda saudade,

Suppõe-se que entendia ! porque estavam
Sempre unidos: uns olhos de bonança,
Os olhos d'ella; os d'elle se fixavam
Como na luz os olhos da creança,

Na calma, do equador na immensa estrella,
'Oh! eu quero morrer !' balbuciando.

Seu pae sorria; a grande mulher bella,
Co'a tristeza do filho seu chorando.

Natura (aos seus dilectos. . .) lhe imprimira
Signo de um odio eterno; d'onde crê-se
A causa porque sempre reagira
Até que a dominara, como vê-se:

(Extremos d'onda, a amar o que naufraga)
Dera-lhe então uns olhos poderosos
(Qual dentro lhe morasse interna maga)
Na chamma abertos, risos dolorosos,

E uma fronte celestial, e um nobre
Altivo coração, que é da belleza
O solitario incanto — a dor lhe encobre
E tem por patria, a *d'ella* e a natureza.

* * *

Entre outro povo, ás bordas do oceano,
Como a lembrança vem dos que morreram!
E os paes, e os descendentes que se geram
Bem como o foste pelo amor insano:

Eu deixei-te crescendo entre os escravos,
Candida loira flor de liberdade. . .
Reage a natureza da saudade
Da do amor, da miseria e dos agravos:

Tu fôras o bordão de uma velhice
Que a seu tempo ha de ser dupla e mortal,
Tudo presinto. . . o escudo ou a meiguice
Eu não terei de um peito filial.

— Augusta, o choro destruiu-te a vista?—
Até talvez eu cegarei. E então
Mesmo os mares, esta onda que me excita
Communicando a esta alma a solidão

Das bellas vagas, que ao destino a elevam,
Não verei mais. . . periodo de horrores,

Se não vier o embrutecer das dores —
D'estas, que dentro aqui fundas se sévam:

Co'as trevas dentro. . . e vivas e ferozes!
As trevas todas! . . sem olhar aos céus,
D'onde as azues emanações véem doces
Moderal-as. . . sem ver a luz de Deus!

Co'a memoria dos seus queridos mortos
Pode qualquer achar-se á beira-mar;
Mas dores quereis ver a que estes portos
Fecham-se todos, sem da esp'rança o altar,

Sem até d'estes tectos venerados,
Onde a sombra immortal vem visitar-vos,
O abrigo, que nem mais pode abrigar-vos,
Pois tanto cresce a dor aos exilados,

São as de quando vossos meigos vivos
Que eram vossa alegria e vosso pranto,
Vosso amor, vosso amigo, vosso incanto
Da vossa casa védes fugitivos:

Uns, pela intriga d'exterior inveja
Que ás prêsas toma vosso coração;
Outros, que o vosso immenso amor não veja
N'elles o vil, o perfido, a traição.

E deixam-vos a sós, e vos evitam;
E ficais tido pelo que quizerem,
Leproso ou cão: no peito, a se aquecerem,
Sempre veneno as viboras vomitam —

D'onde a calumnia, a filha d'esse inferno
Que céus fôra, e que tabido se exalma:
Teve a innocencia, amor; luz, o astro eterno;
Do alheio mal, teve ella a negra palma.

Da inveja e os cancos em carnal incesto,
Eil-a tomando fórmãs, a calumnia,
De um sorrir gracioso, um fino gesto,
Um vago dizem — 'Vêde a infausta mumia!'

Vêde — na rosea lingua, que innocente
Phrase-aroma, a que a dor toda se aplaca!
Oh! vêde! vêde a bocca pestilente!
Que negra podridão verte a cloaca! . .

‘Justificai-vos!’ De ante a natureza
Humana solitario emmudeceis,
Vendo impuro o sorriso da belleza,
Qual da amizade ao riso estremeceis.

E começam os dias de amargura,
Que vos caem por unico thesoiro —
Oh! nunca abandoneis na idade pura
Montes de corações por montes de oiro!

Duras são as algemas de diamante —
E ai do que a bem dos homens tem sonhado!
Não é dos deuses, mas dos semelhantes
Proprios que elle ha de ser encadeiado.

E começam as noites de tristeza,
Noites do exilio d’alma e da agonia!
Curva-se Atlas á abobada que pesa
Invisivel e tragica e sombria!

Então, na treva a sós e solitario,
Vê que ninguem subsiste sem a sorte
De um outro, em quem se firme — algum amparo,
Um coração, um dardo, ou mesmo a morte.

Ficar sob as ruinas ninguem queira
De edificio por outrem levantado:
Cede o hombro, que atinha-se, esmagado;
E vóa aos ares a subtil poeira.

Da sensibilidade e o sentimento,
Dentro o monstro nutris — real, sois réu!
Tende-o — gemei aos raios do tormento,
Vistes Gorgona, não tornais ao céu!

*

*

*

Por isso, antes do meio da existencia
 Sentiu-se o Orpheu da lyra envelhecido,
 O cabello grisalho, que em demencia .
 Propulsa a dor de um cerebro perdido.

As faces frescas, lhe seccaram pallidas
 Qual se, de dentro o pêsso, as arrancasse,
 De um coração de chumbo; mais vorace
 O rubro labio, o olhar das chammas válidas

(Eram-lhe pardos olhos, oh! preclaros,
 Bellos como os de um deus! tão doce-umbrosos
 Sobre a calma do olhar, tão silenciosos,
 Que inexoraveis, meigos, mudo-avaros,

Em seu amor mortal alimentar-se
 Viam-se bem do quanto desejavam,
 Que d'elles não podiam separar-se
 E mas d'elles á morte se incantavam!)

Elle soffria a eterna dor de quando
 Foi o passado cheio das venturas,
 Que as do presente estão de si travando—
 De que valeu mudança de loucuras ?

Subindo d'astro em astro: 'está n'aquella
 Fronte o condão, que n'esta não havia!'
 Prostrado viu, sempre ante nova estrella,
 Que a última á primeira não valia.

E este formoso espirito divino
 Dos sonhos creador de rosa e d'oiro,
 Que este corpo destroe brutal, indigno
 Da harmonia feliz,— eterno agoiro,

Desolador eterno. . . se estreitando
 E mais e mais os circulos, afflicto
 Pavoroso o viver — quem tal estando,
 Não *quizera* voltar ao infinito? . .

Tudo está no perdão de Magdalena;
 A onda é sempre a onda — e quem se eleva

Sem primeiro cair? Foi dura a pena,
E que fatal se cumpre como a treva!

Porém culpa é das faces incarnadas
Tirando ao coração gloria e valor,
Terra exausta, que á luz das alvoradas
Verdejando da planta estala em flor.

‘Este o trilho. . . que andava o bem amado;
Por onde eu vou. . . é tudo solidão;
Feriu, o ferem.’ Eis do condemnado
A historia — escreve-a cada coração.

— Ergue-te, Peccadora!

E mas, doctores

Da egreja ensinam (illusor socêgo
A si propios talvez, divino e cego)
Que era Deus mesmo, e não filho das dores

Esse que mais soffrera. — Porque fôra
Incompr’hensivel aos irmãos miserrimos
Tanta virtude a um homem, tanta aurora
N’um peito solitario e tanto amor,

Viram-no perfeição de hypocrisia;
Condemnaram-no juizes integerrimos
A tormentos, que dão ainda hoje em dia —
Que a verdade fizesse-se da dor.

Que a face enrubescesse, lh’a cuspiram
Quando pendia triste e formosissima;
Sempre mais, mais ferozes, o despiram —
E era igual a de todos a nudez.

Feriram — era a côr vermelha e bella
Da do sangue de todos, e humanissima
A dor em que corria, e mais aquella
Tremura propria do agno á candidez.

‘É um mortal! . . .’ Ai! como o que mais ama,
E que fôra tão puro, a ser terrivel!

— Oh! *Eli, Eli, Sabackthani lamma?*—

Bem vêde-o aos brados, quando a dor incrível

Sobr'excedeu á humana natureza !

— Que eram sem culpa os homens, elle o viu,

Os maus e o bom. Era a ideal belleza

Que chegava — e sua perda presentiu.

'Sou filho do homem, vosso irmão, que venho:

(Oh! a infamia poupai-lhe d'este lenho !)

Qual pre-sente as procellas o deserto,

Me viram — eis meu coração aberto !

' Penetrai dentro ! é sua a humana sorte—

Saí da treva ! penetrai na luz !

Mas. . . se á coróa é necessaria a morte,

Eia ! aos horrores ! ao flagello ! á cruz !'

Ora o que nunca riu-se, á humanidade

Chorou, e emmudeceu dando o perdão.

— Morto está ? . . . Apotheose á divindade ! —

Contradisseram a Jesus-Christão.

Tremeram de o ter juncto, o separaram —

Quando elle quiz a sua natureza

Entre os seus; porque amando-lhe a pureza

Os homens, que loucuras imitaram,

A virtude imitassem. Nos separam

Na distancia que vai d'homem a Deus,

Imaginosos, que antes alcançaram

Ser compellidos que falar dos céus!

Depois, levando a côr das mães ao rosto

Que o anjo mata á meiga annunciação,

Longe, tão longe. . . n'um milagre exposto

Pondo-o — quem ver mais poude o seu irmão ?

Deixem-no-lo comnosco, gemebundo

Na terra a Via-sacra percorrer —

Ou bem razão dareis ao povo immundo

Que ao desfarçado Deus mandou morrer.

Homem-Deus deixem-no-lo e crucificado;
 Sejam como elle o foi, ou. . . phariseus !
 Vêde que destruis, os do adorado
 Em 'spirito e verdade, templos seus ! —

De qualquer parte e modo, ao coração,
 Multiplicando-se infinitamente
 Da luz os raios, todos convergentes
 Ao fóco eterno — e só glorioso então !

Principios amostrai, só, de verdade
 Absolutos; e não ao interesse
 Do vosso, ou de ninguem; e a liberdade
 De cada qual plantar, colhêr a messe,

Deixai — este é Urano, esta é a Terra —
 Da sombra e da luz, dai a consciencia
 Verdadeira e deixai. Erre quem erra,
 De si, não de sophistas á demencia.

Se não, porque será que o ensinamento
 Vosso produz contrarios resultados ?
 Vossa verdade e o d'azas pensamento
 Dão, amigos, suspeita aos desazados.

Impostores a declamar — deixai-nos
 Da liberdade ao peito a segurança,
 E o meigo entristecer d'essa esperanza,
 Que dá-nos quem melhor tractou dos céus:

Dos meninos o amigo; quando está-nos
 Longe a ambição, fluctuando em luz natura,
 A alma feliz e rindo a formosura,
 Não vós; elle é que está comnosco e é Deus.

Não vós que aproveitais de idolatrias;
 Nem vós iconoclastas, pelo templo
 Em cobranças — schismaticos, o exemplo
 Seguís do mercador, ou do Messias ?

E este habitara lá n'essa floresta
 Onde fôra a alegria; e inda a tristeza

Vi sem ferocidade e sem braveza,
Mas tranquilla, saudavel, pura, mesta.

.

“ Já não sae dos seus reinos incantados,
E nem mais canta ao pino de meio-dia
Penteiando os cabellos namorados,
Com que toda d’esmaltes se cobria,

“ A mãe-d’agua, e sorrindo e acenando
Co’a mãozinha luzente. . . ouçam ! lá canta !
Ouvindo-a estou. . . — Triste, se desincanta,
Mais que o passado é o que está passando.—

“ Eram de verde-mar os seus cabellos,
Das luzes d’esmeraldea pedraria
Ao sol radioso, que ella em mil desvellos
Penteiava dos hombros de ardentia;

“ Labios, flor de rubí; dois astros d’oiro
Seus olhos fascinantes — os fitando,
Todo o mortal enlanguecia amando
E a ver no fundo d’agua os seus thesoiros.

“ A taes horas as mães não consentiam
Na fonte os filhos — n’esses pensamentos
Da bella môça dos incantamentos
E os agro-travos fructos que comiam

“ Nos dolosos palacios os meninos
Que ella levava, e que acham-se nos rios
Quando o sol darda a prumo sobre os frios
Espelhos d’agua raios tão ferinos,

“ Os vapores se erguendo — que produzem
A loucura risonha; e então das margens
Atiram-se nas ondas trás d’imagens
Que vêem, que ai ! só nos cerebros lhes luzem !

“ — Sob as frondosas tendas verdejantes
Já não descansam, pelo chão deitados

Dos ciganos os bandos sempre errantes
E os cavallos argenteos-arreitados.

“Aos banquetes o povo concorria
Das vizinhas fazendas. Ora o digo:
Uma qual solidão eu presentia
De minha mãe no riso meu amigo;

“Nas festas religiosas; nos terreiros
Illuminados; nos serões sonoros;
Do luar no silencio nos oiteiros;
No sino a recolhêr, aos grandes côros. . .

“Tão grande o pranto foi, dos *abandados*
Que as selvas suas a chorar deixavam —
Maldicta a lei, que a escolta dos soldados
Mandou preiar nos que felizes 'stavam!

“Lá fuge o transfuga — Eia! miseravel!
A rebate! aos alarmas! pela aurora! . .
—Ella foi presentida, e doce e amavel,
Porquanto a escravidão aqui não fôra

“Senão familia e paz; e os desertores
Por instincto hi a buscam, hi a esperam.
— Elyseas sombras! zephyros das flores,
Por vós quantas saudades não se geram!

“Foge; das leis a sombra o acompanha —
Sabe-o, que quando a humanidade acorda
Aos sons longinquos de uma etherea corda,
Sempre em sangue de martyres se banha.”

Vão moderando as calmas; do ar incerto
Menos tremulam na aurea solidão
As scentelhas do sol; todo o deserto
Sôa á calada. . . ergueu-se a viração.

E luminosa amarellada vaga
Da luz solar desdobra-se nos céus;
E o firmamento de clarões se alaga,
Alma aereal em que s'involve Deus.—

Jerusalem das selvas, ó Victoria,
 Onde ao collo do amor crescera o Guesa,
 E d'onde, a não ser este que inda a historia
 Vem narrar; a não ser a natureza

Formosa do equador; e os finos silvos
 Que as ruinas repassam, das serpentes
 Nas salas passeiando, sós os vivos
 Successores dos mortos, se os presentes

Ai! não souberam conservar a herança
 De antepassados, cuja posse antiga
 Nobilita ao herdeiro, o ampara, o abriga
 Das promessas dos homens, na esperança

Tendo-lhe forte o coração e isento
 Do desespero e a dúvida; a não ser
 O sol, a sonora voz do vento,
 Tudo aqui vejo a desaparecer!

— Mas, que servem juizes e tutores
 Aos tristes pequeninos sem seus paes!
 Melhor fôra não terem defensores,
 Do que tantas miserias e. . . legaes.

*

*

*

Do sol ao raio obliquo, prolongada
 Vai dos troncos a sombra silenciosa:
 Em tarjas de oiro e negras, a esplanada
 Abriu da tarde a pagina saudosa.

Vem perto a noite — e inda não era dia. . .
 Já é a tarde — eram então albores. . .
 Pois que esta alma se eleve na harmonia
 Da rosea tarde e das ethereas flores!

.

“ A phantastica selva, os horizontes
 Meus me cercam! escuto a independente

Voz dos tucanos. Vê-se claramente
O quanto a natureza ama estes montes !

“ Somente as agoueirias, que partiram,
Ao tempo os ninhos seus abandonaram
Como fontes que á sede no ar deliram —
Ai ! d'aqui todas ondas se ausentaram !

“ Em pouco os bosques haverão crescido
E ninguem saberá mais dos logares
Onde eu nasci, excepto o foragido
E os sem memoria ventos dos palmares.

“ — Romeiro solitario dos espaços
Sobre o occidente em fogo o sol s'inclina;
Já do crepusc'lo os vaporosos braços
Remanseiam nos valles; da collina

“ Chega a brisa nocturna, e doce e triste
Dos frescores das murtas odorosas —
Doce, é doce nas faces, onde existe
Febre, um beijo roçar que sente a rosas !

“ Ante os muros de um céu alvo e magoado
Agora eu vejo as sombras se elevando,
Que entre a minha esperança e o meu passado
Mudas estão. . . talvez de ambos falando.

“ Lá foi-se embora o sol. Roxas violetas
Sobre as aras do occaso se derramam :
E o homem natural depondo as settas,
Como Brutus, nos seios que o reclamam

“ Estende-se da terra, onde descansa
Do afanoso lidar. Elle tecera
De pesada cadeia a ferrea trança,
Proprio artificio, e n'ella se involucera

“ Laocoonte em serpes, que o arrocham
N'esta atribulação —

Resplandecendo,

Tremulos céus em astros desabrocham,
Como oscillando a noite. Aos céus me prendo.

“ Às nôas de trindades estendia
Um anjo as azas alvas da tristeza
Do crepusculo — então na natureza
Que mysterios de amor ! *Ave, Maria !*

“ E baixava na sombra mysteriosa
A Virgem de modestia e formosura,
Humilde o olhar, tão alva silenciosa
Palp’bra ! ouvindo o que a terra lhe murmura.

“ Ó a mais doce imagem de pureza !
De eterna adoração, ó a mais digna,
Que d’entre a estrella e a candida bonina
No crepusculo assoma á natureza !

“ Na harmonia formosa, d’esse enlêvo
Á sombra alada no ar alva tremente,
Toda cheia de graças, oh ! consente
A alma se embevecer ! — o impuro, o sévo

“ Separas da existencia; a divinisas
Co’a tristeza ideal que tens do Deus —
Oh ! aos incantos de tuas faces lisas
Como saudades sentem-se dos céus ! —

“ Ora, á noitinha os bugarís cheiravam,
E os laranjaes tremiam prateiados !
E eram da Biblia os cantos levantados
Para os céus, que o deserto abençoavam.

“ — Lá estão, meninos ! — Do casal á porta,
Olhos-azues ancião de barba branca,
Temente a Deus, do que aconselha e exhorta
A voz co’a lenidade, e a testa franca

“ Do que é nobre senhor, meu pae dizia:
Vejam as rosas mysticas tão bellas
Da corôa formosa de Maria !
Pois este aroma que sentís, vem d’ellas

E percorre as esferas ! olhem Taurus !
O torto Escorpião ! e a linda môça

Que lhe da úngula salta, os crespos lauros,
É essa mesma conhecida nossa

“Que vem comer a ceia dos meninos
Que andam só a correr! vêde o Cruzeiro
Do Sul, o d'esta patria co'os destinos —
Que o honre todo o peito brasileiro!”

“E este deserto foi sanctificado
Aos côros sacros, do Evangelho á gloria:
Por isso hoje os que os ferros hão quebrado —
Quem não teme os quilombos da Victoria?”

“Os que a si proprios se libertam, correm
Ás sagradas florestas; hi se acoutam
E endurecem montezes; se pernoitam
Na solidão, ao menos livres morrem.

“Não ha mais fertil bosque e mais profundo:
Os fructos caem, anda mansa a caça,
E d'onças a muralha negra o abraça,
Que impenetravel torna-o para o mundo.

“Oh! que ha virtude nos rebéis fugidos,
Que a sociedade deixam dos escravos
Pela da fera e os mattos! vis ignavos
São d'estima os comprados e vendidos.

“— Piam annuns onde eram os dias sanctos
A alegria dos ares e os caminhos,
Que em vão procuro na canção dos ninhos
E das palmas na voz, que alembra prantos;

“E nas eiras colheita preciosa
Descarregando, os carros cantadores,
Musica do horizonte harmoniosa
Ao coração feliz dos lavradores;

“E nos patios outr'ora sonorosos
Aos tambores, que ledos amanheciam,
Os escravos em brancos e vistosos
Trajos, que mais a côr do preto abriam

“ — Desde que estes logares tão queridos
Foram deixados pelos imprudentes
Passos da minha infancia, os innocentes
Dias do meu principio estão perdidos.

“ Foi por manhans seraphicas e puras,
D'essa ineffavel luz que as manhans vertem. . .
Mas, se os passos transvãos se convertem,
De novo o templo entrei das espessuras.”

Caindo a noite, a solidão respira,
Poisam as brisas nos bacuriseiros;
Sustam a marcha, que inconstante gyra,
Reconhecem o sitio os cavalleiros.

Sae das ruinas do casal e mansa
Nos alpendres desertos a serpente,
Bella e lúbrica e óndula, indolente
Solitaria vagueia — e lá descansa:

E aos plumbeos raios de uma tarde triste
Os lucidos umbrosos elos brilham,
E pelo tronco em voltas s'envensilham
D'arvore secular, que ainda existe.

Co'as sombras, vaporosas as ramagens
Se confundiram; vastos tremularam
Cheios d'astros os céus, quando as imagens
Todas do dia ás trevas se passaram.

*

*

*

Noite. Está reclinado o Guesa Errante,
Olhando, — as grandes selvas se aclararam
Á fogueira que accesa foi distante. . .
— Gritam das ruinas ! as soidões gritaram !

E luzente na noite, para as chammass
Vôa longo sibilo, serpentinos
No ar desatando laços repentinos,
Phosphor nas bruno-lucidas escamas,

E á fogueira lançou-se, do ar alado,
Surucucú-de-fogo! — oh! como ouvidos
Eram os funestos aridos 'stalidos
Dos seus ducteis annéis, o incendio ateado!

Oh! como a chamma e a cobra, tormentosas,
Uma á outra involviam-se raivando
Por mútua antipathia! — E mais luctando,
Mais, deslocando as achas resinosas,

Em labareda as chammas se laceram, —
Que ao meio d'ellas, rubida, convulsa,
Se esmalta a cobra e relampeia e pulsa,
Desdobrada espiral! — Emmudeceram

Do Guesa os servos, que dispersos foram
A principio e bradando amedrontados;
Grupam-se ao longe; emquanto os apagados
Incendios vêem brazeiros que descoram.

Mas, desondeiando pela terra o açoite,
A cobra, em todo o orgulho de serpente,
Alça o collo; e ciciando, e lentamente,
O Guesa a vê passar través da noite;

E luminosa e como se se houvesse,
Vencidas chammas, accendido n'ellas,
Traço de luz, lhe nota as malhas bellas
Do vermelhão, que ás iras resplandece.

Ora apagou-se; e d'um brunido umbrio,
Penetrou das ruinas na caverna:
Lá, viva tocha o craneo, vela eterna;
Os viandantes a vêem — quem nunca a viu?

Umbrosa e tarda, á do silencio guarda,
Oh! paz e amor ao genio bom dos lares,
Que a luz offende, que importuna accende
Prodigo filho, a dor d'estes logares!

*

*

*

A dor foi longa, viu-se a pausa que houve —
 E continúa o Guesa, tristemente
 A fronte a alevantar, que tão pendente
 Taciturna caía —

“Deus se louve !

“Passei os oceanos tantas vezes,
 Que fiz d’elles a patria predilecta
 De um coração (e a terra em flor aberta)
 Que a não tinha entre os homens, entre os mezes.

“Hoje ninguem podera separal-o
 D’essa patria de mar e céus, que exila
 D’onde o homem trae, d’onde a mulher scintilla
 O meigo olhar. . . bem que vivera a amal-o.

“Tambem amam as ondas de turqueza
 Aos seus naufragos; mais: n’estas se esquece
 Que o tempo corre, n’estas se adormece
 Fóra d’elle, ao olhar da natureza.

“Sagrados bosques ! eu devera um dia
 Vir saudar-vos; portanto, estão completos
 Meus longos passos. Tutelares tectos
 Do lar deixado, que me protegia !

“Não tróco o vosso amor tranquillo e fundo
 E o meditando estar á grande sombra
 D’esta desolação que se descombra,
 Que em terra dá, pelo melhor do mundo !

“Deitado a sós na solidão das flores,
 Eu contemplo a harmonia das estrellas:
 São as constellações formosas, bellas
 Como as c’rôas dos tempos dos amores.

“Terra! ó mãe! que a resignação da crença
 No alvo silencio tens dos seios teus —
 Era aos homens somente a indiferença,
 Nem deixo aos outros meu quinhão dos céus !

“Se aproximam nas sombras transparentes
 As imagens d’outr’ora, me rodeiam —

Nem contentes estão nem descontentes,
Mas inspiram saudade e silenceiam.

“Na viva terra eu deito-me qual morto
E alevanto minha alma para Deus;
Como o Christo também tenho meu Horto,
Onde livre derramo os prantos meus.

“Ha um tempo na vida em que as estrellas
Alvejantes do cinto de Galáxia
Nos florescem na terra, e as sendas bellas
Corremos cheios de fortuna e audacia:

“Porém, dos céus azues cedo se apagam
Os fúlguros caminhos. . . e á lembrança
Vendo ficam-se as sombras, que divagam
Lá, dos justos na bemaventurança:

“E o luz-negro cabello e a branca fronte,
Pelo sol do deserto já queimados,
Quando os dias d’aurora no horizonte. . .
— Corram elles! porém, mais apressados!—

“A mim por um seu raio os sóes tomaram;
Por um astro entre os cumes, entre as tardes,
Os céus; por meteóro, as tempestades
Íntimo das espheras me saudaram!

“E a linguagem eu sei mystica e bella
Das noites aprendida no deserto;
Da natureza eu leio á luz da estrella
No livro universal, que tenho aberto.

“Da noite a negridão quanto é formosa!
Pura, quão pura a auri-estrellada treva!
Da terra aos céus, na sombra vaporosa,
O espirito immortal se expande e eleva!

“Que socêgo na terra! se lhe sente
O pezaroso, o respirar profundo
Em que desprende vida para o mundo,
E d’elle absorve a morte: levemente,

“ Qual navio, por noite de solstício
 À sombra transparente navegando
 Ao mar alto, espectral, e que ao bulício
 Das vagas mal percebe-se jogando,

“ Sente-se-lhe o equilíbrio do balanço
 Pela revolução.

Ouço as estrellas,
 Da celeste concordia no descanso,
 Em seus assentos, practicando entre ellas.

“ E as estrellas desmaiam. D'além montes
 Frescas emanações d'alvas da lua,
 O riso, o incanto das doiradas fontes,
 Tingem dos céus de seda a face nua.

“ Quão branda viração move a folhagem !
 Qual por manhãs, os trinos na espessura
 De quando em quando — do silencio a imagem
 Toda occupa a soidão. Remonta a altura,

“ Já dos bosques despindo os negros cintos,
 Soberbamente a lua magestosa !
 Patria de amor em campos de jacinthos,
 Enlévos da donzella harmoniosa :

“ Do céu negro-azul-aureo sobe ao throno !
 Se desdobram em chammas os luares,
 Formosa palpebra em mavioso somno
 Que os olhos cerram da soidão dos ares !

“ Ó noites de alabastro ! ó brancas noites
 Do equador ! Que de imagens não fluctuam
 Quando as nuvens, em pallidos magotes
 E a vida em negras vagas, não estuam ! . . .

“ — Ouço. . . através dos luares se deslisa
 Alguma aerea fórmula, que á tal hora,
 Triste viajante da nocturna brisa,
 Á terra talvez desce, antes da aurora !

“Dos que passam eu ouço as vozes querulas
Através do luar. . . voltou a sede —
Oh! oh! como terrível! quando em perolas
O orvalho brilha e se derrama e perde!

“E os arvoredos que de dia aos ventos
Torcem braços no ar, que aos céus imploram,
Ora, como implacáveis pensamentos
Da terra, se erguem, umbram-se e deploram.

“Rolam dos grandes ramos pela terra
E se estendem as sombras silenciosas:
Sempre que pelos cumes se decerra
Maior luz, caem ellas mais umbrosas. . .

“ — Da lua ás argentíferas esferas,
Aos conductores crótalos cantando,
Movendo as azas vão livido-ethereas
Os gansos docemente viajando —

“Lá vão elles! — as vozes pelos ares
Longes, teem d'harmonias mysteriosas
Das sideraes soidões — oh! quão saudosas
São pela esphera as vozes aos luares!

.

“Dormem os pagens; eu cansei-os todos;
Viram a minha solidão, — fizeram
Da noite o fogaréu, e por taes modos
Soltando a cavalgada, adormeceram.

“Os ouvi de clareira e encruzilhadas,
D'onde partem ramaes p'ra todos pontos,
N'esses baixinho murmurados contos
Dos phantasmas, dos Indios e as mandadas.

“Bem hajam os que respeitam a tristeza
Em que o bardo recolhe-se! . . o Imigo
Não foi a do Horto perturbar: e eu sigo
Co'a mente a humana historia — e como pesa

“ Ver uma esposa, um ente de doçura
Fazendo o que nem fez o Reprovado —
E ruge o sabio mundo, horrorisado
Contra os que á sombra *criminosa* escura

“ Se comprazem de estar a sós scismando !
' Scismando em que? porque? se á bolsa, á mesa,
Se ao leito nada falta-lhes — e estando
Como a conspirar contra a natureza ! . . '

“ Tão socegado eu repoisar quizera !
E somente contemplo este socêgo —
Se eleva o fumo do tição que ardera,
E elles descansam; eu á dor me entrego.

“ Da dúvida, á descrença, á impiedade,
As sciencias dos homens me levaram :
Loucos os que se vão á sociedade,
Que hi procuram o que ahi nunca encontraram !

“ Senti meu coração se resfriando
Como ferida que produz o açoite,
Como meteóro rubido cortando
Os seios mudos de uma eterna noite:

“ O réu de sempre ! mesmo quando passe
Na solidão, ignoto, ao proprio abalo !
Eu sinto o dom celeste abandonal-o —
Cedo a alegria o abandonou e vai-se !

“ Resta a noite polar, esta alma triste
A estender-se por sobre a terra immensa,
Pedindo, ao menos dê-lhe a indiferença,
Ao que não deu-lhe o olvido e eterno existe. . .

“ — Que horas serão ? Eu vi da lua o rosto
Amplamente alvejar de além do Marianno;
E já tombando vai do lado opposto —
Terei passado a noite n'este insano

“ Recordar, e que assim sempre me deixa ?
— Quanto ! quanto fizeram-me soffrer !

Levar de mundo a mundo, que nos vexa,
Os bens de nossos paes, té os perder. . .

“Nascer-se nobre e haver muitos captivos,
Terras vastas por campos e por montes,
E ouvir ao campo, ao monte, aos ventos vivos
Dos céus, aos astros: ‘estes horizontes

“Todos, todos são teus!’ E ver adiante
A gloria; o largo mundo já pequeno
Para tanto infinito; e este diamante
Da vida virgem. . . vil putrido seno. . .

“Serem causa de toda esta desgraça —
Fazenda, esp’rança, mocidade, amor
Perdidos — e deixarem-vos na praça;
E vós. . . tendo a pagar muito favor. . .

“Ouvi-me: quando o amigo, o irmão disser-vos,
‘Abandonai vosso casal antigo,
Deixai ruinas, vinde a nós, amigo,’
Não ide! estai-vos d’entre os velhos servos,

“Que vossos paes serviram e vos amam;
Oh! nunca ide comer o pão alheio,
Que a sociedade não perdôa! ou clamam
De vossa alma, ou tereis qual tenho o seio. . .

“Sinto molhado o manto pelo orvalho —
Onde está meu cavallo? o meu amigo,
Esse, que aos cimos leva-me, onde espalho
Alma, e tambem porque soffreu commigo.

“Ai! infelizes vós, que a má vontade
Co’os eleitos dos deuses practicais!
Guardam elles aos seus, que á divindade
Vão-se; e co’a marca do Ímpio vós ficais.—

“Seja. Tire-se a sella ao meu cavallo;
Erre elle livre montes e campinas;
Que á outra mão não ricem-se, a afagal-o,
Sobre a cerviz doirada argenteas crinas

“Que em negra luz seus olhos a avistarem
Inimigos, de limpídos, solertos,
Selvagens resplandeçam; e disparem
Sonoros pés coiceando nos desertos!

“Cheio de gratidão, deixo-o saudoso —
Alva fragrante estrada, o campo, os ares
Nunca mais correremos — este o pouso
É derradeiro. . . —

Aos magicos luares,

“Ainda eu fôra amostrar, como a scentelha,
A quem podesse erguer-me esta ruina,
Onde eu amava á minha irmã mais velha
Ouvir o canto da sua voz divina;

“Eu amostrara a placida ampla sala
De meu pae; e onde, e onde tresvairando,
Meu Deus! ao typhus que na frente estala,
Eu me apertava á minha mãe gritando

“A tremer ao que eu via, e que inda vejo
N’essas noites da febre e do delirio!
E ella já muda e louca e sem mais beijo
Nos labios, vendo se finar seu lirio. . .

“Oh! procellosas massas impalpaveis
Se dissolvendo, sem arruido, pallidas,
No cahotico espaço, lentas, válidas,
E rolando e massias e implacaveis,

“E subindo, e subindo ao mais remoto
Céu! descendo, e descendo ao mais profundo
Abysmo! e n’esse horrivel, injucundo,
Arido, ermo oceano, vivo, móto,

“Eu confundido, eu elemento, eu vendo
A mim vaga-Pallor, Eternidade —
Via eu claro — oh! que soffrer horrendo,
Para sentir-se um raio da verdade!

“Banhado de suor, doido, perdido,
E a gritar, e a prender-me ao seio amado,

No meu terror ao que é desconhecido. . .
A aterrar minha mãe. . . —

Oh! o sagrado

“ Vulto! lá vem! . . co'os dois fios de pranto
Como crystaes luzentes pelo rosto,
De quando emmudecera! . . Fui o incanto
Ver depois nos rochedos ao sol pôsto. . .

“ E os olhos mudos por silencio bello,
Os olhos como os meus; o andar sereno,
O porte varonil; do hombro moreno
Ao em torno a pender-lhe o indio cabello;

“ E a régia fronte, altiva, alevantada
Como a de um genio — eu te reconheço!
E porque sinto n'alma que obedeço
Ao teu olhar! em nada estás mudada —

“ As saudades de ti sempre revivem! . . —
Flores. . . s'infloram nos luares d'oiro
(Que do sentido os astros não me privem!)
Anjos. . . os laranjaes. . . todo o thesoiro! . .

“ Dona Maria-Barbara. . . o teu filho
Voltou um homem, como tu disseste;
Muito venceu! e c'rôa outra celeste
Não teve além da a que ora a fronte humilho. . . —

“ Ella já viu-me, e está tranquilla olhando,
Tão calma para mim! a imagem sua
Toda a mesma! . . somente agora estando,
E mais ainda co'a soidão da lua,

“ Quão saudosa! — a mudez dos outros mundos —
Onde não vão da terra os que a miseria
Souberam illudir, risos jucundos —
Calma feliz dos céus, saudade etherea!

“ Do firmamento no regaço estás. . .
Ha pois a eternidade da existencia —

Eu receiava. . . com a dor immensa
De que se os mortos não se vissem mais! . . . —

“ Por entre as alamedas vai gemendo
Do laranjal em flor — bem como outr’ora,
Divagando a gemer. Ouço. . . mas vendo
Já nada estou. Mas era a incantadora,

“ A bella imagem sua que alli ’stava. . .
Gemendo vai — os luares se resentem
Da dor. . . e longe, e perto . . . — ia, voltava,
Nos outros tempos. — Se os ouvidos mentem. . .

“ Não ouço mais! . . . — Seriam dos gemidos
Que eu tenho n’alma? que hão de repetidos
Ser no porvir. . . d’infante abandonado
De céus e terra e um. . . mais desventurado?

Qual devo ser, tão calma, tão sombria
Ella alli estava. De sem par belleza
A magestade: tal, nas da alegria
Não, mas nas grandes horas, natureza

“ Ostende do luar! Ajoelhado
Se abria o coração n’essa doçura
Ineffavel das bençams, e o sagrado
Maternal agasalho, e a vida pura.

“ — As harpas immortaes em vão teem dado
Ao que apparece aos que na terra ficam
Uma voz, e que ainda magnificam
Do tremendo soffrer do além penado

“ Em terriveis ficções. Seguem dos ventos
A lei, das vibrações dos corpos vivos,
Do peito o odio, ou os retumbando activos
Insomnios mares. Não, dos firmamentos

“ A linguagem é outra; qual da estrella
A luz, ha de talvez falar o espirito;
A terra é que resôa do infinito
Som, da dor, do amor fundo que a flagella.

“ *Lá* — a sagrada calma, a eterna calma,
 Onde a voz fôra perturbar o incanto —
 Feliz quem á mudez se eleva da alma,
 E a terra aos hymnos deixa, aos sons, ao pranto !

“ Que, para me ensinarem, elles sabem
 Homens qual sou ? — dos céus, certo, que os olhos
 Se, para a terra se voltando, se abrem,
 D’ella fôra os não vêem; vermes-abrolhos

“ Porém, na negra massa a embalos dentro
 Das redes do sol no ar longe lançadas,
 Em si gyrando a propulsar do centro
 Vida, que á luz anima-se — animadas

“ Odes da terra a um só destino’ — a morte —
 Que elevam-se na acção do movimento,
 Tomam fórmás gentís, última sorte
 No eterno edicto do aniquilamento.

“ É muito tarde. A lua está pendida,
 Visivelmente a côr mudada; a chamma
 Bella da frente, em lucido-polida
 Lympha, o crystal tão puro, qual a trama

“ *Cerulea* visse-se através. O d’oiro
 Luar, em luz de perolas e lirios —
 Oh! como o tecto incende-se, e tão loiro
 Ao em torno se inflamma o céu. . . Delirios !

“ Febre não tenho, não; zephyro brando,
 Brilha a amplidão dos ares; e mas sinto
 O horizonte em redór cambaleiando —
 Oh! ao longo ondeiar vê-se distincto

“ O tecto do casal! . . . Oh! se descombra !
 Abre-se ao meio! os ang’los cedem, vão-se,
 Hiante o gôlfo ! a lacerada sombra
 Enchem destroços, que uns nos outros dão-se,

“ Que uns aos outros se abatem, que se somem.
 Surgem, dansam, que rolam do ar, pendendo

Em seu dia final, que se consomem
No abalado sepulchro — que tremendo
“Estala, e range, e se esconjuncta, e inteiro
Rue colossal por terra! Os céus reboam
No horizonte do mundo, e pó-nevoeiro
Noite escurece! Ruínas se amontoam.”

Assim do coração quando baqueia
Se derramam as sombras pela terra:
Embalde a aurora do equador se ateia,
Rasga-as de luz, que as sombras não decerra.

E nada, d'este canto, se conserva:
Já os viandantes ultimos passaram;
No deserto depois cresceu a selva;
Sobre a Victoria os ventos ondularam.

CANTO SEXTO.

Nos portos do oceano, setinosas
Azues-luzentes velas se ferrando,
Os salvados das costas procellosas
Desembarcavam. No ar circumvoando,

Vivo-escarlatas indolentemente
Os guarazes á luz dos céus traçavam
Coroas de sangue. Á praia transparente
Viridantes os mares se quebravam.

Como as cem mamás naturaes de vida
As arenosas dunas, alvejantes,
Selvagens, virgens, poncteagudo-erguidas,
Altos riçavam muros de diamantes:

Era a ilha sempre-Eden, sempre-verde,
Onde abria o rosal á natureza,
Crescia a palma que nos céus se perde —
Ao Sol dos Incas s'incantava o Guesa!

*

*

*

Elle saltou em terra; foi seguindo
N'um caminho d'estrellas; sons ouvia,
Vozes n'alma cantando; e lento e ouvindo,
Elle parou á doce melodia.

Veiu o genio insular ás horas magas,
Disse: 'da calma as sombras s'estenderam,
Os cajuaes perfumes desprenderam —
Vem para as sombras, náufrago das vagas !'

Era um genio formoso — vendo-o o Guesa
Responde: "irei contigo ao fim da vida!"
Era a Ilha do Sol, sempre florida,
Ferrete-azul o céu, brando o ar pureza

E vias-lacteas sendas odorantes,
Alvas, tão alvas ! E ia ao lindo genio
Acompanhando o náufrago ás distantes,
Ás sombras puras do paiz edeneo.

E o genio trouxe-o a afortunado umbror;
O alimentou dos dons dos fructos gratos;
Deu-lhe beber as ondas dos regatos
E disse-lhe: 'da terra és o Senhor.'

.
.

À GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA

CANTO SEPTIMO.

.
“Adeus ! adeus ! — Antigamente quando
Os puros braços de nevosa alvura
Eu d’estas barras via, lampejando
Lá d’aquella collina de verdura :

“E que eu, perdido naufrago do mundo,
Então na eburnea praia ajoelhava
Abençoando o céu, que a mim rojava
Do mar, d’encontro nos parcéis profundos. . .”

De pressa, minha filha, vê de pressa,
Porque tudo passou, tudo nos foge,
(O delirio prendeu minha cabeça,
Eu jamais crera n’este dia d’hoje!)

Como tristes entreabrem-se as janellas
Lá da meridional varanda nossa,
Ninho alcyoneo teu, das mãhans bellas
Onde brincaste (e que mais nada me ouça)!

Vai brincar no convés — sonora prôa,
Corre — vai ver as ondas como saltam !
Como canções o marinheiro entôa !
Como as auroras todo o mar esmaltam !

— Bem alto o alevantei, castello-tumulo
Ao melhor dos meus dias, que alli jazem
Dos esplendores levantei-o ao cúmulo,
Onde a belleza e os genios se comprazem.

Nunca o vi tão risonho como a esta hora,
Branco, altivo-empinado, se mirando
Na vaga anil e nuvens. . . Deus! á aurora
Fita escarlata os muros lhe enlaçando,

Lembra o de sangue vínculo luzente
Que á noiva alva dos mares degollasse
A garganta formosa, e eternamente
Do amor divino a vida se acabasse!

A rosa aberta, em meio dos verdores
Está da margem, como os que se amaram
Púrpuros corações, os tão de amores
Vicejantes outr'ora! — . . . “Oh! Escojairam!”

E elle estendeu a mão: porque acenando
Não viu mais como outr'ora os alvos lenços?
— Mas, sempre a rosa abrindo, enamorando
Onda e ermo e amplidão de céus immensos!

Elle estendeu a mão, qual se quizera,
Sempre voltado á 'quella terra em flor,
Ao movimento que ao partir fizera
A nau, prender-se á patria — . . . “Oh! Equador!”

Laceravam-no as mágoas da partida,
Que bella viagem ou feliz chegada,
Emoções novas, nunca mais a vida
Lhe tornaram ao todo compensada:

Que importa cosmópólita maldicto
Seja o homem na terra, quando cheio
O peito das imagens infinito
Transporta, a lhe luzir, do mundo ao meio?

As queridas imagens dos logares
Onde vira o sorriso da innocencia,

Que não mais encontrou — celestes lares,
Que elle internos zelava e na existencia

Por vezes lhe formavam mundo á parte,
Onde se comprazia á sós de estar
Com *todos*, vendo *tudo*, e de tal arte
Aos Xêques, que não soube perdoar. —

E rugiu a procella ; aos altos mares
Qual um negro destino, o arremessou !
— Mas, longe as franças d'ouro dos palmares
Vendo e a costa alvejante, se elevou :

.
“ Que poderosos são do vento os braços,
Da vaga os hombros, quando estala o norte !
Reina o tumulto, movem-se os espaços ;
Mas, soberba-os o coração do forte ! ”

Á rampa do castello se agruparam
Á beira-mar os servos — silenciosos,
Como não ha silencio — harmoniosos
Quando servo e senhor se separaram.

E os que das tórres viam a partida,
Voltaram de uma vez — ‘bôa viagem!’ —
Toma ar feroz a máchina atrevida,
Das ondas cavalgando na voragem :

Sobre as espumas, como se levada
Pelas parellas de cavallas brancas
Mordendo os freios, agoitando as ancas,
Rompe a dos mares gloriosa estrada !

.
“ Oh ! a estrada de gloria ! Desdobrai-vos,
Bellas azas da minha liberdade !
Longe, mui longe iremos ! elevai-vos
Alto — da terra, além das tempestades !

“Volto ao reinado meu, nos oceanos
 Povoados d’imagens eu govérno!
 Longe iremos — bem paga tantos annos
 D’ausencia ao peregrino o mar eterno!”

Porém, quando elle viu que se afundavam
 Dos mares ao través os alvos arcos
 Dos combros arenosos, que ficavam
 Indistinctos os morros de São Marcos ;

Que do iris derradeiro do horizonte
 O aro fez-se luzente e se perdeu,
 Então, entristecendo a branca fronte,
 Triste mais do que nunca, lhe pendeu.

.

“Fui no templo ; beijei a sepultura ;
 Purifiquei minha alma na partida ;
 Carga ao hombro tomei sagrada e pura ;
 Pedi forças aos céus, e á terra vida.

“Ao me ver minha irmã p’ra longes terras
 Partir, deu-me os adeuses da saudade
 E este anel, que por mares e por serras
 Me acompanha — é de amor do meu amor :

“‘Foi de tua mãe ; é teu, ella dizia,
 E irá contigo’ — Como da amizade
 Fundo resôa a augusta melodia !
 Poisa em meu peito, maternal pinhor ! —

“Ai! partir sempre e sem chegar mais nunca
 Aos portos onde o vento e as ondas chegam !
 Aos portos onde soltam ferrea adunca
 Homens a âncora e aos céus dos seus se entregam!

“Para minha alma os portos se fecharam,
 Qual á bandeira negra de navios
 Ao contagio empestados, que se olharam
 Sem rumo á tarde, ao mar, aos ventos frios

“(E os corpos do escorbuto apodreceram
Aos vivos no terror presenciando
A decomposição sua ; e ergueram
A bandeira da morte, afugentando

“D’elles tabidos, putridos, os corvos
Que os sentem, do horizonte veem, que os mastros
Revoando rodeiam — anjos torvos
Aos moribundos ao pallor dos astros ;

“E todos eram bons ; nem delinquiram
Olhando ás chammas, profugos de Lot ;
Bonançoso era o mar — que pois se inquiram
Causas de tanto horror, do Deus de Job)!

“Seguindo uma illusão entrei no mundo —
Quão bello o amanhecer da sociedade !
E odio fatal, que vem de amor profundo,
A luz desfez do Deus da eternidade !

“Para o errante desterro, para a lucta
D’exterminio, sou gladiador, eu sigo :
C’rôas produz a terra, que sepulta ;
E ao que dentro de si leva o inimigo,

“É-lhe arena o universo — em qualquer parte
Pugnam, cruzam-se os peitos aos destinos,
Já sangrando ao clarão do astro de Marte,
Já podendo ser surdo á fôrça d’hymnos !”

Da discordia, a contrária á natureza,
No coração a braza negra, ardente,
Vai sem socêgo, sem repouso a mente,
De plaga em plaga compellido o Gueza.

*

*

*

Incomprehendida dor tomara toda
A grande alma infeliz. Aos ares seus
Entretanto o disseras, vendo-o á borda,
Domar as ondas, dominar os céus.

A tarde entristeceu; aos plumbeos ares
A sombra do crepusculo elevou-se,
Quando o sol hibernal rodando aos mares,
E sanguento e sem raios, apagou-se.

Vem com seu capote branco
Linda e leda e peregrina,
Em meus joelhos s'inclina
A filha de tanto amor:
Grita, acena ás andorinhas
Que aos mares rente revôam,
Como á naufragios fragôam
Da espuma que estala em flor.

Revôltas rompam-se as vagas
Em redór, que ella socega,
Não tem medo e mais se achega
Ao amparo paternal:
Mas resente-se a creança
Das sombras da natureza,
E a loira fronte em tristeza
Pende ao somno angelical.

Por sobre a prata das aguas
Vão ao longo das restingas
Navegando as vigilingas
Á siderea viração:
Dos indios nautas ao canto,
Mais tranquilla, mais tranquilla,
Dorme ao astro que scintilla
Dos céus na azul solidão.

A noite adormecendo minha filha,
De borda á borda eu érro na coberta;
Dos mysterios da sombra sou vigilia,
Venho fazer meu quarto — alerta! alerta!

Á noite sempre ouvi falando os mares,
Alguem chorar na voz triste do vento,

Vagindo a estrella longe além dos ares,
Triste, infantil — a dor do pensamento!

* * *

Da natureza a vida eterna pulsa
No resplandecimento das estrellas ;
Caem palavras trémulas e bellas
Ao nocturno fulgor ; á onda convulsa,
Noite de abril tornando-se formosa,
Que as do verão mais pura, ao grande inverno
Negrejante, diaphana, estrellosa,
Extranho o scintillar, o móto eterno,
Reflecte-se nas aguas ! oh! profundo
O phantasma dos céus vê-se incantado
Ao seio amplo mirifico de um mundo
Aonde o espirito vòa, enamorado
Da bella patria ! A nau fica mui alta,
Qual suspensa na treva transparente ;
As aguas, mui profundas ; adjacente
Negro o espectro das margens no ar se exalta.
E dos lumes á negra luz, os grandes
Astros no espelho magico das aguas
Negro-scintillam ; de negro oiro esplande
Da ardentia o clarão rodeando as fraguas.
Aqui, na Creação a natureza,
Genesisico fragor ! ainda abre as veias
Da terra á virginal selvatiqueza,
Onde dos Naturaes foram aldeias —
Oh! d'entre selvas, luzes teem o incanto
De terras novamente descobertas
Que os dons aos mares mandam, das florestas,
Que recebe o navegador em pranto !

* * *

Das verdejantes alvas no oriente,
 Certo como a palavra do selvagem,
 Rompe o sol, banha de rubís a ardente
 Do fogo equinoxial pomposa margem!

Ora occultam-se os raios; ora irraiam
 Mais 'sbrazeados; e occultam-se na nuvem:
 Embora iguaes os dias sempre cáiam
 Dos céus, sempre igualmente elles não luzem.

Em tanto, á sombra dos cocaes frondosos
 Os alegres meninos entre os gados,
 A casa da familia, os deleitosos
 Verdes sitios da granja auro-arrelvados —

Tal é o último quadro, o mais risonho
 Ao coração na marcha aventureira,
 Que vê o Guesa Errante, como um sonho,
 Deixando a natureza brasileira.

N'alma o conservará. E elle cingira
 O derradeiro amigo em mudo abraço,
 Que era a patria abraçar. E então seguira
 Para o lado septentrional do espaço.

.

“Do peito do homem, que n'esta hora apérto,
 Conheço a vibração pelo tranquillo
 Harmonioso bater, que, em meu deserto
 Constante, a amar habituei-me, a ouvil-o.

“Quando foram-se todos. . . elle vinha
 Aos suavissimos sons da branda lyra
 Consolar minha dor — porque elle tinha
 D'ella o segredo; e nunca me ferira

“Co'as settas minhas que eu lh'as entregara,
 Qual os mais me feriram. . . e o costumam
 Os baixos homens; e antes, as quebrara
 Co'o doce amor dos que, chorando, exhumam.

“ Bem haja a meiga lyra dos sons perolos!
Sempre á extensão modesta do perfume,
Fórma sempre correcta: ou riso ou querulos,
Sejam-lhe os cantos, são do amor ao lume.”

E ia seguindo. Céu condenso e perto,
Onda negro-azul-aurea o sol vorando;
Norte, norte — dos mares no deserto
Penetra o Gueza Errante. Atravessando,
Avista ao longe as amazoneas aguas,
Oiro agitado ao sol, e as verdes ilhas
Que de ha treze annos d'este canto as mágoas
Resoaram — eternas maravilhas!

Se lhe estendem mil braços pela terra!
Em seus desertos se diverte o vento,
Late; da nuvem baloiçada que erra
Nos céus, qual na soidão do pensamento,

Lhe as nódoas negras solitarias cobrem
As retumbantes fozes! De ha treze annos. . .
E onde vivi, que estou como os que sobem
Tontos do abysmo á luz dos oceanos?

O passado foi hontem; muito vivas,
As tinctas sangrariam; das imagens
Sob a violencia, ao verem-se captivas,
Ferozes as idéas são; — miragens

De mais distantes dias, a memoria
Compraz-se de contar o que passou-se;
Nem é ás portas do festim que a historia
'Screve-se, mas do tempo á calma e doce.

Como á primeira vez, ainda se eleva
O meu espirito em presença tua —
Sempre que a fôrça d'alma se subleva,
Renasce o livre, sobre o mar fluctua:

Porque a vaga a ondular da humanidade
É semelhante á vaga do oceano;

Rugem ambas, revólta a tempestade
D'Eolo ou das paixões; ao sópro insano

Loucas, lividas lançam-se ás batalhas
Dos golfos, das planicies; rebramando
Tremem á ambas os céus, ruem muralhas,
A espuma aqui, lá o sangue fumegando;

Ambas se despriguiçam na bonança
E á luz despertam da alva madrugada;
Palpitam ambas, que jamais descansa
Da vida a onda ao coração vibrada;

Renovam-se ambas da corrente interna
N'esse das ondas íntimo furor —
E viva e activa a natureza eterna
Dos céus, no mar e a humanidade-amor.

Região da luz, reverberadas plagas
Do esplendor, onde crea a phantasia
Do oiro as cidades, da belleza as magas,
Qual por sonho o prodigio se annuncia;

Patria das calmas do equador, dos grandes
Rubís dos astros, das ardentes zonas
Do maremoto, dos volcões dos Andes
Thronos do sol e os raios — Amazonas!

Amazonas! ó mar mediterrano,
Presentido El-Dorado de thesoiros,
Hospede mysterioso do oceano,
Patria do mundo em seculos vindoiros,

O último adeus a ti!

Nos altos mares,
Da aurea vaga á onda azul, o pensamento
Vôo eleva diverso, qual nos ares
Outro ao sol se desdobra o firmamento.

*

*

*

Em novos céus, em novos horizontes
Leve embalam-se os mares das Antilhas —
Quantas coróas! que d'esparsos montes
No mappa ondeante das formosas ilhas!

Quão bella á barlavento a Martinica!
— Doiradas veigas, longas arenosas
Sendas brancas, por onde a alma nos fica
Errando em dias de innocencia e rosas!

Talvez do amor a gloria já passada
Reflorescesse. . . os cantos se escutaram
Ainda, na fertil ilha afortunada,
Onde viver quizera. . . Oh! Esojairam!

Ainda á luz dos trópicos saudosa
Leras Paulo e Virginia, o amor e o riso
De doce criação, sempre mimosa
Quando a terra no estado de paraiso:

Dos tempos das paixões da mocidade,
Quando no peito canta o coração
E os olhos vertem luz, quem de saudade
Sentir não ama a doce vibração!

S'encrespam da ilha os levantados cumes,
As encostas ondulam-lhe, quaes mares
Que a cercam, que a balançam d'agua aos lumes,
Dentro á diaphaneidade d'estes ares:

E da cumiada escura aos verdes seios,
Por mil collinazinhas cultivadas,
Serpenteiam-lhe em languidos enleios
As fitas argentinas das estradas.

Lá, Guadalupe a antiga cidadella
Do Cariba feroz, á matinada
Espumando o archipelago, da estrella
Á luz, cerulea a noite scintillada —

Colombo quando a dar nome a estas ilhas,
Diante este céu brilhante os marinheiros

Antiphonas cantavam, das Antilhas
Diversos eram os incolas primeiros:

As praias já não descem admirados,
Cincto o fraldão de perolas, e o dando
Por um guiso felizes e dansando
Na innocente rudez — céus perfumados!

* * *

Último adora o Gueza as puras vagas
E os penedos musgosos, negrejantes,
Na transparencia das ethereas plagas
Incantados, suspensos, oscillantes.

No grupo formosissimo das Virgens,
Ao novellesco espirito do bello
Tempo das descobertas, as origens
Das lendas elle ouviu no ermo castello.

Elle á tórre subiu mais elevada,
D'onde as aguias voavam do Pirata
E traziam, cerviz curva ou quebrada,
O homem, mas a belleza timorata

Ao doce amor. Olhava sobre os mares,
Qual se estende saudoso o pensamento,
Do horizonte o senhor — quando luares
Eram de prata; quando a porto o vento

Convidava galerno; olhava quando,
Tenebra noite, o vendaval rugia,
Desmastreadas naves demandando
Luz fallaz, que nas praias accendia;

Ou quando, como agora, o sol candente
No crystal do rochedo, á aurea turqueza
Da redoma dos céus ampla e luzente,
Das calmas no lethargo a natureza,

O oceano radioso espriguiçado
No berço aereal. Como se exalta

O coração! E ouviu conto magoado
Que a historia sagra e, flor de luz, a esmalta:

E que do poeta a lyra sonora
Compraz-se em repetir, já porque a terra
Esquece-a quando é tão celeste a rosa,
Já porque anima-lhe a licção que encerra.

— Bramia o negro; o escravo massacrava
Os senhores, e a pallida cabeça
De Soctman em tropheu alevantava
Bailando á roda. Então a filha, presa

Ante a scena infernal jogada á sorte,
Aridos olhos, coração fulgente,
Terrivel como torna-se o innocente,
Ella pediu, que era ordenar, a morte!

Candida mais que os lirios matutinos
Que sorriam nos céus, contra as ferozes
Dagas os seios arrojou divinos
E das mãos negrejantes dos algozes

Caíu sobre o cadaver de seu pae!
Nem sabem anjos que dizer á infante
— Ou sim, ou não — os tumulos adiante
E a vida, e longe os gritos de uma mãe!

Mas, do amor filial é doce em tanto
A estes céus a tragedia recordar,
Que d'estes mares mais augmenta o incanto
Tão peregrina perola insular!

Nem do coral a flor roseo-incarnada,
Que do abysmo reluz na transparencia,
Partida no areial; nem d'alvorada
Estrella que irradia na existencia,

Apagada ao surgir na nuvem-norte,
Foi jamais tão divina de belleza
Como a filha que alli pendeu na morte
Do morto peito que lhe foi defesa!

Oh! n'um céu edenal errando eterna,
 Vejam a nuvem branca pelos ares!
 —São as Antilhas os jardins dos mares,
 Onde houve berço a geração moderna!

* * *

Gostava de se estar sozinho o Gueza
 Nos rochedos do mar á luz da tarde,
 Azul o céu, brilhante a natureza,
 A onda elevada — íntima a saudade.

Velava, o que não vive do presente,
 Pelos tempos longinquos, do futuro;
 Pelos mais longes, do passado; e a mente
 A embalar-se-lhe ao mar triste e murmúro —

Elevado da terra elle sentia
 O qual horror, dos seios que o esperam;
 A sombra dos maiores elle via
 Passar. . . e as dos que o peito lhe romperam

Sentia essa dor funda e silenciosa
 Dos amigos que não s'encontram mais;
 Mais profunda talvez, mais dolorosa,
 Dos inimigos que, ah! d'entre os mortaes

Deixaram de existir, antes de terem
 Em afeições o odio seu tornado,
 E por virtude, ou por justiça, verem
 Seu malevolo espirito humilhado.

Doce é dos vivos triumphar-se em vida!
 E ao que horror ha da terra, longe d'ella,
 Ouvia-se-lhe a voz plangente e bella
 D'harpa vibrada, sobre o mar erguida:

.

“Sei, que *elles* hão de me negar da terra
 Ainda mesmo o repouso a que direito

Tenho como mortal. De além da Serra
Eu vejo, ao longe, a nuvem do meu leito!

“Longe vivi, porque *elles* me negaram
O logar, que era meu e que eu não tive;
Solitario vivi, porque arruinaram
Meu lar, meu Deus, e o amor que n’elles vive.

“E soffro — não co’a perda, a deslealdade
D’esses mundanos bens; mas porque quando
A justiça vier, tardia, que ha de
Julgar a *elles* e a mim, todos olhando

“Talvez já não ’starão. Além da Serra,
É nas nuvens azues da natureza,
Sem amigo e sem patria sobre a terra,
Que irá na gloria descansar o Gueza.

“Longe, além das montanhas, n’outro clima,
Onde as nuvens são sempre, sempre azues!
Onde não ha mais pranto — em cima! em cima!
No firmamento da soidão. . . da luz!

“Meu sangue, então, pelos que o derramaram,
Ha de em sagrados vasos ser guardado;
Meu coração, nas mãos dos que o arrancaram,
Aberto ao Sol, vereis illuminado.”

Oh! quão azul a tela setinosa
Se desdobra do oceano! e puros, quedos
Os bustos, a attitude valorosa,
Dos solitarios, lucidos rochedos

Emersos, vivos, negros, espalhados
Pelo horizonte! — em luz se lhes inflora
Alva praia a univalves esmaltados,
Qual d’em torno brincasse infancia e aurora.

Em tanto estes jardins são assaltados
Pelos demonios do huracão dos ventos,
Que em torvelino, negros, levantados
Passam qual troço d’almas em tormentos;

E do nácar as rosas despedaçam ;
 Desaninham do fundo, em flor a perola,
 Contra os rochedos a estrellejam ; cérula
 Onda e vaga revolvem, turvam,— passam.

Porque nunca na terra um paraíso
 Poderá florescer; quanto mais bello,
 Tantos mais inimigos — co'o sorriso
 Dos céus, e dos infernos co'o flagello :

Porém, a onda e o ar se purificam ;
 Do cahos surgem novos talismans,
 As noites que hymnos cantam, os que em luz ficam
 Dias d'alva e candor, dias-manhans !

Ó mar ! oh ! meu irmão ! são as tuas vagas
 Como esta alma indolente a desdobrar-se
 Das azues solidões ás vozes magas,
 Ou da procella ao brado a alevantar-se !

Ó mar ! oh ! meu irmão ! que os vês, que os sentes
 D'ethereos céus e d'amplos mares ledos
 Em nuvens puras e ondas transparentes,
 Vê — olha o isolamento dos rochedos !

Elles estão erguidos sobre os mares,
 Perante a doce luz da eternidade:
 Vê — quão puros que exilam-se nos ares !
 Quão sós ! que solidão ! quanta saudade !

— Quem me dera viver em vós ! nos doces
 Namorados retiros, nas viçosas
 Patrias, d'onde não se ouvem mais que as vozes
 Dos ventos e das vagas, e as saudosas

Vozes d'alma — que a não perturba o mundo
 E como aberta vela dos luares
 Alva se expande —

.

“ Escuto o som profundo
 Da noite, a lamentosa voz. . . dos mares.”

*

*

*

Eia avante ! Auriflavo, americano
 O sol, d'argenteas nuvens se annuncia ;
 Entre espelhos de céu e de oceano,
 Na dupla claridade, rôla o dia.

Profundamente o mar, longo o reflecte
 Como varão de fogo ; opposto, a imagem
 Bella, no seio undoso azul-ferrete,
 Foge da nau em diaphana miragem ;

Ao fundo, longes, mudos e felizes,
 Os peixes vêm-se, vivas projectando
 Luzentes barbatanas ; e os matizes
 Das conchas auroraes s'illuminando.

E na saphira em luz, na onda tão pura,
 Até de abysmos se desterra a idéa ;
 Nem repugnam crystaes de sepultura,
 D'onde se vê surgindo Cytheréa :

E surge ; e d'onda os véus glaucos celeste
 Lh'involvem cincto e collos alvejantes. . .
 Conheço aquelles véus — assim qual este
 Rasgado ao talha-mar, vi-os ondeantes :

Quando d'entre elles a visão sorria
 Co'a virgindade d'estas mesmas vagas —
 Mas, porque assim o coração havia
 Agora, em vez d'a amor, pungir a mágoas ?

Ondas de anil e nuvens — inda, ainda
 As queridas estrellas reflectiram
 Dos céus, que em nós trouxeramos á infinda
 Doce existencia, que outras ilhas viram !

E como môças brancas, brancos membros
 E cabellos azues, se vão rolando
 Ao longe as ondas sobre os mares tremulos,
 Os luminosos mares ! os coroando

Instantaneas espumas — quaes cingiram
 A frente que os heróes curvaram bella

Vencidos. . . não dos raios que os feriram;
Mas, vencidos. . . — Quem pois venceu? — a estrella!

Da tarde á luz suavizam-se em tristeza
Plumbeo-luzidos páramos sagrados . . .
Oéstes Indias! frescos, enlevados
Céus da Creação — gloriosa natureza!

*

*

*

Quando mais doce e mais feliz e edenea
Brisa crepuscular corre fagueira,
Que na azul solidão ri-se Neomenia,
Do reino celestial unica herdeira,

Então, tomando aos hombros minha filha,
Sobre a caixa das rodas vou com ella
Á tarde me assentar. Da prôa estilha
Dos peixes voadores nuvem bella,

Á creança alegria. Então lhe nóto
Do occaso em chamma os grandes resplendores,
As columnatas do solar ignoto
De topasio e rubís; noto-lhe as côres

Do coral e da purpura, que tingem
Do oceano inteiro a vaga reluzente,
E os circ'los d'oiro que o horizonte cingem,
E a 'strellinha nos céus que a faz contente;

Falo-lhe de sua mãe, das floreas veigas
Dos seus patrios jardins á beira-mar,
Digo-lhe que estas mesmas brisas meigas
Hão de a saudade d'ella a elles levar.—

O passageiro, ao pôr do sol, o horario
Consulta e os olhos prende no horizonte,
Vagueia um a outro lado solitario,
Mudo, ao crepusc'lo merencoria fronte.

E entre a luz da manhan e a luz da tarde,
Eu vou qual noite taciturna e triste;

Em mim se acolhe vesperal saudade,
De mim aurora se ergue, esplende, existe.

Em tanto, os camarins illuminados,
Ao som das frautas realçando os ares,
Noites s'incantam — oh! como incantados
São nos vapôres os saraus dos mares!

E os fluctuantes palacios alterosos
Á nocturna estellar obscuridade,
Regumando clarões e sonorosos
Das aguas na assombrada soledade,

Phantasticos avultam. Eia avante!

* * *

Ubertosa Hespaniola! Toda a historia
Póde ler-se n'aquella ilha distante,
Que além 'stá como um throno da Memoria:

Do soccorro, a alliança e da hospedagem
Em Guacanaguarí, doce, humanal;
Rude e grande em Caonabo; mas selvagem,
Medonha nos Christãos e canibal.

Viu-se alli quanto o que é civilisado,
Dos codigos penaes longe, á natura,
Sobr'excede, em torpezas execrado,
Ao que o não é, que vive na candura.

Tal foi quando a formosa Anacaona,
D'entre os thesoiros das montanhas suas,
De que ella era o melhor (doces, consonas,
Flor em grinaldas as donzellas, nuas),

Festejava seus hospedes bemvidos
Com jogos, com folgares das florestas; —
Elles a permissão tambem pedindo
Para exporem do seu paiz as festas,

E concedida a permissão (contentes
Agglomerados Indios observando,

Povo e caciques, velhos e innocentes,
Do *celicola* o garbo se alinhando),

Foi a descarga de cavallaria!
A lança, a espada a acutilar por elles!
Os cães a lacerar! a gritaria,
O inferno, o horror, que sobre Indios imbelles

Abriu-se repentino, d'incendidos
Galhardos Hespanhoes! Da rôta entranha,
Das contorsões dos corpos e os mugidos,
Recúa a alma ante o espectac'lo, a sanha

De traição e impudor! Nas cheias ócas,
Que escapasse ninguem, o incendio ardera;
A princeza infeliz pendeu das fôrças;
Dos Naturaes despovoou-se a terra.

Tal a America foi: a amenidade
D'ambrosiados climas, qual os sonhos
Dós missionarios são, e a liberdade
Qual a bella mulher. Dos céus risonhos

Viste que esta caíu livida, livida,
Sem os olhos erguer. Nunca houve festas
Brinde final tão negro; nunca divida
Do coração foi paga a horror como estas!

— Uma estrella apagou-se alli nefasta
Da corôa de Cæsar — que a não soube,
Depois de a ter, suster na frente vasta,
A quem do mundo a omnipotencia coube.

A corôa de rei não é da gloria,
E uma foi pela outra destruida,
Essa da liberdade e da victoria,
Nunca em Moscow e em Waterloo vencida.

Demolidor de thronos, que loucura,
Republicano, deu-te a elles subir?
Abandonou-te a logica: na altura
Dos reis, não, te sentiste decair?

Eram vassallos teus. Mas Bonaparte
 Em Napoleão ensina — da vaidade,
 Nunca enchido tonel, vem o desastre
 Que sofre em captiveiro a humanidade.

Sabio fôra, qual todo-poderoso,
 E esse a terra salvara! Em tanto á pena
 Um triste imperador, em Sancta Hellena
 Presa de primos seus, morreu morboso.

— Alli de Bug-Jargal o canto inspira
 Ao menino sublime — do propheta
 Voz immortal, batalhador da lyra,
 Fôra da orbita o descommum cometa,

Precursor da Revolução. Abala
 Cantando Victor-Hugo toda a França,
 Não a *trovões* — a raios! — dentro estala
 Da treva — e de através transluz a esp'rança!

E exila-se aos rochedos solitarios,
 E forja as grandes armas; glorioso
 Arma-se de esplendores procellarios,
 E reaparece, eterno, victorioso!

— Alli primeiro o negro fôra escravo;
 Livre primeiro se elevou dos erros.
 — D'alli partia o aventureiro, o bravo,
 Formoso de corôas. . . ou de ferros!

Ai! ás festas dos prados verdejantes
 E á das sombras edenica indolencia,
 Tristeza succedeu não vista d'antes —
 Chegava a escravidão, se ia a innocencia.

Porque já fraco e triste o *visionario*,
 O genio paternal, unico amando
 As terras suas, 'stava solitario,
 Que era morta Izabel, vivo Fernando.

Como é negra a fortuna ao que alevanta
 Entre nuvens e raios mais a fronte

Glorias. . . que são, d'estrellas e horizontes,
Quando traição, traidor, minam-lhe a planta ?

— Depois, viu-se o Destino, o eterno guia
Da lentidão dos seculos, e alli,
Essa idéa que a França destruia,
Realisou-a o negro do Hayti.

E vive em lucta a America formosa
Ao afôgo, á oppressão da Europa insana!
Debalde não resplandem céus da Havana,
Nem rugem furacões — eia briosa !

Oh! lá vão pelos montes perseguidos
Da liberdade os magicos heróes !
Ninguem lhes ouve a dor, que 'são bandidos' —
Eia briosa ! engrandecei ! a sós !

* * *

Ainda os campos do mar estão cobertos
Co'o manto d'ermo, co'o sargasso pallido :
Oh! inda o coração ante os desertos
Do triste almargeal susta assombrado !

E esmorece qual sobre insidiosa
Terra, onde abysmo sente-se insondavel
Subflutuante, que em sombras, silenciosa,
Sinistra e sem mais treguas e implacavel

Vai confundir-se á noite, que a sepulta
Das sombras do horizonte !

— Além. . . não vêdes

Luzinha, que se amostra, que se occulta
E qual, andando, em praia além se perde ? . . .

— Terra ! — Lá está Colombo ajoelhado,
Sublime como um deus aos céus olhando !
Da aurora aos raios todo illuminado,
Vencidos mares a seus pés rolando !

Oh! como á gloria o genio resplandece,
Dando n'elle a luz clara da manhan !

N'esse momento a humilhação se esquece
De ante os homens e a sorte vil — vilã !

Oh! que horizonte de crystal tão puro!
Que ondas puras ! que céus puros, divinos !
Mansa a atmosphaera, o ar fragrante, múrmuro,
E o homem na innocencia e a voz dos hymnos !

E estas fluctuosas ilhas enlevadas,
E o porfireo rochedo, qual ardera
Á radiação solar, foram moradas
Condignas d'elle — se hi viver podera.

Da terra aos céus o espirito passara
Quão facil, á gentil serenidade
D'onde provinha! e então elle habitara
Patria que, em mal, roubou-lhe a iniquidade.

Porém a inveja contra o genio sólta
Da negra alma os vampiros porque o tomem,
Da fronte (ultimos sonhos) voem em volta,
Té que, senhores já, da patria o somem :

E assobiam, e aponctam, da torpeza
Só d'elles, a Colombo! Ao brado d'hoje,
Ai tão alto o que está! sem ter defesa
Cae ; — da quéda de um astro quem não foge ?

São Salvador! meus olhos não são menos
Altos que os dos primeiros navegantes!
S'erguem de um mundo novo aos céus serenos,
Só mais dubios que os vossos, mais distantes. . . .

*

*

*

Deslisaram-se os dias na dogura
De oceanos azues e aureas campinas
Margens d'aquelle rio, que susurra
Fumegante e veloz riçando as crinas.

E sempre as ilhas d'incantados lares,
As d'esmeralda solidões formosas —

São as Antilhas os jardins dos mares,
 Dos céus reflexos a bonança, as rosas :

Com a do ether azul doce existencia,
 Na edenal solidão, confunde-se a alma
 Que eleva-se da nuvem na indolencia,
 Qual ao seio de Deus voltasse — á calma.

Serenidade eterna das Antilhas !
 Oh! quanta transparencia! anjos cruzando
 Vêem-se no firmamento! astros brilhando
 Ao meridiano sol ! — Resoam quilhas.

Ouçam! ouçam! a musica dos mares !
 Onde será? profundo, mais profundo,
 Nas correntes sonoras, ou nos ares
 A orchestra amiga e o descantar jucundo ?

Ouçam! ouçam dos sons as maravilhas
 Tangendo os instrumentos brandamente !
 São as vagas, é a onda transparente. . .
 Todo resôa o oceano das Antilhas !

Vibram da agua os crystaes — pureza tanta
 Levou da luz ás harmonias a onda,
 E aos sons formosos a que o mar s'incanta
 Fulguram vagas, todo o oceano estronda!

No vácuo immenso, tremulos mormaços,
 Reluz a calma, e branca e luminosa —
 Ouçam! ouçam a musica formosa
 Que tangem deuses nos profundos paços!

*

*

*

Resoam. . . sons de laminas cortando
 Por crystaes sonorosos de turqueza. . .
 — Candente espuma o Stream desenrolando
 Contra as Bahamas longe a correnteza:

E da corrente os elos tumultuosos
 Seguindo-lhe quem for, vai dar á fonte

D'onde ella nasce, ao golfo, aos procellosos
Seios, ao pôr do sol sobre o horizonte.

Como os labios vermelhos e as crateras,
Inexoraveis elles ás voragens
Levam d'óras mal-sãs, onde disseras
A morte em flor nas occidentes margens !

Elevam-se as regiões de formosura —
Nação existe lá, que vezes dorme
Supersticiosa vã e a opprobrio endure ;
Vezes desperta, e turbulenta e enorme,

Simelhante ao seu golfo, então recobra
E mais brilhante o já perdido indulto —
Tormenta ! e nave imperial sossobra,
E em Queretaro um rei tomba insepulto !

Caem Córtez emfim, que são traidores,
Com armas Europeus e Americanos
Combatentes iguaes — conquistadores
Porque não são os novos Castelhanos ?

Foram-no os outros. . . ai ! se um raio apenas,
Que propaga-se á luz da intelligencia
Co'a rapidez do sol sobre as arenas,
Acceso houvessem ! Houve. . . inda ha demencia !

Cora, Brazil, do reconhecimento
Teu ao dominio do invasor extranho
No continente nosso; e em teu momento
Pensa, no error estolido e tamanho !

Mas, ás festas do sangue e dos espolios
Dos lobos d'além-mar veem os jaguares —
São-lhes proprias montanhas, capitolios;
Era Guatimozin. . . mas é Joárez !

Os tempos já não são de Montezumas,
D'esplendores de Mitla e banhos d'oiro,
Que da terra varriam como espumas
D'esta agua os ventos; hoje. . . era o *vindoiro*.

Eil-o, a vasta savana atravessando,
 Mobil centro dos patrios horizontes,
 Que sempre os céus estão puros beijando
 Quando lhes dentro heróes alteiam fronte !

Indio formoso ! o bardo peregrino
 Vai tua mão apertar; e de mais perto
 Tenochtitlan inspirações a este hymno
 E do Aztek ilustrar lhe ha de o deserto !

*

*

*

Em profundo lavor a onda fervilha ; —
 No abrazado areial e nos palmares
 Os signaes do que ebulle e o que scintilla
 Indicam tempestade. Ora, nos mares,

Branco ao meio dos céus o sol estaca,
 E á rotaçãõ diurna do planeta
 Se erguem tufões, desdobra-se a ressaca
 Oceano além, dos mares o cometa !

Qual se se erguera a vaga de novembro
 Na agitação cyclonica dos ares —
 Oh! quão sublime á luz os céus tremendo,
 E aos céus em ponctas se elevando os mares !

A refégas o vento em grandes curvas
 Sobe o horizonte ao meio dos espaços,
 Sobre as ondas circula inquietas, turvas
 Á acção volvente dos ethereos braços.

E do Golfo do Mexico amplo-espurio
 As correntes tornaram-se ferozes,
 Da lividez do azul cõr de mercurio,
 Sem na espuma a alegria, o amor nas vozes.

Os elementos turbam-se, a serpente
 Inflamma-se do Stream, s'empina e salta
 Do seu leito do mar, lévando o quente
 Clima á região mais fria, onde se esmalta

A Esmeralda dos Mares. Abalado
Fluido, visível o ethero tornou-se;
Montes, serras o oceano, espedaçados
Pincaros, derruindo-se, elevou-se.

E os nevoeiros de prata de Newfoundland
Á gélida atmosphaera matutinos,
Risonhos, e ao calor que o Golfo expande,
Romper vão desastrosos, indestinos

Os furacões sem lei. Negreja á léste
Do mar o rio, tumultuario vòa
Em selvagem mugir. Alvo e celeste
O firmamento á confusão resbôa !

Ha um grande soffrer na voz dos ventos,
Na onda negra e no sol que pára alvar;
Gargalham na loucura os elementos;
Do huracão ao phantasma oppoz-se o mar !

Eu vejo brancas, longes, longas azas,
Que parecem os vôos continuando
Das ondas espumantes. Sobre as massas
Medonhas d'agua arqueando-se, vanzeando,

A vista d'azas que no mar se alegam
Longinquas, puras, eu não sei que triste
Sentimento, de affecto e dor que entregam
A alma a profundo recolhêr, existe!

Ou não sabem da terra, ou a fugiram,
Qual se errar longe dos que são-lhes caros
Fôra a sciencia. . . *loucos* destruíram
Thesoiro, de que em tanto eram avaros. . .

E, assim procuram esquecer nos campos
Da tempestade, as das floridas margens
Dôres, da terra, as azas; dos relampagos
Os luzentes zig-zags nas voragens,

Alvas prolongam — somem-se, resurgem
Dos mares que em furor desferram, bramam,

Dos ventos, do huracão, que gyram, rugem,
Da morte, que o mar todo e os céus proclamam

Lufam, a natureza assaltam, lufam,
O norte, o noroeste, soltos, doudos,
O sudoeste, o sul, assopram, bufam,
Reversos, varios, dois e trez e todos —

Pandemonio das aguas e dos ventos!
Centaurus do ar, que ululam, que destroços
Devastam rotatorios e violentos
Aos céus, torcendo os pallidos colossos!

Tomam os mares aos hombros, alborotos
Percorrem toda a linha do archipelago;
Duros tremem rochedos terremotos —
Mundo em dia final — grandioso horror!

Universal horror! lançam-se aos mares,
Desviam o Stream, recalcam-no p'r'o golfo,
Varrem da superficie as naus, nos ares
Passam co'as selvas! — rompe-se o clamor!

São navios, sem velas, sem govêrno —
S'esconjunctam no Golfo, gyram, nutam,
Fogem, somem-se, atiram-se no inferno —
Mas, porque ha luz, os homens podem, luctam.

— Quão branco o sol no occaso! o dia finda. . .
Oh! eu já vi aquelle riso putrido
Na sociedade! . . . É noite sobrevinda —
Deus! quanta sombra eleva-se do horror!

A escuridão! a escuridão! cerrou-se
No tumulo de um cahos movente e lurido
O coração que em trevas encontrou-se
Dos homens mudos em mortal pavor!

'Strala a espuma á flor da onda; nos abysmos
Se arrebetam rochedos, que das vagas
Se ouvem bailando á cima aos cataclysmos,
E vão lançados a remotas plagas!

Oh! n'um bojo submar de nau perdida,
 Que noite, Deus! que passa-se velando!
 Róla por sobre a sepulchral jazida
 Subverso o oceano! os céus roucos bradando!

Gargalham lá. . . — aqui ha quem soluce! —
 E os céus gargalham quando a terra chora!
 Quando á miseria o homem se reduz
 E espera. . . não dos astros, nem da aurora. . . —

Braços nús, a lanterna á cincta, esquallidos,
 Rendendo-se, uns marujos descem; sobem
 Outros ao quarto; dois ao leme válidos
 Mal resistem, que rumo não descobrem

Na desnorteada agulha! ôca e sinistra
 Do commandante a voz fala na sombra;
 Ao proprio peso a nau cede e se atrista
 Presa do fundo abysmo e o que se escombra

Mar em torno!

* * *

Do Stream sobre a serpente
 Sente-se a fôrça muscular do oceano —
 Onda rev'lucionaria, independente,
 Do paraiso através, roseo, antilhano:

Qual se a bonança fôra mais bonança
 Á cyclonea erupção, que no ar estoura
 D'este outro d'ondas cyclone que avança
 Mugibundo no mar. — Saudosa aurora!

Como os céus, era doce o coração,
 Sorria á natureza o pensamento:
 Oh! como á alma immortal, ao firmamento
 Convem o inferno errante do huracão!

* * *

Basta. Serpente de mais negra historia
D'aquella terra se estendera á entrada,
Terra de amor, de liberdade e gloria,
Que dos mares além surge adorada.

Lentos annéis, sombrios, parallellos,
Por tragica visão se iam prendendo
Uns aos outros, c'o umbror e c'os desvelos
Que são do despotismo — e se movendo,

No magno esforço de nos livres pulsos
Rebater as algemas, dos verdosos
Corações derramar, no amor convulsos,
Sangue o mais puro, sonho'os mais formosos!

As britannicas naus bloqueavam portos,
Os meigos portos de hospitalidade;
Q'ria a Inglaterra infantecida mortos
Filhos da gentileza e a liberdade.

Por certo, ella não era a mãe dos Gracchos
Vendo nos filhos seu melhor thesoiro —
Oh! quando os tempos dos celestes arcos
Á terra chegarão, da idade de oiro!

Quando dos povos a maioridade
Reconheçam os reis; cada senhor
Veja-se em cada escravo; e a humanidade
Em si cada homem, realeza e amor!

Memorabilia.

TRANSCRIPÇÃO DO "NOVO MUNDO."

São da *Reforma* do Rio as seguintes palavras sobre o nosso amigo J. DE SOUZA ANDRADE. O Sr. Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA pergunta: "O que faz elle? Onde vive? O que escreveu? Sómente o *Guesa Errante*?"—Estamos habilitados a responder que o nosso poeta vive muito retiradamente no confim de New York, em Manhattanville, a septe milhas do centro da cidade. Do pequeno quarto n'uma casa de família elle vê a cruz no cimo do *Sacré Cœur* onde se está educando sua unica filha, cuja delicada saúde fel-o trocar por este clima o do Maranhão. ANDRADE continúa sempre a escrever o *Guesa*,—o grande trabalho de sua vida,—e nisto emprega a dedicação de um missionario, porquanto, é preciso dizel-o, ANDRADE é um desses homens, hoje raros, que teem idéas e que morrem por ellas, sem que todavia se invistam da repugnante arrogancia que quasi sempre accompanha as pequenas grandezas moraes deste mundo. Nosso amigo (a quem raramente vemos) é um dos typos mais singulares e mais bonitos que temos conhecido.

Na morte de GENTIL HOMEM recebeu ANDRADE um grande golpe. GENTIL era o seu "irmão de alma" predilecto.

"— Ha quinze annos sahiu á lume nesta côrte um volume de poesias lyricas intitulado *Harpas Selvagens*.

Firmava-o o nome de JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE, um moço, como o denunciava o livro em suas paginas cheias de frescor, de verduras de estylo e inspiração.

SOUZA ANDRADE foi aquillo que promettia o volume das *Harpas Selvagens*: um poeta distincto.

Si no seu primeiro livro elle já havia dado provas de que tinha talento e que era bafejado pelas muzas, producções que vieram depois ainda mais confirmaram sua reputação litteraria.

Nas *Harpas Selvagens* admirava-se a rudeza do cantor, rudeza propria dos assumptos escolhidos; a idolatria pelas cousas patrias; muita melancolia, e pendor para o ermo.

Alguns versos eram defeituosos, mas a physiognomia do poeta estava accentuada, e elle queria e sabia cantar como americano.

Posteriormente, publicou ANDRADE, nos Estados Unidos, alguns cantos de um seu poema lyrico, o *Guesa Errante*, especie de Child Harold, a viajar pelos nossos sertões, a descrever scenas brazileiras; ora as paysagens amazonicas, ora os ritos e usanças indianas.

Esse poema, cujos primeiros cantos já foram aqui nesta folha analysados quando appareceram ha trez annos, parece que tem sido continuado pelo poeta, e que fez elle remessa para o Brazil do 6º canto, ha muito tempo esperado.

Em quanto não podemos dizer qualquer cousa sobre a continuação do notavel trabalho de SOUZA ANDRADE, offerecemos aos leitores da *Reforma* a seguinte carta, dirigida ao auctor destas linhas por um importantissimo juiz, que teve a fortuna de ler o ultimo canto de *Guesa Errante*.

Falla o illustre litterato o Sr. Conselheiro JOÃO MANOEL PEREIRA DA SILVA, que com tanto criterio e gosto tem feito a analyse das obras primas nacionaes e estrangeiras.

Fundo de parte as palavras lisonjeiras benevolamente endereçadas ao folhetinista, é digno de apreço o juizo formulado sobre a aptidão litteraria de SOUZA ANDRADE, por auctoridade tão abalisada como insuspeita.

Estamos certos que o poeta do *Guesa Errante* guardará entre os seus honrosos diplomas a carta que aprecia-o em termos tão animadores como expontaneos.

É esse o principal motivo por que tornamos publico o documento que se vaê lêr :

“Meu querido SERRA:—Recebi ha dias um livrinho com o titulo de *Guesa Errante*, escripto por JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE, e publicado nos Estados Unidos.

“Li-o, e não fazes idéa das sensações agradaveis que me assaltaram o espirito e o coração. Reli-o, e convenci-me de que o auctor era um verdadeiro poeta.

“Uma lenda americana serviu-lhe de base para levantar um mundo phantastico de sentimentos e harmonias, ornado com o nome de poemeto.

“Não é SOUZA ANDRADE nem um desses fazedores de versos aos anniversarios das damas, aos baptismos das crianças, á celebração de festas de familias, como ahi rolam em quantidade, e se proclamam vates! Não é tambem desses metrificadores que na palavra, na phrase, na cadencia do verso, pensam que ha poesia, como si ella fosse plastica e nao de inspiração expontanea, de flamma celeste, de fogo sagrado! Não pertence igualmente á phalange dos espiritos escandecidos que imitam BYRON, HUGO, LAMARTINE, MUSSEI, parodiando-os nas extravagancias metaphoricas, nas monotonias choramingonas, sem lhes adivinhar e menos conhecer a sublimidade do estro!

“Não: o auctor do *Guesa Errante* foi dotado de imaginação brilhante e viva; tem pensamentos originaes e profundos; eleva-se em arroubos entusiasticos. Pensa, canta, commove, arrebatá, extasia!

“Pecca sem duvida muitas vezes quanto á fôrma, ás vestes, á organização do verso ora aspero; duro em varias occasiões. Com o tempo e o estudo da arte corrigirá esse defeito, aprenderá a melhor exprimir seus pensamentos.

“O que se lhe reconhece, porém, é uma força e robustez de idéas, de imagens, de sentimentos, que mostram que nasceu e é poeta.

“Descreve esplendidamente nossa terra americana. Os Andes gigantescos, os valles extensos e opulentos das margens do Amazonas, as florestas virgens e magestosas, encontram um pintor de merito. Para amenisar o quadro ha no poemeto turbilhão de scismates philosophicos, de paixões tumultuosas, de melancolias plangentes, de ironias amargas.

“O genio dos sertões manifesta-se no character, na rudeza, na precipitação, nas luctas do heróe; a vida dos selvagens apresenta um painel ora terrivel e cruel, ora suavizado por uma graça poetica, uma innocencia infantil e original, que é como um lenitivo para as dores, que as scenas barbaras produzem.

“Quem é, todavia, JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE? Onde vive? O que faz? O que escreveu? Sómente o *Guesa Errante*?

“Eis o que anceo saber. Sabes quanto me interesse e affecciono por todos os nossos compatriotas que por seus talentos podem abrilhantar a nossa terra, dar-lhe realce e gloria cultivando as letras e as artes.

“Á quem recorrerei para satisfazer a minha curiosidade, si não á ti, que, postoque alucinado ás vezes pela politica, e perdido no labyrintho de suas intrigas desengraçadas, tornaste-te, contudo, nos teus folhetins, não só a luz que allumia nos campos amenos e tranquillos da litteratura patria, como o amigo, o protector, o mestre, o guia de quantos jovens ahi apparecem com talento offerecendo ao publico, um livrinho, um quadro, uma composição musical?

“És, demais, filho do Maranhão, e pareceu-me adivinhar, nas endechas de SOUZA ANDRADE, o quer que seja de inspiração da patria de ODORICO MENDES, de GONÇALVES DIAS, de JOÃO FRANCISCO LISBOA, de LISBOA SERRA, de FRANCISCO FURTADO, e, por que não direi, igualmente de JOAQUIM SERRA, embora sua modestia se offenda, e de tantos outros engenhos, que fazem crêr que o Maranhão ambiciona ser a Athenas do nosso Brazil?

“Com teus bellos artigos, ora tão espirituosos e galhofeiros, que não encontram ri-

vaes na actualidade; ora elegantes, formosos, cobertos de galas poeticas, chamas a ti a phalange variada dos jovens talentos, que aspiram abrir caminho nas lettras e ganha reputação para si, e glorias para a patria; pois, meu SERRA, peço-te que, si ainda não fallaste do genio de SOUZA ANDRADE, si o não conheces, como eu até hoje o não conhecia, peço-te

“É supplica de um amigo sincero, que mais que ninguem te dedica afeição pelas tuas qualidades moraes, e te consagra admiração pelos teus elevadissimos talentos.

PEREIRA DA SILVA.”

(O Novo Mundo, Fevereiro de 1877.)

“Un poeta brasileiro, de cuyos labios mana la miel de dulces versos, JOAQUIM DE SOUZA ANDRADE, acaba de publicar en Nueva York un volúmen de poesías. Contiene su famosa leyenda *Guesa Errante*, un argumento lleno de originalidad y de encanto, tomado de la historia de las razas indígenas que habitan las márgenes del Orinoco. A esta narrativa conmovedora anadió SOUZA ANDRADE otras leyendas históricas que en nada desmerecen á la del *Guesa Errante*.

“Aún no conocemos el Brasil sino como la pátria de diplomatas sagaces, almas endurecidas por el cálculo y por la intriga, que especulan con las desgracias y las debilidades de los pueblos circunvecinos.

“Es necesario que empecemos á familiarizarnos con la literatura brasileira, y que no escuchemos con indiferencia las preciosas armonías de sus poetas, que, á semejanza de los *sabiás* de sus selvas, exhalan las mas tiernas cadencias en la pátria de GONÇALVES DIAS.”—(*El Eco de Córdoba*.)

De nenhuns outros labios melhor soariam para minha alma as animadoras palavras ao *Guesa Errante*. Esquecendo-se de si proprio, o Auctor escuta com cuidado quanto ouve do poema, venha da critica ou venha do coração; procura *melhorar* sempre o verso por causa do pensamento, ainda que de mais em mais prejudicando as fórmãs.

Ouvi dizer já por duas vezes, que ‘o *Guesa Errante* será lido cincoenta annos depois’; entristeci—decepção de quem escreve cincoenta annos antes. Porém se — *Life, not form; work, not ritual, was what the Lord demanded*—diz um swedenborgiano prégador, falando da Religião: não poderiamos dizer o mesmo da Poesia?

Homero o auctorisã.

Por motivos particulares não foi ainda impresso o canto VI do poema; escriptos estão tambem os dois que percorrem as costas do Brazil, faltando apenas o do Pacifico e os Andes, e o que do Cabo Horn irá até o Rio da Prata — e o epilogo, que está além dos doze cantos do *Guesa*. No canto VIII agora, o Auctor conservou nomes proprios tirados á maior parte de jornaes de New York e sob a impressão que produziam. Elle vai ouvir a voz de cada natureza; e tracta o genio de cada logar á luz do momento em que por alli passa; e se lhe fossem como o benevolo LONGFELLOW — *not a carping critic, but a friendly and sympathetic reader* — melhor teria sido para elle.

New York, Dezembro de 1877.

J. DE SOUSANDRADE.

CORRECCÕES AOS CANTOS V, VII e VIII.

Paginas.

- 122, verso 17: E o peito a longos haustos aquebrantam
 “ verso 18: Quentes perfumes ao cair da calma.
 127, verso 32: Reboam do deserto como os mares.
 131, verso 3: Como bem d’entre os seus; e inda memoram
 135, verso 3: Vêde — vêde — oh! a bocca pestilente!
 139, verso 1: Homem-Deus deixem-n’lo e crucificado;
 140, verso 16: Olhos tão fascinantes, que os fitando,
 147, verso 14: E bradando e bradando amedrontados!
 152, verso 5: “Comprazem-se de estar a sós scismando!
 155, verso 6: Nos rochedos do Sul ver ao sol pôsto! . . .
 176, verso 29: Vagueia um a outro bórdo solitario,
 181, verso 21: Ai do que está tão alto! sem defeza
 187, verso 22: Da cyclonea erupção após, que estoura
 194, verso 2: Como a sonda no mar, descendo á origem:
 “ verso 5: E os laureos crespos vivas lh’enroscavam
 “ verso 6: Serpentes de oiro no hombro de alabastro;
 195, verso 23: Rolai na relva as bollas esmaltadas!
 198, verso 1: Eram teus os gemidos... se pre-sente;
 214, verso 14: A cumprir, como os tenho, vagabundo!
 217, verso 29: E o moço Frank o voo ergueu celeste,
 218, verso 14: Dos dias longos do abrazado estio.
 “ verso 20: ’Stá ao incanto dos genios dos rochedos
 “ verso 30: Poisos do “Grande Esp’rito.” Entristeceram
 234, verso 28: Oh minha filha, venho ver-te e dar-te
 245, versos 9, 10, 11, 12 superfluos.
 246, verso 22: Pygmeus, Brown Brothers! Bennett! Stewart!
 247, titulo V: (Joannes-Theodorus-Golhemus, etc.)
 248, verso 25: Se amostram; sabios, *'f do not.*
 “ titulo VI: (... pelo whiskey e a morphina etc.)
 “ tit. VII: (*Pretty girls* etc.)
 249, verso 7: Christãos!—filhos de Belial!
 “ verso 8: ... Liberdade-orgia!
 “ verso 19: ... Yorqueiro
 “ verso 20: Robber-Indio... *oremus-tatú!*
 252, verso 34: —‘Dos Principes são protegidos
 Os poetas’ etc.

SOUSANDRADE.

CANTO OITAVO.

Aquella fonte d'onda crystallina,
Estatua foi de bronze. Onde murchava
Toda esperança, agora se illumina
Um íris de oiro e bebe o que abrazava.

Da luz christã, nas civicas virtudes,
Ao doce influxo, em fontes de alegria
Transformam-se as esphinges-attahudes,
Ferreos symb'los das mãos da tyrannia :

Das mãos, que apagam luz ao povo e zelam
As chaves da sua treva ; as mãos que amarram
Os olhos a Jesus — ' que ! se revelam,
Qual 'sbofeteia ? á face quaes lh'escarram ?'

E mas fundem-se em ballas taes thesoiros
Que propagam sombria solidão,
Contra *elles* voam rubidos peloiros
Sagrando causas de revolução.

— Oh ! bella fonte ! da onda scintillante,
Que fresquidão ás sombras do salgueiro !
De liberdade e amor sou emigrante
Na patria que abre os seios ao estrangeiro.

A elles eu me recolho. Dão-me abrigo
 Tectos, que em outros tempos abrigaram
 George Washington — Eil-o . . . oiço, no antigo
 Edifício os seus passos andam, param ;

Elle chega, se assenta, e conversamos
 Respeitosos dos tempos já passados ;
 Satisfeito elle está, e mais, se olhamos
 Para o horizonte estando ao mar voltados.

Sereno o gesto fica-lhe luzente,
 Á doce voz formosa e sempre calma,
 Falando do passado e do presente ;
 Mas, do futuro, resplendesce-lhe a alma

‘ *Hail, Columbia*, patria venturosa !’
 Os carrilhões ouvindo da Trindade,
 Pende-lhe a frente, mais silenciosa,
 De quem medita em Deus e a liberdade.

Elle não se evapora ; se alevanta
 Lentamente no espirito dos ares,
 Ou volta e se retira; ou lá s’incanta
 Por aquelles reconcavos dos mares.

Porque vaga não róla a aquellas praias
 Sem que lhes mande um coração á terra —
 Oh ! da Republica em que amor as rayas
 Pisa o que em si dos seus o aggravo encerra !

Da patria o fundo amor então se sente
 Na alegria, d’infancia renascida,
 Longe d’onde ella foi. . . quão tristemente
 Doce entre extranhos ser feliz a vida !

* * *

Como á Pariz, não vindes ao cortejo
 Das artes, das sciencias e do gozo:
 Porém, da esp’rança o inferno e o que desejo
 Grande houver de socego e de repouso ;

Esses a quem o mundo se tornara
 Desillusão e um vil mortal cada homem,
 Que, a sós, patria e amor (quanto sonhara
 Mocidade e virtude) em si consomem,

Vinde a New York, onde ha logar p'ra todos,
 Patria, se não esquecimento, crença,
 Descanço, e o perdoar da dor immensa,
 E o renascer-se á lucta dos denodos.

A Republica é a Patria, é a harmonia :
 Vós, que da religião ou da realeza
 Sentis-vos á pressão de barbaria,
 Vinde! a filha do Deus não vos despreza.

— E forma-se a corrente em Castle-Garden,
 Que vem de todo o mundo, dos que asylo
 Já não tinham, a quem os peitos ardem
 De espr'rança nova ao céu novo, tranquillo.

Sêde bemvidos ! ha logar p'ra todos
 E lar e luz e liberdade e Deus —
 E a cada filho em dor, miseria e apodos,
 Abre a formosa Mãe os braços seus !

A Espartana gentil ! da liberdade
 Amostra os horizontes aos escravos ;
 Diz aos que eram cobardes ' sejam bravos !'
 Bem diz a todos e enche-os de saudade.

* * *

Fluctuam pelos cumes as luzentes
 Bandeiras da União, nas avenidas
 Passam lustrosos batalhões, olentes
 C'roas nas mãos de toda a patria erguidas —

Bello ! — á frente os pendões cheios de gloria
 Negros, esburacados, rotos, velhos
 Do furor das batalhas, e da historia
 Luz no passado e no porvir conselhos,

Hasteiam alto os nobres veteranos,
 Qual de Grant ao aceno os hasteiavam
 E de Lincoln á voz, de Americanos
 O coração e os braços que luctavam.

Seguem após, do Norte os vencedores ;
 E do Sul os vencidos ; e os libertos
 Meigos de bençams : da sazão co'as flores
 Vão dos heroes aos tumulos desertos

O anniversario honrar da primavera
 Em *Decoration-day*. Ninguém humilha
 A frente na Republica — e o que erra
 E o que não erra, amam do Deus a filha.

*

*

*

Mas, que paiz é este onde respiram
 Júbilo a joven terra e os lindos ares ?
 Onde não vê-se morte, e mas deliram
 De vida as horas ? — Vêde-lhe os altares :

Por elles tem-se o nivel certamente
 Da civilisação dos povos ; elles
 São da alma pública o amplo lar ardente
 Onde todos estão livres e imbelles.

E de um povo de Deus enchem-se os templos ;
 Aos céus elevam-se os formosos hymnos
 (Á religião dos já passados tempos
 A alma vibrada treme aos peregrinos) :

São multiplas as fórmãs por que adoram ;
 Mas, uma a crença. Como poderosas
 Levantam-se as nações, que á luz auroram
 Doce do Christianismo ! — Gloriosas

Abrem suas mil portas as escholas
 A uma infancia feliz ; e nos gymnasios
 Dos prados de ranunclos e de violas,
 Dos rios de crystaes e de topazios,

Exercita-se a athleta mocidade —
 As virgens e os donzeis concorrem, luctam,
 E das parellas á velocidade
 Ou da leda regatta, ao premio exultam !

*

*

Eu estou assentado em Central-Park
 Ao fim do dia — pela relva o sol :
 Os cedros soltam cantos de sky-lark,
 E os hombros oiro em ondas — *water-fall*.

Como são bellos! como são formosos
 Da liberdade os filhos! como incanta
 A donzella que esplendida alevanta
 A fronte divinal! — loiros, radiosos,

Sobre a scintillação dos puros hombros,
 Vívidos e prendendo-se e vibrando,
 A cascata solar do alvor dos combros,
 Seus cabellos eu vi desenrolando

Anjos de luz! e os olhos da belleza
 No fulgor que rutilam verdes mares!
 Quasi esquece-se a doce natureza
 Da terra e os astros pela dos olhares.

Nas noites suas de Hoffman, com ella . . .
 Nos doirados salões de Nova York,
 Nas praças os *meetings*, onde vela
 Das ideas a lei, que nada extorque;

Das azas das nocturnas mariposas
 Pendente o *maltrajado* Gueza Errante,
 De Danae logra ou Leda as doces rosas,
 Já feito chuva de oiro, ou cysne amante:

Chispam-lhes da pupilla uns de luz vivos
 Granizos, dos amores á scentelha —
 E elle feliz não fôï . . . e compassivos
 Eram os olhos . . . como aquella estrella!

Ora a escala quiz ver da liberdade,
 Como a sonda no mar, descendo a origem:
 Viu... n'uma prostituta a mór piedade;
 E a mór prostituição viu... n'uma virgem.

E os laureos crespos no hombro lh'enroscavam
 Serpentes de oiro em vaso de alabastro;
 E os olhos claros-mares verdejavam —
 Como o amor á mulher transforma em astro!

- E alevantando a fronte a Americana,
 Resplendem-lhe os auro-flavos rolos,
 E passa a livre caçadora Diana
 Como entre raios: alvo e brando o collo;

Nobre e veloz o andar; olhos seguros
 Olhando para adiante, — dos destinos
 Dirias n'uma estrella, nos futuros,
 Altos fixarem, fúlgidos, divinos.

Razão e intelligencia — ambiciosa
 Do homem é a lei e a fôrça é barbaria;
 Teu reinado virá, christana rosa,
 De justiça, de amor e de harmonia:

Sem que, da do dever Themis, vendados
 Sejam os olhos, nem que, enfraquecido,
 Coração abandone-a; consagrados
 D'essa, hão de ser os tribunaes erguidos.

Porém, mais do que os olhos, musa eolia,
 São... as palpebras — essas de virtude
 Petalas alvas, castas, da magnolia,
 Que enche de aromas toda a solitude:

As palpebras modestas, silenciosos
 Peruleos sellos do pudor, do somno
 E da resignação, harmoniosos
 Mysterios, da esperança, do abandono...

— Livre terra! onde á luz da liberdade
 Os raios Franklin subjugou dos céus;

Venceu Fulton do mar a tempestade;
E Washington disseras ser um deus!

Onde Morse a distancia aos povos tira;
Pelo escravo combate o cidadão;
Ergue a frente a mulher e amor s'inspira
Patrio no amor eterno do Christão —

Quão formosa tu és! quão sorridente,
Joven America! em teu seio ondula
Um sangue de oiro, generoso, ardente:
E do Hiawatha o canto a ti modula

O inspirado cantor; e tu bemdizes
Da Concordia o philosopho. És, briosa,
És a nação contente, onde infelizes
Descanço teem e é a alma esperançosa:

Porque acceitas nos braços sempre abertos
O colono, os galés, os proletarios,
Tudo que atira a Europa aos teus desertos,
E os resuscitas homens, bons, agrarios.

* * *

E os prados folgasões vestem de flores,
De verdes véus os bosques; entre os ramos
Rompem em alaridos os amores;
Saltam á sombra os corações e os gamos:

Rolai na velva as bollas esmaltadas!
Apressai-vos! bebei do sol os raios!
Dos céus a luz! ás sombras perfumadas
Correi co'o zephyro! — ais de amor? tomai-os!

—Chegam no exilio, de outros sonhos bellos
As passadas visões, de uma outra éra,
Branços os hombros, negros os cabellos . . .
Ai! do Brazil a eterna primavera!

— E co'a luz occidente retirou-se,
Raios de Apollo, a leda rapazia

Da esplanada ruidosa. A terra umbrou-se
 Em sua propria noite — D'ella o dia
 Não sae; d'extranhos astros vem, portanto,
 Á pallida mortal: d'elles e d'ella
 Vem o intermedio-homem, por incanto,
 D'ella a fórma, a luz d'elles, mundo e estrellas:
 Vêde-o então dansar, a baixo, á cima,
 De terra e céus á duplice influencia,
 Que o prostra, que o eleva, que o victíma,
 Vencido á morte, vencedor á sciencia.

— E á lua nova, asylo scintillante
 De almas felizes, ao olor das flores,
 Aos namorados cantos dos amantes
 D'entre as moitas e aos sons dos remadores;

E os cysnes como prata azas erguendo
 Do luar ao clarão benigno e mago,
 Todos olhos aos céus luzes vertendo —
 N'esse incanto vogavamos no lago.

E ás femininas vozes, aos perfumes
 Da primavera á noite suspendidos,
 Da grutta aos echos, do crystal aos lumes—
 Prantos, se inda se choram, são perdidos.

— E o cavallo a galope nas collinas
 Fogoso, da donzella á mão cedeu;
 E o carrinho veloz nas avenidas,
 Cantando aos luars desapareceu.

— E entre o povo feliz reaparecem
 Da mocidade os doces tempos idos:
 As mágoas, ou perdoam-se, ou s'esquecem,
 Onde os tormentos são desconhecidos

D'essa trindade negra — dos escravos,
 A religião e os reis. Mas, a distancia
 Converte em quasi-amor todos aggravos,
 Bem como á treva em manhans de oiro a infancia.

Sobre o arcabouço pallido da Europa
Voam as aguias: condição mesquinha
Dos povos como os gados, cuja tropa
Não elege ao seu chefe —
À historia minha !

Socrates nos jardins sempre ensinando,
Dos discip'los o espirito elevou-se
Como aromas aos céus . . . Vem! é tão doce
Aprender a licção comtigo e estando

Entre estas flores — tu, ó do estrangeiro
Mestra e amiga, vem! . . . porque os formosos
Tempos do coração foram penosos
Do Dante á dor lembrados no desterro.

Sem eu te conhecer, o teu gemido
Amei, por noite. Do Danubio o canto
Depois, com pausa em *never*, fez o incanto,
De Moore ás melodias comprehendido,

Do amor. Na sombra dos crepusc'los vias
A ilha vaga e longinqua e vaporosa,
As sonhadas regiões aonde querias
Ir amar, ir viver, viver ditosa:

'Eu não sei, não pergunto, se ha um crime
N'este maldicto coração que almejas;
Eu sei somente que, quem quer que sejas,
Eu te amo!' E mas o amor vezes redime.

Gemias condolente — os passos ermos
Iam, vinham, na noite solitaria,
Paravam juncto do aposento infermo;
Dos trons do agoiro a echoar a frente vária

(Era a primeira noite n'esta terra,
Quando eu voltava da separação
Do anjo querido, co'o tremor que espera
Avisos maus e a dor ao coração) —

Eram teus os gem'dos . . . se pre-sente;
 Nem melhor te amo o rir lucido agora
 Que vejo o vibrar da harpa reluzente,
 Que . . .

Ao norte afina-a a boreal aurora!

Um genio a vibra: as chordas luminosas
 Reçumam *sons*; do alvor da luz do dia
 Incendem-se; ou desmaiam detensosas,
 Os sons na luz, a luz na melodia.

E os sons reçumam da visão — escuta
 S'estando a olhar, contente o pensamento,
 Qual fórmas nos retab'los de uma grutta
Cantam, os vê — Rompeu-se o firmamento!

Brandindo verticaes na nuvem pura
 As chordas de crystal e resoando
 De sons e de fulgor, e qual da altura
 Ao través estellar o aroma errando,

Inflamam-se e chammejam, que dirias
 Estalarem de luz nos céus profundos!
 E extinguindo-se vão as harmonias . . .
 Vago-echoa a soidão dos outros mundos!

São os anjos do pólo, são dos gelos
 A ardentia no espaço reflectida;
 São os anjos dos sonhos que, entre os bellos
 Astros, voam da terra adormecida;

E voam no ar chrysolitas de fogo,
 Radios argenteos, limpida fulgencia:
 Dos céus ao meio, do diorama o jôgo
 Coroa abriu-se — dos céus eis a existencia!

Lindo! E a c'roa rutila gloriosa
 Em sempre-movel íris, verde-neve,
 Azul-jacinto e as abrazadas rosas . . .
 —Que á bella c'roa, fronte a Noite eleve!

Ris-te? E nos céus desmaia-se o thesoiro
Das harpas diamantinas da miragem....
Deus! tal minha ha de ser a palma de oiro
Que se alcança no fim d'esta romagem!...

—Confiei na mulher, e fui traído;
Quiz em todo esplendor a sociedade:
Da propria origem o homem resentido,
E no amor frivolo a felicidade...

Mais nada achei. E sem dos céus a estrella,
Meu coração chorava e entristecia:
Que importa pertencesse-lhe a mais bella,
A que princeza fosse d'esse dia?

Que importa? era da victima o alimento
Dulcissimo — — insaciavel, venenoso
Do veneno do sangue e o pensamento,
Que ao sacrificador quasi impiedoso

Torna, do sacrificio na hora, ai! como
Se o triste houvera depredado ao mundo,
Da natenta açucena ou do aureo pomo,
Que o dardo haja o ferir fundo e mais fundo!

E a sós, atravessei as longas horas
D'esse incantado amar da natureza,
Que são da vida as boreaes auroras,
Da luz visões... a sós, e na tristeza.

Tal conheço a quem viu a imagem tua
Na mocidade: em dias dos louvores
Apresentou-se a luz, que ora fluctua
Alli nos céus. Das Virgens aos amores,

Esse, dos deuses creu-se o protegido,
Quando, aos mimos celestes que mandaram,
Dizia: "o bem supremo, os bens perdidos,
Que os possessores do Eden não guardaram,

Que são na terra os sonhos da esperança,
Que são no mundo os tempos venturosos,

Que são na gloria a bemaventurança,
 O amor, e os risos perennaes e os gozos,
 Deu-m'os o Sol, são meus! ”

Se evaporaram

N'um incanto as electricas manhans.
 Os nautas, que ás Antilhas amararam,
 Tremeram d'ellas — oh! as cortezãs!

Do sol não são as meigas precursoras,
 Trevas não afugentam dos levantes
 Com roseos dedos; são da noite auroras,
 Da fria luz polar-argentea amantes;

São as formosas magas de olhos grandes,
 Filhas da noite e dos rosaes co'a sorte —
 Prendem — depois de tanto amor, expandem
 O cyclone, o huracão, a guerra, a morte!

* * *

'Stou ouvindo prégar — voz do insensato
 De religião d'esp'rança e recompensa:
 Como assassinas, crente, o amor innato
 De Deus universal! Á *ignara* crença,

D'essa Virtude eterna, o homem se forme
 D'esse moral diamante duro e claro
 Que tudo em si contém, valor enorme,
 Luz pura e incorruptivel seio *ignaro*.

Não ensines ser bom 'porque' se espere
 Lucrar com isso; nem 'porque' se tema
 Soffrer, não sendo bom: lei tal impere
 No foro e no mercado — onde não gema

O amor, que não se vê, que não se toca,
 Que não dá nada, e está na natureza,
 E que assim deseducas. Se desloca
 Ás cotações toda a ideal belleza!

E terrível é ver tanta loucura
 Em nome do Senhor ! tanta violencia
 Das luctas de ambições, do de candura
 Cordeiro em nome ! E na infernal agencia

Alteiam mais a voz. O amor, educa
 Do justo e do dever, sem esperança ;
 O amor preexistente, o amor que nunca
 Duvida e está na bemaventurança,

Na dignidade do seu Deus, que interno
 Existe, educa ; em proprios céus o homem,
 Do proprio Deus julgado, em Deus eterno,
 Educa-o. Loucos, loucos se consomem

Na practica exterior — pelo que esperam
 A sua salvação. Oh ! salva em vida !
 Que ergam templos no Amor os que o ergueram
 Na Esp'rança, e a lei dos céus terá cumprida.

Mas, Jesus ainda está crucificado,
 Ainda, entre o bom e o mau ladrão, á sede
 Tendo a esponja de fel : ao Deus sagrado
 Corre o sangue das chagas e se perde.

— Mas, d'onde vem o mal, quando a Republica
 Bem cumpre seu dever — a escola, o templo ?
 — Talvez do interprete, ou da menos pudica
 Deusa do lar, á meninice o exemplo.

A escola ensina, o templo ensina ; em tanto
 nenhuns que a fraude e o latrocínio domem :
 Ai ! dos paes falta o amor, do berço o incanto
 Que fórma o coração moral do homem !

O moral coração do sentimento,
 Que é da verdade a fórma — porque forte
 Seja quando ao ideal o pensamento
 Abrir-se, a Deus, á patria, á gloria, á morte.

— D'onde haver o archetypo ? — da leoa,
 Da *Ama* que ao filho aleita, e o adormenta

Sem recompensa e em dor o abençoa,
 Beija-o chorando ; essa alma educa e halenta ;
 Do filho, qual de um Deus á natureza,
 Gera n'ella a feliz necessidade ;
 Mãe a quem tirem toda a aurea riqueza,
 Mas nunca o filho, nunca a Divindade !
 Ora, em commum educa a juventude ;
 Sim, desde a insexual risonha infancia,
 Mesmas sciencias, mesmas as virtudes,
 Dupla moral da força e da fragrancia,
 Que o homem e que a mulher se communicam
 Quando irmãos : ora, educa-os vencedores,
 Do modo porque irmãos se fortificam
 Socios, bons, verdadeiros, defensores :
 Esta, varonilmente sendo bella ;
 Este, candidamente poderoso —
 São dois os elementos de uma estrella,
 Fôrça e luz — Oh ! educa o *deus* formoso,
 (Sub guarda o animal) fôrça e doçura !
 O que um exhale, outro absorva e preze,
 No equilibrio moral da esphera pura —
 Eia á revolução ! Tendes a these
 De Washington na mãe, na mãe de Christo,
 Que educam homens taes da idea ao imperio,
 Da sciencia ás virtudes, do infinito
 Ás creações de Newton e de Homero !
 Em commum . . . não *commum*, que hi fórma a Davis
 E a *free-loves* das liberdades-vicios
 (*Corrupted free men are the worst of slaves*)
 E a consciencia depois, com que Artificios
 Encaram-se. E quem dona da grande alma,
 Eil-a serva dos brincos e a *toilette*
 Que emprestem-lhe o valor . . . De quem a palma ?
 É da Maria ou é da Marionnette ?

Nas mãos toma-lhe Figaro a cabeça,
Qual do cerebro ás hybridas imagens
Riça-lhe caracoos, —solta-a condega
Do dezenove seculo ás miragens !

E ventoinha das grimpas esmaltadas,
Leve e livre, delira aos horizontes —
E espumas vãs, ao incendio auro-abrazadas,
Ondas crêm-se rolar de Phlegetontes.

E o homem que não foi o irmão das bellas,
Prepara-se á conquista das Sabinas,
Tambem não com as sciencias das estrellas,
Mas com as do oiro . . . magicas, divinas.

— Que as orelhas não furem-se ás escravas !
Se educa-as do homem na fraternidade
Moral do emulo espirito, as mãos alvas
Mostrarão seu destino á humanidade:

Não o d'azas e caudas fulgorosas,
Mas o d'internos hymnos, que s'escutam
Da modestia tão só, de harmoniosas
Phenix de amor, que em gloria se *sepultam* :

Não rainhas das modas, reis dos bancos,
Mães da vaidade e paes da ladroeira ;
Ambos porém christãos, austeros, francos ;
Ambos de si valendo e não da feira.

Mas, porque este oiropel d'arte formosa,
D'industria humana, nos viria agora,
Ás brumas semelhante, mentirosa,
Na bella Patria retardar a aurora ?

Eia pois ! á revolução da escrava !
Á communhão de angelica harmonia !
Não é o homem que á mulher deprava :
Oh ! levante-se a bella academia !

Contrário adejam lucidos diluculos
No vácuo mysterioso que os separa,

Azas da corrupção. — A dois crepusculos
Porque noite e não dia interceptara?

Da Liberdade espero ; da Republica,
Onde os erros debatem-se ; da calma
Que succede ao furor ; da bella e pudica
Mãe moral ; do céu íntimo em cada alma.

E do Eden as serpentes que, mudando,
Co'os seculos renovam-se, esmagadas
Serão da Vencedora. Heis-me *esperando*
Sim, do amor pelo Amor ; das ignoradas

Causas do justo pelo Justo ; e a crença,
Mas do dever pelo Dever, que em vida
Prende-me ao grande Todo e faz querida
A gloria de existir sem recompensa.

— E Edens geram Cains . . . Da Biblia o oiro
N'uma industria feroz Satan explora!
Dizeis: 'sêde vós mesmos o thesoiro !'
Respondem, que 'Jesus, homem não fôra.'

In hominem Deus. É este uma onda pura
Aclarada do sol té ao profundo;
É aquelle a onda amarga, inferna, escura,
Ou tempestuosa; aquelle, o charco immundo.

— Onde o apostolo ? E tu, onde te exilas,
Christianismo divino de Jesus ?
Tu, que de amor o firmamento anilas
Á alma que está na solidão da Cruz,

Religião feliz da Natureza,
Do Infinito que impera no Animal,
Eis-te — *a formosa*, a adultera belleza,
Que a alma deslumbra . . . em pró do sensual.

— E o melhor coração é o dos rochedos
Aridos, do oceano e o raio; as palmas
Edenaes, attuffando-o nos floredos,
Exhaure-o . . . na contemplação das calmas.

Como ao sol o crystal se alegra e luze,
 Mais que a pedra grosseira, e é riso, é vida,
 Assim a Deus aos seios bem conduz
 Teus, que o malconductor é parricida.

Jesus teve-o n'um astro e íntimo templo —
 Oh ! o Diamante ! que, de ser tão puro,
 Foi chamma e o mesmo Eterno ! Se o contemplo,
 Nem do fulgor distingo o que é fulgúro !

— Cansai a alma co'os céus ! que sobre a terra
 Ande o corpo em descanzo o andar glorioso
 Da solidão dos martyres — Á guerra,
 Lidadores ! . . . E o mundo é do enganoso,

Do Phariseu das fórmãs . . . São medonhos
 Os vícios do Christão sob apparencia
 De charidade e amor ! sob os risonhos
 Cremos, o trafego, a íntima indecencia !

— E ha um gôzo ineffavel no martyrio —
 Sente-o o justo, que pre-sente a gloria
 Na agonia de dor e como um lirio
 Inclina a frente, que ha de, de victoria,

No tempo resurgir: candente e forte
 N'esse inteira vibrara a Divindade,
 Em toda fôrça, e quanta homem de morte
 Podia comportar da eternidade !

— Não ha senão uma alma ! a eterna: o Espirito
 Eterno, o Indivisivel, o Uno-Deus,
 A Omnipotencia, a Acção, o Uno-Infinito
 Presente em todo tempo, ou terra, ou céus !

Qual na materna entranha o homem, vivído
 N'outra palpitação da terra, triste
 No mortal, — no immortal, desde o vagido
 Do nascimento, alegra-se elle e existe

Na Alma-Deus. E de então, delira o incanto
 Qual do mar a onda erguida, que resplende

Ao sol, que amaridão não dá-lhe e em tanto
Tem-na luzente até que ao mar se rende.

— Por cada faculdade que exercitas,
Em ti se manifesta a Ommisciencia;
Tanto mais, quanto do homem nobilitas,
Em ti do Eterno tens em recompensa.

— Depois da morte, o corpo é que sae da alma,
E não a alma que sae do corpo aos céus . . .
Como este ether divino á eterna calma,
Permanece eternal nossa alma-Deus.

— Filhos da terra, tende vós cuidado,
Que na alma, em Deus estais e hi sois viventes
No Indivisivel! Quando degradados,
Vêde, não sois no *vosso* delinquentes,

Mas no *nosso*! No Todo nós vivemos,
D'onde o indivíduo sae, *nós* não saímos:
Que é amor fraternal, senão que amemos
De uno-peito a Uno-Deus em que existimos?

— Com que direito ser depravidade?
O da carne faminta ou o da consciencia?
E o direito de ser eternidade
É o unico a quem ha da Omnipotencia:

Sem dar a Deus um throno á fórma estúpida
Dos dos reinos do mundo, e as sanctas almas
Prostradas ante o Rei dos céus e cúpidas
De recompensas das ganhadas palmas;

Nem o horror infernal dar mais ao inferno
Do já infeliz — a Duvida nascera
D'estes demonios. Co'o existir no Eterno
Um só, a luz na terra se accendera!

E lá está no oriente a bella aurora —
E através da feroz, da agra espessura
De avaro sangue e fibras vibradoras,
Lucta o dia; resiste a brenha escura.

— O Espirito é quem faz o inferno todo
 Á invenenada carne, como um raio
 Puro n'uma onda impura, e o mixto um lodo
 Resplendescente dos paues de mayo.

Um porém vi, que (Salomão inverso)
 Vivendo a mocidade que vivia,
 Rehabilitou-se á infancia e, mundo egresso,
 Puro acabara na sabedoria.

Ás mãos dos impios, da desgraça ao abysmo,
 O sacrificio de si proprio! ao Christo
 Cordeiro-Deus! . . . Não ao Bezerro-egoismo,
 Orgulho vão, ou Judas do imprevisto . . .

Quando ao suicidio louco arma-se o homem
 Contra seu proprio coração e o parte,
 Vencedores os erros, que consomem,
 Mais não poderam contra o interno *Marte*.

— Meu pobre Emilio (eu estou vendo a imagem
 Como uma flor)! Ainda a um anno, quanto
 Sonhar de gloria! E toda a aurea miragem
 Desfez-se, e um tumulto . . . eis o desincanto!

Das musas do futuro o tão querido
 Joven discipulo — oh! quão doloroso
 Que é este testamento do suicido,
 Que não se entenderá! Drama doloso!

Precisa-se abençoar alguem no mundo,
 O coração sem bençã não resiste —
 Um ninho onde haja um cantico jucundo,
 Um amigo, uma mãe. Mas ai do triste

Que abençoar não poder! Não é bastante
 E sciencia, e pão, e a luz da natureza,
 Nem do infinito este anhelar constante:
 De terra-amor e internos céus-pureza,

O homem carece, ao crer, quando lhe estua
 Fogo sagrado, que, se se acabaram

Mundos, em Deus se eleva a frente sua
E os elementos ahi não se arruinaram!

Fascinação de Chatterton! — as rosas
Como, ao vulcão, desfolham-se da esperança!
Como de um genio ás chammas luminosas
O cerebro dos fracos s'embalança!

Hecatombe infeliz de anjos brilhantes,
Corações matutinos, que á luz pura
Sacrificam-se ao que houve tenebrantes
Céus e sorte — e luctara até loucura,

Quando a razão cedeu! — Emtanto á falta
Da patria gratidão e o lar materno,
Tambem espurios morrem. E se exalta
Da Industria mais quem perde mais do Eterno.

— 'Stou ouvindo prégar. — Que a sede estanque!
Por esta multidão que se apressura,
A voz de Moody, o canto de Ira-Sankey
Ferir parece á vibração mais pura. . .

Elle era a humanidade e Elle era Deus,
Na terra os pés, no empyreo a bella frente —
Que aguas tão vivas! que tão pura fonte!
E os mysterios turbando. . . internos céus!

Fundo! mais fundo! — Curam do colosso,
Válido o perfil, nobre a apparencia,
E dentro deixam avido molosso
Co'a Biblia! Um parricida na demencia

Ouvi dizer 'que não n'a entendia' —
Levaram-n'o ás prisões; e era aparente
Um candido, um formoso adolescente;
Foi quando ao infanticidio o Deus gemia.

Pois, se ao Deus-Homem proclamando, a terra
Á verdade inverteu ('que Elle ensinara
Quando humanou-se') e em tumulo, que encerra
Podridão e alvo externo, se tornara,—

Vejam, se ao Homem-Deus e filho do Homem
Educado no amor (e então perfeito),
A terra não illude e inverta o tumulto,
Candido interior, embora o aspecto.

Crea Homem-Deus a homens-divindades,
Bellos, terriveis de candura e fel,
Qual heroica se eleva a liberdade
Nos symbolos que ha de Washington ou Tell:

Porém, ó Deus, perdoa-lhe a loucura
Ao coração que treme como os astros
Por entre a cerração da noite escura,
Como perdida nau, brandidos mastros!

Surja exterior igual do igual interno. . .
— Oh! quem sabe! prepara Providencia
Aurea idade á Utopia, consequencia
Da igualdade christã, do Igual eterno!

Quem sabe se no lento andar o mundo
Vai caminhando á perfeição de luz -
E no lavor chaótico e profundo
Talvez está Platão e está Jesus!

Porém vão-se illusões, se indo p'ra a morte —
O amor, a gloria os symbolos dos céus . . .
Como sombria cae a alma do forte
Que já somente abraça-se com Deus!

* * *

E do homem através Deus se revela
Na virtude, no amor, e na consciencia
Scintillações da universal Estrella,
Mais, se melhor perfeita esta existencia.

Os crimes, a loucura, os da miseria
Monstros, de fórmula eternamente vária,
Resultam só dos vicios da materia,
Que não, que não da eterna e solitaria

Alma-Deus. Qual nos sons de um instrumento,
Não vem do ar puro o desconcerto invito
Assim não vem desviado pensamento
Do interno deus-deserto. E o infinito

Nem principia em corpos como exhala
A flor o aroma, nem principio tem:
Dareis portanto ao homem existir n'Alma,
Que não a alma no corpo. Além — além —

Sobre estas margens o esquadrão britano,
Reaes de George trez, se arremessava;
Das montanhas descia o Americano,
Da independencia a lucta se travava.

Oh! quem pintara o horror do marcio embate
Das contrarias legiões, quando o inimigo
São paes, são filhos, é o irmão, o amigo
Que armados se erguem, lançam-se ao combate!

A planicie estremece! e o fumo e o fogo,
E o tumultuar que ruge, e o mais medonho
Que silencia, tudo a um tempo, um sonho
Chaótico do horror, do inferno o jôgo!

Rubra, tenebra mó de poeira e flamma
A involver-se, a estalir, ao brado, aos berros!
Logo o estertor, logo o vencido em ferros,
E a lagoa de sangue onde era a gramma! —

Depois, no amor de mãe recolhe a terra
Os que são mortos, pudica os encobre
Do escandalo da podridão e encerra
Nos seios, e da flor co'o manto os cobre.

As nuvens já, da guerra sobe o espirito —
Recolhe os bravos o risonho céu:
Do ser vivente, o findo e o infinito,
Cada qual volta ao elemento seu.

— Dos gryphos da metropole nas garras
Sangrando livida a colonia America,

À Albion regeita o preço de suas arrhas
E brada aos filhos! Viu-se a lucta homérica.

D'elles o troço em nuvens já fugido,
Já reapparecendo vencedor,
Do Delaware já contra o gelo erguido,
Já dos seus á injustiça, ou do traidor;

Ora disseminados pela terra,
Ora em cylonea mó todos brigando:
D'onde a altivez de amor que a patria gera
Cívico em cada peito. E a fronte alteiando

Da liberdade, a sangue conquistada,
Amostram cada plaino, cada monte,
Avós a netos: tal, na alma elevada,
Lhes representa amor todo o horizonte:

E elevam-se os espiritos juventes
Ante as nobres acções dos seus maiores:
— Como os rios mugiam combatentes!
— Como da terra ouviam-se os clamores!

D'esforço o Americano redobrava;
De vão orgulho o Inglez; quando as procellas
Murchando de Cornwallis, as estrellas
Rutilaram de Washington. Cantava

Da patria o coração; e em Deus o espirito,
Co'a justica da causa liberal,
A America venceu: e no infinito
Echoa eterna a gloria triumphal.

* * *

Ora do Hudson ás ribas montanhosas
Madrugador vagueia vendo o Guesa,
Nas nortes estivaes manhans mimosas
Os segredos da activa natureza.

N'essas longas manhans adamantinas,
Que de lumes d'estrellas se diria

Formarem seu clarão — alvas, divinas,
Na vigilia da noite abrindo o dia,

Reflectindo dos céus o amor, a infancia
Da terra e o doce rir, candidas horas,
Quando o mundo ainda dorme e de fragrancia
Se enchem, de orvalho, as flores e as auroras,

O silencio da noite elle estudava
Á luz do dia, as aves ainda estando
Nos seus ninhos. A calma o inebriava
(Bella na terra e no homem) contemplando.

Porque dos homens e os amores presa,
Sentiu elle dos vivos aterrado
Seu coração; e o lirio de belleza
Repentino murchou. Mal resignado,

Tarde, em tanto a licção elle abraçara
Co' o desespero mudo da sciencia,
Que outrora a mais felizes expulsara
Dos jardins descuidosos da existencia:

Porque no fructo amaldiçoado e negro
Elle mordido havia, nos delirios
Do amor á humanidade; e nobre e intégro,
Da esperanza, ficaram-lhe os martyrios,

E sem gloria nenhuma! era o paraizo;
Foi a serpente. Como ha sempre o engano!
Então, que Eden é este, onde do riso
Devemos suspeitar? — o Eden humano!

E arte aprendeu de então tacitamente
Os homens evitar; e receiosos
Se amostrarem-se foi conveniente,
Não lhe foram ao menos tão penosos

Qual quando amigos. E ora, a sós pedia
Ás noites estellares o socêgo,
Ás calmas das manhans e ás do alto dia,
Sem d'elles ver e ouvir, já surdo e cego:

Não com o odio fatal do Atheniense,
 Porém co' o sentimento fundo e instincto
 De um que a si vê-se além, d'elles se pense,
 Do mal-são e o pestifero, distincto:

Nem banquetes lhes deu de falsos viveres,
 Que arremessasse á face aos parasitas;
 Da estrella sua ao resplendor, quão livres
 Adejavam as azas! quão bonitas!

E então, inexoravel, desgraçado,
 Elle em duvida punha os sentimentos
 Dos céus, da terra e tudo quanto amado
 Lhe fóra — — O lirio laceravam ventos:

.

“ Eu tive na alma estrellas fulguerosas,
 Bellas constellações, que se apagaram!
 Como auroras — rosaes, campos de rosas
 Eu tive! E astros e flores se tornaram

“ Chagas ou luz, ou rubras, da luzente,
 Da mesma fórma e tal, que o olhar s'illude:
 É astro? é dor? é rosa? — qual latente
 Odio seva o immoral contra a virtude.

“ Dissera-se que em seus desequilibrios
 O sol septentrião, cujas auroras,
 Cujos occasos, d'estações ludibrios,
 Não indicam dos dias pelas horas

“ Princípio ou fim, sería a causa toda;
 Mas do equador o que meio dia mede
 Pela sombra e na planetaria roda,
 Exacto se apparece ou se despede,

“ Aos Selvagens ensina da palavra
 A religião . . . não poudes e talvez possa
 Mais nada. Eia! da morte que deprava,
 Resurja a vida que arde luminosa!

“Esta é a Harpa, que estes sons resoa
Da formosura d’erma eternidade!
Esta é a Harpa natural — a coroa
Cinge de soberana a Divindade!

“Chammejadas ideas — mal luzentes
Lavor, perolas, gottas amorosas —
Mas do corinthio bronze igno-candentes
Ardam seus versos — astro, ou chaga, ou rosas.

.

“Mas, quão vastas pocemas de alegrias
Veem de longe turbar minha tristeza!
— Até aqui, Dom Pedro, vem aos dias
Meus a poeira tua! — és rei, sou *guesa*.

“Não faças sombra! — adiante! tens deveres
A cumprir, como os tenho vagabundo!
Tu, annuncia (eu louve-o, se o fizeres)
Que terra existe, a mais feliz do mundo,

“Onde são d’esmeralda os bosques, de oiro
Vivo as fontes e os rios; onde puros
Os céus e os corações todo um thesoiro
Ao Extrangeiro off’rezem, nos seguros

“Dons sacrosanctos d’esta liberdade
Civil e da consciencia — eia! attenção!
Nem s’illudam por vicio de vaidade
A face livre e o peito escravidão.

“Mas . . . vê fortuna que ha nos nascimentos:
A mim, feriram o craneo, derramaram
Meu innocente sangue; a ti, coroaram —
E ambos vindos dos mesmos elementos.

“E ambos á sagração de um berço exergo,
D’onde a lenda da vida se nos traça,
Differente missão nos coube: exalça
Tua; á minha eu me sacrificio e entrego.

“Somente . . . estou cansado da fadiga —
Não de velhice, nem do pensamento,
Mas . . . das miragens, a que a voz dos ventos
Compelle-me, compelle-me que eu siga!

“E corro á minha gloria . . . das miragens
Bellas, que resplendem-me horizontes!
Passo — ás extremas chego — ao mar — aos montes . . .
Somem-se . . . — e o mundo, que abre-se em voragens!

“E a ti, deram as chaves do thesoiro
De uma grande nação; e a mim . . . concorro
Para a despeza tua. E enquanto morro
No exilio, vives qual imagem de oiro,

“De religião de antiga idolatria,
Que a mão dos homens talha, eleva e adora:
Tambem pensei que fosses tu aurora
E eu noite — ai! que nem um, nem outro é o dia!

“E tudo que dos homens só depende,
Foi-me contrario, o juizo, a lei, o foro;
Grau, que a todos a eschola lhes concede,
Foi-me negado; a pública opinião

“Julgou-me extranho; nos negócios quando,
Sempre á consciencia do intimo decôro,
Os que a bolsa levaram-me, gritando
Aponctaram p’ra mim, que era o ladrão!

“Da minha casa o resplendor, amigos
Desfizeram, deixando-me o desdouro;
Amores, me trairam: que inimigos
Eram-me os céus, m’o disse o coração.

“E réu convicto eu cri-me, d’algum crime
D’outrem punido em mim, talvez . . . — do choro
Resignação, hi vês-me á, que redime,
Indifferença. A terra é a prisão.

“Não jogues o teu sol antes do dia,
Qual fiz co’o o meu; conserva a tua herança,

Porque mundo e illusões, Deus e alegria
Tambem não abandonem-te, e creança

“Não vás, qual da orphandade um soberano,
Feito infeliz por teus adoradores,
Confiante a algum outro soberano,
D’onde voltes . . . ‘mais nobre’ pelas dôres.

“Pobre homem rei! talvez mais pobre ainda
Que o homem Gueza! Ao menos este a morte
Sabe do coração que aberto finda —
E quem ao do outro predissera a sorte ?

“Oh! bem hajam os que os lançam aos destinos!
E eu longe, aos meus jardins a paz voltara;
Tu longe, a escravidão se libertara —
Quão rapido envelhecem peregrinos!

“Rejam nossos dominios mãos formosas
Dos anjos na Victoria e em São Christovam —
Reino feliz! ás nossas, ambiciosas,
Renasce o mal, os odios se renovam!

“Honremos nossas c’roas: dos martyrios
Eu, e tu a do imperio; não maldigo
Nem proclamo teu throno, e nem eu digo
Que devera ser meu; do Sol nos gyros

“Porém lesses, talvez exemplo deras
De verdadeira eterna realeza,
D’elle descendo — que é por natureza
Do direito dos povos, teu, se houveras

“De eleito ser. Ahi passas glorioso
Das festas que o paiz da liberdade
Prodiga-te; honra-te a hospitalidade—
Ave, Caesar! tu és victorioso.

“Eu o serei —

E o meu abrigo acharam . . .
Não tenho mais refugio sobre a terra ?

— As promettidas plagas nunca entraram
Os eleitos dos céus. Além da Serra,

“ É nas nuvens azues da natureza,
Nas chammas dos vulcões, do Sul nos grandes
Mares, ao occidente, além dos Andes,
Que irá na gloria descansar o Guesa!”

E sempre ao occidente, ao occidente,
Os Naturaes olhando suspiravam:
Filhos da vibração do sol nascente,
Do occaso os raios a alma lhes levavam.

Do oeste aos seios, onde o eterno Espirito
Morava, e em si os fortes recolhia —
Oh! a crença formosa do infinito!
E como a luz da idéa, a luz do dia,

Á mesma direcção do occaso eterno
Ambas seguindo vão!

Tal da luzente
Manhan d'estio e do ar puro e galerno
Alimentado, a sós, na luz silente

S'estava o Guesa; e agora respeitado
De toda a solidão, e defendido
Por toda a natureza e d'ella honrado,
Unica sociedade em que ha vivido.

Perdeu elle os seus jovens companheiros:
Um, que mais as licções não lhe escutara;
Um outro, que morreu. E aos estrangeiros
Elle, bem como a seus irmãos, amara.

Sobre o Hárlem vogava então com este
Ás brisas alvoraes d'esta mesma hora:
E o moço Frank o voo erguem celeste,
Como a pouco as estrellas vi da aurora.

E elle o viu em seu feretro inactivo;
Chorou: disse-lhe adeus. Adeus mais triste

É porém, do que ao morto, o adeus ao vivo
Que em nosso peito qual finado existe.

*

*

*

E os céus abrem o dia, n'alta noite
Em que a terra ainda está. Do somno vê-se
A lethargia; e sem da vida o açoite,
Visões do sonho cada sêr parece

Surprendido do sol. Alvas abertas,
Novas, limpidas, candidas, sedosas,
Ledas, aladas nas manhans desertas,
Reflexas nas correntes espelhosas,

Em lucidos triangulos as velas
Ínvio-errantes s'estendem pelo rio —
Dorme a cidade á luz das manhans bellas
Dos disalongos do abrazado estio.

— Lá, de Anti-O-ra os cumes gloriosos
Nos véus de azul vapor do firmamento
S'involvem! Lá nos leitos silenciosos,
Reboando ao em torno a voz do vento,

Ainda Rip-Van-Winkle adormecido
'Stá aoincanto dos genios dos rochedos
Nas transparentes serras; e onde ouvido
As lendas tenho dos meus tempos ledos.

Storm-Ship a grande ave ainda aos luares
Desdobra as largas azas; ainda á louca
Tormenta, a voz do capitão dos mares
Se ouve á noite mandar, soturna e rouca.

Ainda os montes escutam sempre-mudos
A musica das aguas que nasceram
De 'Fire-Water' ao norte; além profundos
Poisos do 'Grande Espirito'. Entristecem

Com 'Bash-Bish' os crepusculos sombrios:
Já se evaporam os cumes do occidente

Á derradeira luz, e os astros frios
Surgem, que á noite dão frescor.

.

Ausente,

“Oigo de muito além longe tocadas
Notas de alpestres sons da solitude,
Como os gritos do berço ou das manadas
Dos valles nossos cheios de virtude :

“Á tal musica o ar se purifica,
Dilata-se no peito o coração,
Despoeva-se a terra e a sós se fica
N’outra existencia de maior soidão.

“Contam dos montanhezes da Suissa
Na linha dos exercitos, distantes
Da terra onde tranquillo s’espreguiça
O lago e os montes erguem-se arrogantes,

“Que se de longe ouviram mudo-attentos
O ledo *rans*, que alembra a natureza
Da doce patria — a tantos sentimentos,
Estatelados morrem de tristeza !

“Tempos houve tambem quando minha alma
Dos mares no crepusculo ou dos montes,
Remotos climas, solitaria calma,
Perdida nos profundos horizontes,

“De qual extincta Helvecia nas saudades
Via a angustia mortal. Uns lá morreram,
Outros deixaram de existir . . . e as tardes
Que em meus valles as sombras estenderam

“Trazendo á terra extranha solidão,
Aos novos possessores desconhecem . . .
Nem tenho mais p’ra onde ir — —Tal endoidecem
Os montanhezes, pelo coração.

“Ainda a lembrança tua me apparece
Constante ao grande enlêvo das montanhas :

Ante as scenas a que a alma s'engrandece
Na contemplação, ainda me acompanhas,

“Oh meu Gentil! Saudoso ‘no batente
Ias chorar da minha porta’, áonde
Dos dias de oiro minha ‘voz contente
Não ouves mais, que á tua não responde’ . . .

“Nunca mais a ouvirás — — Nem muito tarde
O presenti . . . das doces harmonias,
D’essa fragrancia da felicidade
E os roseos mundos dos doirados dias!

“E eis porque viam todos, de repente
No meio dos saraus murchar o Guesa
Como o lirio de um astro, que occidente
Nuvem apaga e obumbra a natureza

“Terrivel d’outros céus!”

Mas quando a terra,
Como se não passasse tanta gloria,
Verdeja toda e canta á primavera,
Os logares visitam-se da historia:

De Sunnyside nas collinas puras
O coração de gozos s’embriaga,
Do ar claro e olente á genial frescura
A sombra vê-se d’Irving que divaga.

Juncto ao fogo dos lares, se remontam
Gratos ao tempo heroico americano:
‘No cavallo-phantasma (os velhos contam)
Dos ventos através passa o Hessiano!’

Os meninos escutam. Se ouve o cantico
Da tarde nas collinas sonoras,
Á sombra dos carvalhos o Pocantico
Rolando escuras ondas vagarosas

Nos echos dos convalles socegados
De Sleepy-Hollow. Como é triste e doce

E meigo o ouvir dos contos consagrados
Do tempo dos avós, que já findou-se ?

Tempos, como os jacinthos odorosos,
Da patria virgem, das acções condignas —
Vêde porém nos lares ruinosos
Quantos destroços da virtude antiga !

Oh! reflorçam loiros de annos cento
Nas ethereas montanhas, que em grandeza
Formosa e rude estão no firmamento
Qual suspensas fluctuando á natureza !

*

*

*

E corre o nobre 'rio das montanhas'
Entre jovens cidades florescentes,
Alvos retiros, lucidas campanhas
E os ninhos de verão flóreos, ridentes;

Corre entre ribas curvas e altaneiras,
Valles cheios de sol, cheios de vozes;
E os doirados vapôres em bandeiras,
Cantando festivaes passam velozes.

Do rio ao longo sibilando voa
A serpente dos trens, lançando adiante
Nas aguas o clarão.

Porém, resoa

Já na noite sonora e palpitante

Tarrytown a tão quieta. Reuniu-se
A flor da mocidade e da belleza
No alcantilado hotel. Tristonho ahi viu-se
E não de dor, mas de ventura, o Guesa.

E nos solariums beijam-se os amantes;
E do salgueiro aos *choros* se medita;
E a dança aerea ás musicas vibrantes
No espelhoso salão tece-se e agita.

Donosa Hella dançava, colleiando
Qual lâmina estellar que irradiosa
Luz-refracta-se e ondula alva aclarando
A bella onda em que está. Sombra estrellosa

Ó noite! ó noite, abafa-lhe os suspiros
No augusto-vago manto de negroses!
Mudos ao lado um do outro, doce os lirios
No ar cheirando, das fontes os rumores,

Do tronco o umbror amigo e tão dilecto —
Oh! quão delicioso esse quebranto
Da deusa que não ama! Orvalho incerto
Cae da face dos céus — a estrella é pranto.

E do arvoreda a lua afogueiada
Saiu e recolheu-se logo á lobrega
Nuvem; dos astros em grinalda negra,
Deram clarões na ameia calcinada.

— Rugem como Jesus os céus agora;
Elevado das trevas eu contemplo
Nos espaços a tórre, como aurora
Arder em chamma do Senhor o templo!

Da bocca dos vulcões ruge a palavra!
Mas, porque não ferir-me o raio e em guerra,
Como torrente de abrazada láva,
Ir a casa de Deus lançar por terra?

Não pelegei dos homens o combate,
Nem ás d'elles no campo das batalhas
As minhas fôrças não medi por arte
Contraopondo broquel, peito e muralhas:

Nada tenho com elles. Á grandeza
Que procede de Deus eu me alevanto:
Nas tempestades vê-me a natureza,
Cruzados braços da procella ao canto:

Da acção ferida dos cruzados braços
Vê-se, ao guerreiro eterno a face rasgam,

Do pensamento que arou fundo, os traços,
Esses que o tempo e os sec'los não apagam.

—Verdade, amor, pureza — salve, trinas
Graças! vós sois dos céus toda a harmonia,
Raio e luz e clarão, sempre divinas
Ou á noite sem sol ou ao sol do dia!

E em Tarrytown ás noites incantadas,
Da mocidade a flor e da belleza
Reunindo-se ás *hops* enamoradas,
Leonisava nos saraus o Guesa.

Em doce combustão desperto estava
O amor velando e agora, á formosura
Dos salões elegantes: desdenhava-a
Elle, e a ella o curvou rindo natura.

O esculptor da nudez e o puro mento,
Que a annéis mil preferia o *solitario*,
Ora o intenso viver do pensamento
Via ao esplendor da fôrma e do vestuario.

E ao viver, 'do dos mais tão differente,'
Suspeitoso ao vulgar (mais puro e nobre
Talvez do que nenhum), a omnipotente
Volveu benigno o olhar que os céus descobre!

E em Saratoga esplendida, elle a estrella
Sua seguindo, viu-a abrir as azas;
E dos hoteis-cidades lá nas piazzas
Longe a branca visão perdeu-se d'Hella.

* * *

Chegou ao pôr do sol o Guesa Errante
Á capital da válida Republica;
A collina subiu que ao centro, ovante
Senhoreia o horizonte do arredor.

E subindo a marmorea escadaria
Do olympico edificio eterna cúpula

Elle o circulo fez, ao fim do dia,
E á base se assentou cheio de amor.

.
“No Capitolio estou da Liberdade!
Qual do vencido mundo a extranha terra
Ao sopé do de Roma n’outra edade,
O coração ao solo não aterra

“Escravo aqui; porém respira e pulsa!
As auras beijos dão da boavinda
Meigos na frente do viajor adusta,
Que hi parou, que descança e o errar não finda.”

O Potomac além, tardo o occidente,
Como púrpura estrada luminosa,
Manso estende-se. Além, brilha o crescente,
A perola, a do azul dos céus ditosa.

E do crepusc’lo o luar, fresco, infantino,
De alvor banha columnas e relevos;
Candidamente colossal, divino,
Resplende o Capitolio! Doce enlévo!

Esta luz, este candido deserto,
Estas brisas gentis da liberdade,
Conveem ao Guesa Errante — porque aberto
O coração, pertence á Divindade.

E esse amor, em que o Fundador traçara
A planta da cidade-monumento,
Que um raio, qual de um astro o irradiamento,
Do centro a cada poncto projectara

Sobre o horizonte, o amor aqui se sente.
Da liberdade as sempre-alegres vozes
Ao em torno passando, transparentes
Echos retinnem, crystallinos, doces,

Do Cap’tolio no firmamento — oh! quanto
De affecto ás tardes do luar de junho,

Da Republica ao seio e n'este incanto
Em que no amor do extranho a lyra empunho!

E ao manto aereo do luar de prata
Com doçura alvejante o grande templo
Sobranceiro campeia. Eu oiço a grata
Boscagem ao pendor — oiço e contemplo.

Da minha vida é a mais bella tarde!
— Vinde á meditação, jovens do mundo!
N'este silencio, n'esta claridade
Que sentimentos! que scismar profundo!

* * *

Nódoas . . . n'este assoalho o sangue ardera!
Do revólver traidor aqui varado
Caira o que a União salvara e dera
Á liberdade o negro escravizado.

Em sexta-feira sancta: elle em descanso
Assistia de noite ao espectaculo —
E rolou da cadeira de balanço
Ao trom fatal! O povo estupefacto,

Sem acção, fulminado, angustioso,
Ao clarão viu das luzes no scenario
Saltar tragico espectro tenebroso
E fugir para o inferno! Eia! ao nefario

Assassino da patria! — N'essa noite
Todos os corações lucto vestiram.
Como é branca esta estatua! como doe-te
A quéda da virtude! os céus feriram!

Abrahão Lincoln! Eis o mais formoso
Typo do cidadão republicano
D'este moderno tempo glorioso:
Singelo, honrado, sabio Americano.

A incarnação mais pura, mais honesta
Foi elle da nação que presidia

À ultima rev'lução de sangue — D'esta
Hão de vir as da paz e da harmonia.

Mas o povo, d'aquelle assombro quando
Sentiu-se despertar, n'esse odio ingrato
Em que ruge a vingança, perlustrando
Busca, cidade e aldeia, ao scelerato:

Na noite, e antes da justiça humana,
A justiça dos céus veiu terrivel —
A *mob*, e mascarada e soberana
E fatal de verdade e irresistivel,

Tomou-o ás mãos! Ninguem se conhecia,
E todos silenciosos cooperavam
Na vingança das sombras, mais sombria
Que a dos homens! — ora estes respiravam.

Mas, o sangue de um justo a causa rega —
Sancta triumphará. E a sociedade,
Que tenha tribunaes—oh! é na cega
Lynch-Law que estoira Deus na humanidade!

* * *

Nas terras da Virginia florescentes,
Do Potomac ás levantadas margens,
Chegando á hora da calma, o peito sentes
Estremecer de amor. Frescas ramagens,

Trinos d'aves, uns trinos deleitosos,
Veredas longas, d'esmeralda a relva,
Modestos casa e tumulos, grandiosos
Os céus e o coração,— a alma se eleva!

Não ha na terra solidão mais pura!
Ar mais puro! mais puro firmamento!
Risonha e doce a luz, canta natura,
Nos seios naturaes respira o vento!

Ha qual saudade dos logares sanctos:
Não ha tristeza, mas silencio amigo;

Soam dos ramos afinados cantos;
Abrem-se as portas do casal antigo.

Fechadas nunca estão. Meigos libertos
Mostrando os aposentos solitarios,
Dos que habitaram contam —

.

“Que desertos
Deixem-nos silenciosos os sacrarios!”

Ora as sombras dos mortos o acolheram
No amor devido ao peregrino ignoto,
Que vem de longe e que até ahí trouxeram
Destinos varios. Ledo o peito e moto,

Elle ficara ao lado da familia:
De Washington, a patria; da tranquilla,
Da veneravel mãe; de Martha, a esposa;
E Lafayette, o hospede da nação.

E foi-lhe doce o estar á religiosa
Harmonia d'aquella sociedade:
Oh! em Mount Vérnon, como a liberdade
Parece ter no lar seu coração!

Como a alma aspira aos horizontes novos
Em presença da magestade calma!
Rei, que não usurpara a c'roa aos povos,
Mas dera! o heroe das grandes fôrças d'alma!

É-lhe a fronte serena como o espaço
Amplio, em que vê-se Deus . . . — A sombra augusta,
Movendo lenta e lentamente o passo,
Desce os campos elyseos — puro umbror!

Saudaveis ribas! placida, vetusta,
Sagrada solidão! onde se anilam
Céus, onde choram ínvios e se asylam,
E onde é o rio o guarda d'este amor!

São da Victoria antiga esta varanda
 E estes ares de campo e da virtude,
 E do deserto a luz que o sol lhe manda —

“Candidos ermos! pallido attahude!”

E ajoelhou o Guesa, solitario
 Como adiante do tum’lo de seus paes:
 Porque a não serem estes e o Calvario,
 nenhuns logares o attrahiam mais.

E coroas então depondo na ara,
 O pranto lhe correu saudoso e bom:

“Dei a um menino a palma do Niagara;
 A uma menina a flor de Mount Vernòn.

“Do baixo imperio lá resurge a França
 Com os olhos dos céus fitos aqui —
 Oh! todo mundo fala d’esperança,
 Falando em ti!

“E da tua gloria toma a humanidade
 Os novos raios gloriosos seus:
 No Sol dos Incas e o da Liberdade
 Eu sigo a Deus!

“C’roas do Guesa são os prantos; palma
 Do Niágara ou de Mount Vèrnon flor,
 Não tenho . . . —Vejo além erguer-se outra alma
 A soluçar e a soluçar de dor! . . .”

E do amigo e da patria lhe passaram
 Ante a imaginação as sombras puras,
 E as d’aquelles que a França resgataram
 Do Imperio, a morta das sensuaes loucuras.

E os peregrinos que vieram, voltam
 Qual de casa paterna: e longes, ainda,

Subindo rio á cima, os ais que soltam
A Mount Vérnon teem saudade infinda.

* * *

Nunca ao me separar dos altos mares,
Tristezas senti tantas como a esta hora —
Vejo o do Capitolio, além nos ares,
Emblema liberal, a vencedora,

A terrivel Mulher sagrada e bella,
Como a sonhara Brutus — scintillando
Dentro do coração divina estrella
E a frente a alevantar, tão pura estando!

Qual de Colombo é o meu adeus — do amante
De todo o continente e a natureza,
Da patria do Pacifico e do Atlante,
De Pocahontas, de Moema, ou o Guesa:

E saio emfim do incanto do horizonte,
Não de tormenta ou podre calmaria,
Mas da calma em que Deus á luz do dia
Se vê, serenos céus, os céus de Oriente!

* * *

Philadelphia. — Da liberdade o sino . . .
Os treze sons-apostolos vibrados
Oigo . . . e nenhum traidor, d'este divino
Formoso groupo de astros dos Estados!

Massachusetts, Connecticut, Rhode-Island,
New York, New Jersey, New Hampshir', Virginia,
Delawar', Pennsylvania, Maryland,
Georgia, a Sul, a Norte Carolina —

Oçam, livres! sons magicos, vagidos
Do berço da Republica! . . Violentos
Trinta e septe vibraram no ar balidos —
Balam cordeiros nos eternos ventos!

Surgem larvas! e terreos e antiquarios
 D'entre arcos triumphaes como em demencia,
 Amostram-se os de outrora sempre caros
 Gloriosos pendões da Independencia!

Terremoto de amor! da aurea cratera
 Scentelhas voam para todo o mundo:
 'Gloria a Deus nas alturas e na terra
 Paz aos homens'— Divino! incantador!

E de toda a nação a alma elevou-se
 N'uma só chamma — Conflagrado mundo!
 Feliz de quem no jubilo encontrou-se
 Velando a hora solemne centennal!

Um seculo passou-se; da consciencia
 Nacional vê-se alegre a Liberdade.
 Soa a segundo; a tórre Independencia
 Ouviu-se annunciando em puro amor.

— Cançado de alegria, dorme o povo
 Resupino nos parks. Á liberdade
 Já da aurora aos clarões abre-se o novo
 Cyclo d'esp'rança eterna, universal!

Oh! do dia a visão! — removam faculas
 Do sol da America! . . ao futuro! á luz!
 Que mais ás glorias não se prendam máculas
 De Arnold a Washington, Judas a Jesus!

— E em todo brilho de sua gloria immensa
 Eis está Philadelphia! Ao seu congresso
 De industria e de artes, quanto crea a sciencia,
 Envia á feira do émulo progresso.

Foi primeiro colono d'este Estado
 E imprimiu-lhe character doce e austero,
 Um Quaker, varão justo; e d'elle o fado
 Um povo continuou, forte e fronteiro:

Ora em Fair-Mount-Park expondo altiva
 A festa liberal dos annos cem,

Do jubileu da paz viu-se conviva
Toda a terra, no amor de William Penn.

Aqui formou-se a patria, na virtude
Do mento imberbe e os corações viçosos
Eternos, bem como ardem na soetude
Em viva chamma os cactos luminosos.

E da Revolução na folha aberta
Os principios aqui se discutiram,
O cæsareo e o christão, o que liberta
E o que escravisa. Aos livres adheriram:

Não de succedimento e fins gloriosos
Que justificam perfidos principios,
Ou da civil traição, ou de ambiciosos
De popularidade havida a vicios;

Mas os sanctos principios absolutos,
Mau grado fins malsuccedidos, varios,
Dos que a Mount-Vérnons fogem-se pollutos,
E se não fogem, morrem nos Calvarios.

Sonhadores sublimes! que aos delirios
Dos abysmos do estomago não clamam,
Nem á aragem das azas dos vampiros
Não dormem . . . e o sangue á voz dos céus derramam!

* * *

Os prazeres dos campos se passaram
Dos remados batéis e as noites bellas
Do riso e os cantos. Alluviões d'estrellas
Que no ardor do verão se derramaram

Á frescura dos valles e dos montes, —
Ao desfolhar do outomno (angustia negra
Das selvas, que ao nativo desalegra
Filho dos sempre-verdes horizontes),

Recolheram do inverno ao lar. D'outomno
Lançam-se contra os bosques e laceram

A sombra, os vendavaes como demonios!
— Fogem aves e os genios que hi viveram

.

“ O forasteiro nos umbrosos dias,
Da natureza humida ao silencio
Sente aberto ás passadas alegrias
Da patria, o coração saudoso, immenso.

“ Da patria . . . o doce nome, a quem na terra
Não n'a teve, e mas sente-lhe a belleza,
Pre-sente-lhe a doçura . . . — além da Serra,
Lá . . . nas nuvens azues da Natureza.

“ Da nossa patria e o nosso doce riso,
E os quadros da familia reunida—
Uma terra de amor e de paraiso,
Sempre incantada e sempre promettida . . .

“ Lá, onde pela fresca á madrugada
Parte-se e chega co'as manhans orientes,
Todos á porta estando, que a chegada
'Speram e veem-nos encontrar contentes . . .

“ Onde *talvez* passou-se a mocidade,
Aonde quer-se voltar sempre, mas onde
Nunca mais nada encontra-se, e responde
Ignota dor aos echos da saudade . . .

“ Paiz de amor, que além sempre a sorrir
Acena ao Guesa, que erra e canta e chora,
Cançado de o buscar, a oeste, á aurora,
Crendo e descrendo; mas . . . que ha de existir . . .”

Ás tardes melancolicas do outomno,
Nos montes que tristeza e sobre as margens!
E n'esses cantos do ermo e do abandono
Que ao desmaiar cadente das folhagens,

As cigarras prolongam nos retiros!
Adeus á sombra, adeuses á soedade,

Do decair dos dias os suspiros,
Do hymno final do sol da mocidade —

Quão, quão saudosa a tarde se condensa
Em vapôres profundos de amarantho
E estende sobre os céus a dobra immensa
De seu regio outomnal glorioso manto!

E rareiando os purpuros vapôres,
Brilha a lua, porém sem a doçura
Argentina de junho e dos amores,
Mas de outro brilho e de outra formosura:

Diz-se a *fall*, a estação melhor do anno . . .
Serenos dias, clima generoso —
'Smaltam as bellas no 'verão indiano'
Folhas de outomno. E o sol tão doloroso,

E o derruir da selva, e os multicôres
Bosques, pallida a terra que desfolha —
Dos grisalhos cabellos os amores,
D'esse amor que requeima e que rebolha,

Dirias a estação. Porque medonho
Vai salteador o vento vendaval,
Cresta e é loucura, o que era a brisa e o sonho!
— Nos céus o sol sem chamma, eneo, metal

Vibra, estala-lhe o globo arido e torvo!
Enfumaçado o espaço; ardem florestas —
Tal é o indio verão, a phenix-corvo
Fugaz visão final do estio e as sestas.

Mas que tristeza vem por clima e monte
No rio emmudecendo o canto e as vozes!
Cerra-se a alma ao elo do horizonte,
Resoa a quadra aos pallidos atrozes

Equinoxios tufões. Chega a lembrança,
Qual como a ensanguentar longa memoria;
Sente-se o desespêro da esperança,
Ruge o presente na passada historia:

“Vem descer commigo o Hárlem
 N'estes doirados vapôres,
 Das harpas aos sons, aos cantos
 Dos dias do nosso amor!
 Corre, Augusta! corre, Augusta!
 Das primeiras alegrias
 Traze a luz dos nossos dias,
 Que os céus só mandam negror!”

E mais que em outras terras enganosas
 Foi do amor a estação. Aves emigram,
 Nem ha fulgor no sol nem luz nas rosas,
 E o bosque assaltam, rasgam-no, denigram

Lividos ventos: se inda ha voz nos ninhos,
 Que tanto custa abandonar seus lares,
 Desvaira-a o desespero, e aos torvelinhos
 Cede, e foge o cantor para outros ares!

E ao que é desconhecido . . . n'este estado,
 Escutando aos cantares dos pinheiros,
 Aos trons das alavancas dos pedreiros,
 Geme-lhe o coração . . . tudo é passado.

Repassa o coração mortal tristeza;
 Té da innocencia o riso entristeceu:
 Diz a creança, olhando á natureza,
 ‘Quem sabe se mamam já não morreu?’

*

*

*

Estou perto de ti. Pelos recintos
 Dos parks e os jardins de Sacred Heart
 Derrama-se o diluvio de jacinthos —
 Oh minha filha, venho ver-te e da-rte

A minha bençam! como estás tão linda!
 Brinca — esperam-te Anita, Emily, Cora,
 Mamie Dévlin, Marie, Néllie — não finda,
 Não finda aqui no outomno a flor da aurora!

Porém não vejo Líllie, o anginho loiro,
De branco e azul e consagrado a Deus:
Onde está Líllie? — Tomou azas de oiro
(Dizia que as não tinha) e foi p'ra os céus!

Aqui mora a virtude e mães houveste;
Vive feliz! aqui não veem do mundo
Os infernos e a dor; aqui celeste
É o canto, o ar puro, o amor puro e jucundo!

Aquella coração que vês aberto
Como um reino de amor, onde acolhida
Foste, é Jesus, a rosa do deserto —
Quem a colhêr é linda toda a vida!

À aquella doce imagem de Maria
Afeição tua alma e sê tão bella:
Ave, Mimosa! o anjo de alegria
Nos céus scintille-te a melhor estrella!

Da minha solidão vejo á tardinha
Da montanha descendo as Religiosas
Lentoso o andar, em negra longa linha;
Olham ao mundo, e voltam silenciosas.

Principia-se aqui dos céus o arcano,
Onde os lirios de gloria, que se contam
Incarnações de amor, quanto hão do humano
Involvem n'um burel, e a Deus remontam.

Aqui são mães de amor as virgens sanctas,
As esposas do céu, que em luz educam
As filhas dos mortaes. Oh! como incantas
Toda minha alma ao ver-te em puro amor!

Bem hajam Evangelhos, que á innocencia
Ser mãe espiritual inspiram, educam!
E a mão do seraphim, que da demencia
Ampara a um triste pae e enche-o de amor!

Aqui doiram-se os prados verdejantes
Da liberdade ao sol; de luz s'esmaltam

Os teus jardins. Virei dos mais distantes
Climas cada anno ver quanto s'exaltam

Glorias d'esta alma, a tão dos céus querida —
Eu virei ao descanso d'estas puras
Sombras tranquillias, a cançada vida
Juncto a ti descansar; deixar torturas;

Sorrir aos céus: sem á traição ter medo,
É doce o estar ás sombras innocentes,
Aos sagrados rumores, aos olentes
Sopros vitaes e virgens do arvoredô.

Quão leve e brandamente s'embañçam
Os ramos de oiro do ar á transparencia!
Bem como corações quando descañçam
A esta isenção cheirosa de innocencia.

Os cabellos da tua meninice,
Que são como os diamantes das estrellas,
Engrinaldam-te a fronte de meiguice,
Tendo no peito as sempre-vivas bellas

Da abençoada que és, filha querida,
Pharol divino ás syrtes e aos abrolhos —
Sempre que se ergue um tumulo na vida,
Um anjo desce e n'elle fita os olhos!

E irradia o anjo-luz na treva-tumulo,
Como a de um iris gloriosa palma,
Clamando hosanna ás cerrações do cumulo,
Doce estendendo ao horizonte a calma.

Oh não me desampares, minha filha,
Já és tão só de tantos que o amaram!
E vejo que em teus claros olhos brilha
Da morte a claridade! se alegraram

Escarlatas manhans nos tão candentes
Labios teus n'esta febre! Não ainda,
Oh! não me desampares ás serpentes
De horrenda solidão de morte infinda!

Nas sombras de Manhattanville, quando
 Humido e cheio de melancholia
 E os agoitados pinheiraes resoando
 Escutam-se os insectos, longo o dia;

Que é longo e umbroso o dia de tristeza,
 Que o passado assoberba ao coração,
 Eu me recolho e estou da natureza
 Nos seios de incantada solidão:

Então d'outrora o coração te chama,
 Das musas do silencio, e da familia,
 E do caro sentir n'esta hora, filha,
 Que, de tão doce, é dolorosa e se ama.

Pois quando o outomno sobre a terra cae,
 Ouvindo os sinos de Manhattanville,
 Quando scismares á tardinha exile,
 Sejam saudades tuas de teu pae!

Não tenho a quem deixar-te sobre a terra,
 Tão descrente me achei dos filhos seus —
 Do mundo eu sigo para além da Serra;
 Tu d'estes Edens seguirás p'ra os céus.

* * *

Pobres folhas de outomno! a mão que em palma
 Formou-vos e off'receu na primavera,
 Já não existe: e vos conservo n'alma,
 Doce lembrança que saudades gera . . .

— Coitada a estrella verde! entre os salgueiros
 Crystallino rochedo, os teus cabellos
 São da cascata as ondas em luzeiros,
 Tua alma eterna mais que os astros bellos!

Não — não — porque ao sorrir da natureza,
 Á tanta flor, á tanta mocidade,
 Veem os presentimentos, e antepesa
 Dor, que certa virá. Fatalidade . . .

'Do outomno os bellos dias se passaram,
E de esperar cançaste': e então disseras
'Triste da estrella verde!' E consolaram
Tua alma esp'ranças — que 'nas primaveras

Voltam os passarinhos,' quando as rosas
Florescem do Sharão. Oh! harmonias
Do passado, que em horas desditosas
Lembraís o tempo dos felizes dias !

E os passarinhos voltarão, ó meiga,
E voltarão as sombras á ramagem;
Porém d'esp'ranças antes fôras cega
Do que veres voltar ao que em romagem

Passou. Mas não receies que a verde estrella
Seja esquecida. Tu não sabes, dize,
O que é ter-se adorado uma alma bella
Cheia de amor, d'infancia, de doidice

E honestidade; e á sombra dos salgueiros
Terem brincado, quando só deviam
De ir passando os errantes forasteiros,
Ó minha doce amiga! E me illudiam

Dizendo 'n'esta terra ser preciso
Suspeitar-se de tudo' . . . verdadeira
Sciencia, quão amarga . . . E se eu a houvera,
Não perdera tão cedo o paraiso.

Mas ama o coração que a dignifica,
Que o que os mais homens na mulher insultam,
Respeita (d'onde as mágoas que sepultam . . .
Logram-se a rir e vão-se, e elle a sós fica);

Ama-o porque o poder vê-lhe, que eleva,
Que obriga a se elevar ao que aproxima-se
Muito amando de amor — e n'elle aclima-se
Ophelia, que ao rir contra se subleva . . .

Porém quando não é do libertino
A inconstancia, mas sim do malcontente

Coração que procura amor divino,
Que nunca encontra e que encontrar presente,

Então na vida ha solidão eterna...—

Tal do horizonte seu se debruçava
Na tempestade o Guesa e á voz interna,
Como um anjo em revólta, então chorava:

Não da esperança a lagryma piedosa,
Do abandono, a saudade, ou da miseria;
Mas a do livre desespéro odiosa,
Do misanthropo a lagryma-panthera!

Negra electricidade umbrava a nuvem
Que suspensa nos céus resplendescia
A crebras vibrações, que luzem, luzem
Da vivente aereal que s'extinguia.

Era o poema da noite, onde formosa
Não brilha á luz do sol, regularmente
Diurna a jornada, aurora còr de rosa,
Zenith de fogo, ou púrpuro occidente:

Era o poema da noite das estrellas —
Já viagei á luz dos pyrilampos, ...
Á ardentia dos mares, ... e ás scentelhas
Das desfeitas tormentas dos relampagos!

.

“ Na incerteza esperar, o dia, as horas,
O tempo... que não finda na ventura,
A noite... que não finda nas auroras
Que despertam a dois n'um mar de alvura...

“ Que despertam a dois... quando o da amante
Riso e o dos céus comparam-se e, mais bello
O do amor, brando o olhar, s'imprime o séllo
Ao lacre edeneo, á bocca aurea e fragrante...

“ E viver sempre á crença da pureza
E da posse absoluta, quando sólta

Vãos o peito rugidos e a cabeça
'Stala e em manto d'infernos a alma involta...

“E sentir que fortuna quando chega
Encontra ao coração morto, exaurido,
Que resentem-se os gozos da qual cega
Mortal inquietação de um deus perdido...—

“Te eleva! em cima é que está Deus e a aurora:
Abre em teu peito um céu, que a divindade,
Qual d'Inti, 'alma do firmamento,' a gloria,
Se alegrará d'ahi estar! — Calamidade!

“Sempre a divinizar... porque divina
Seja a affeição — Como enches-me de trevas!
De dor, oh! d'esta dor de ver-te indigna
De mim, da patria onde a fronte elevas!

“A fronte, como o astro da manhan,
Irradiante dos céus da liberdade —
Oh! como é doloroso, á divindade
Livre a prostituição, *proud* e louçã!

“És a harmonia; vens coser ás tardes,
Da casa á sombra quando surge a estrella;
Da hora meiga de luz dos arrabaldes
Tardio genio, aos céus tendo a scentelha.

“Nenhum faltamos. E os teus olhos puros
Encravam-se nos meus, talvez... e eu passo
Qual turbado ao deslumbramento; e impuros
Conceitos, e o terror moral... no espaço.

“Até o dia seguinte; ninguém falta,
Hesperus, tu, e eu — todos honestos,
O coração, o astro e o lindo gesto,
Que á flor da tarde a natureza esmalta.

“E coses, e os teus ponctos são tão finos —
Côres de luz, os olhos teus fulguram
Do fulgor que transbrilha dos benignos
Astros e ondas, que tremulos murmuram.

“ São anjos, alvejantes os vestidos,
Na fôrça adolescente as loiras tranças;
Podes voltar os corações perdidos,
Co' as virtudes do teu, á luz, á esp'rança:

“ Oh! salutar enlévo! E mas seduzem
Ás aras de oiro ás creações divinas,
Do umbroso olhar as cobras que lhe luzem,
Láminas luzem sombras vespertinas —

“ Porém aos genios dos saudosos modos
É toda a adoração: prendem-se ao forte
Raio occaso das glorias e os denodos;
Nós, á fraqueza-luz, meiguice-morte, . . .

“ Das creanças ao choro no arrabalde
Caindo a noite, . . . e á solidão dos campos
E a da familia — Estás, felicidade,
Entre as manadas e entre os pyrilampos !

“ E envelhecer ao lado de uma esposa,
Entre a coroa de filhos innocentes
Que hão de os olhos fechar-vos e em saudosa
Lembrança memorar. . . Musas gementes,

“ Que ouvindo estais de um pae, que chora a morte
De todos filhos seus, a alma opprimida!
— Oh! nunca os céus de Lear dem-vos a sorte
De chorar por um só perdido em vida!

“ Maldicta a sociedade que vos leva
Para o golfão dos centros populosos,
Onde vaga ides ser que ora subleva,
Ora cae, cança os nautas orgulhosos,

“ Sendo as de um dia náufragas voragens,
Em vez de porto em perennal bonança,
Em vez da luz, — meteoros, hospedagens
Que ninguem ama, onde ninguem descança;

“ Em vez de amor, em vez da solidão,
Em vez de Deus, que é vossa fôrça armada,

Sendo a Venus vulgar da mascarada
E das fórmãs co'o vicio ao coração...

“ Sempre-doce falerno, aurea innocencia,
Luz da familia e solidão dos campos,
Deixai a praça e o theatro da existencia,
Vinde ás manadas, vinde aos pyrilampos!

“ Ás lyras vinde e á natureza calma
Do amor que não se esgota, e a onde nada
Nasce na terra, nem do genio na alma,
Sem o prazer da criação sagrada —

“ Argenteo mar, ceruleo firmamento!
Sobrenada a virtude, pesar do homem
A quem dormir não deixa o pensamento,
Que abertos olhos dentro está — não dormem

“ Do amor as feras, brada a natureza!
Pois, consocios no pallido telonio,
A quem tanta desgraça agita e pesa,
Sois os filhos de um Deus ou de um demonio?

“ No doce coração que vos suspira
Tendo Lucifer d'alva e o dos crepusculos?
Os céus — e como a terra vos conspira
Turbando a mente, deturpando os musculos?

“ Voar? voar? mas faltam-vos as azas!
Amar? amar?... Comei! Fogo e amargura
Ha no incanto; ha nas espumosas gazas
Candente carne — *amai* a formosura!..

“ Longe esvoaçam os sonhos das estrellas;
E tempestuosamente ahi descomposto,
Fulge montão de brancas fórmãs bellas,
Sensuaes, risonhas — Oh! quanto desgosto!

“ Oh! tanto não corrompe a sepultura
Aos mortos, como os vicios aos viventes!
Nem repugnam cadaveres tabentes
Quanto este *amor* de tanta formosura!”

Honesto o coração da natureza
 Com a selvagem crença d'alma-Deus,
 Tal do mundo através passava o Guesa
 Para as montanhas, como Prometheus:

Apagasse-se a luz dos pyrilampos,
 Desalentasse-lhe a ultima esperança,
 Perdesse o incanto a solidão dos campos;
 Como quem no trabalho só descança,

Elle ia. Ora, em New York; e penetrava
 Os templos, os salões, os *bars*, os lares,
 Que a lyra de verdade, que vibrava,
 Não mentisse e mas levantasse os mares.

* * *

De Romanos antigos entre o povo
 Seu domestico inferno se o lançara,
 Resurgiu elle ao sol do mundo novo,
 Nos corações mais livres que sonhara.

O mercantil poder, as ondas do oiro,
 Do progresso os labores, o aturdiram,
 E este achitectural fausto thesoiro
 Em doricos florões, que no ar deliram;

E as formosas virtudes practicadas
 No lar, no templo e nas ruidentes ruas,
 Da liberdade o povo tendo hasteiadas
 Ovantes palmas das conquistas suas.

De tanta gloria ao meio e tanta vida,
 Elle escutou seu coração agora:
 E gemer não ouviu senão querida
 Saudade filha do soffrer de outrora.

* * *

No dia de annos bons a *lady* nobre,
 Recamados *drawingrooms* deslumbrantes
 Às recepções, radiosa de brilhantes,
 Deusa o collo alvo e candido descobre

A que adornos desmaiam. Sumptuosos,
 Bufetes e o *bouquet*. Sorrindo a *miss*
 No adoravel serviço de meiguice,
 Que não dos escanções silenciosos,

Linda offerece na mãozinha branca,
 Dizem que beberagem para amor —
 Porém sorrindo off'rece, ingenua e franca,
 O ponche de champanha abrazador.

Em tanto ás *hops* não sendo, das montanhas,
 Sem dúvida que é este o mais propicio
 Risonho dia ao doce compromisso
 Do coração, que a philtro tal se assanha:

São *callers* os papás; nem os consente
 Bôa etiqueta em casa; e o soberano
 Sceptro tem-no a mulher — Quão docemente
 Alvora o dia que é primeiro do anno!

Gelada a terra, o ar vivo, o sol brilhante,
 Aos lagos, que ondas foram sonoras
 De margens d'echos, o rapaz e as rosas,
 Veem ao baile do gelo: delirante,

Involta em vestes de velludos quentes,
 A menina, nos pés, viveza e graça,
 O aro prendendo dos patins luzentes,
 Lettras sobre o crystal gyrando traça.

A Biblia da familia á noite é lida;
 Aos sons do piano os hymnos entoados,
 E a paz e o chefe da nação querida
 São na prosperidade abençoados.

— Mas no outro dia cedo a praça, o *stock*,
 Sempre accesas crateras do negocio,
 O assassinio, o audaz roubo, o divorsio,
 Ao *smart* Yankee astuto, abre New York.

*

*

*

Do vicio e a corrupção a alma se afasta
Que as musas respeitou. Vergonha á lyra
Que os antros a ignorar, que o mal devasta,
A bem do social ahi não s'inspira!

Porque os males que estão na sociedade,
Em todos 'stão, qual no ar, que á luz se agita,
A contágão da peste; e a liberdade
Só fugindo, ou vencendo á morte, a evita.

Porque os males que estão na sociedade,
Em todos 'stão, qual no ar, que á luz se agita,
A contágão da peste; e a liberdade
Só fugindo, ou vencendo á morte, a evita.

Feliz quem houve os annos seus primeiros
De nobres paes virtuosos á pureza!
Esse combaterá seus proprios erros,
Voltando sempre á antiga natureza:

E exprobrará dos vortices d'enredo
Ao que o traiu, sem tregoas para o mundo!
Ai do que houver, porém, vergonha ou medo
Da propria consciencia! no profundo,

Embora fórmas, a apparencia embora,
Lhe entenderás, subtil, falsa a harmonia —
Não são auroras boreaes a aurora,
Nem a luz dos incendios luz do dia.

E em si fez elle o corpo de delicto
Do seu tempo; e ora a máscara rasgando
Da hypocrisia social, e invicto,
O homem odiou, á humanidade amando:

Porque, não haver mais crucificados,
Quando ha mais do que nunca phariseus,
Indica... e a vós mesmos os cuidados
Deixo da conclusão dos cantos meus.

Romanticos vos vi, noite bailando
Do Brocken no Amazona antigamente;

Heis classica Pharsalia em dia argente
No Hudson. Pára o Guesa perlustrando.

Bebe á taberna ás sombras da muralha,
Malsolida talvez, de Jerichó,
Defeza contra o Indio — E s'escangalha
De Wall-Street ao ruir toda New York:

*

*

*

O Guesa tendo atravessado as Antilhas, cré-se livre dos Xèques e penetra em
New-York-Stock-Exchange; a voz dos desertos:)

—Orpheu, Dante, Æneas, ao inferno
Desceram; o Inca ha de subir...

—*Ogni sp'ranza laciata,*
Se entrate...

—Swedenborg, ha mundo porvir?

Xèques surgindo risonhos e disfarçados em Railroad-managers, Stockjobbers, Pimp-
brokers, etc., etc., apregoando:)

—Hárlem! Erie! Central! Pennsylvania!

—Milhão! cem milhões!! mil milhões!!!

—Young é Grant! Jackson,
Atkinson!

Vanderbilts, Jay Goulds, anões!

(A voz mal ouvida d'entre a trovóada:)

—Fulton's *Folly*, Codezo's *Forgery*...

Fraude é o clamor da nação!

Não entendem odes

Railroads;

Parallela Wall-Street á Chattám...

(Correctores continuando:)

—Pygmeus, Brown and Brothers! Stewart!

Rotschild e o ruivalho d'Astor!!

—Gigantes, escravos

Se os cravos

Jorram luz, se finda-se a dor!..

Norris, *Attorney*; Codezo, inventor; Atkinson, agente; Armstrong, agente; Rhodes,
agente; P. Offman & Voldo, agentes; algazarra, miragem: ao meio, o Guesa;)

—Dois! trez! cinco mil! se jogardes,

Senhor, tereis cinco milhões!

—Ganhou! ha! haa! haaa!

—Hurrah! ah!..

—Sumiram... seriam ladrões?..

(J. Miller desenrolando o manto garibaldino:)

—Bloodthirsties! Sioux! ó Modocs!
A' White House! Salvai a União,
 Dos Judeus! do exodo
 Do Godo!
Da mais desmoral rebellião!

(Mob violentada:)

—Mistress Tilton, Sir Grant, Sir Tweed,
Adulterio, realeza, ladrão,
 Em masc'ras nós (rostos
 Compostos)
Que dancem á eterna *Linch Law!*

(Rmo. Beecher pregando:)

—Só Tennyson, só, só Longfellow,
S'inspiram na bôa moral:
 Não *strickers* Arthurs,
 Donahues,
Nem Byron João, nem Juvenal!

(Tilton gemendo com as dôres de cabeça de Jupiter:)

—Pallas! Pallas! sermão de Sátan!
Cheira a corno a *beecher* moral!
 Hui! sermões de chamma
 Madama
Ouviu de Plymouth ao zagal!

(Joannes-Theodorus-Golhemus pregando em Brooklyn:)

—Rochedo de New Malborough!
Grutta de Mammoth! a Mormão
 Palrar antes fôras!
 Desdouras
Pulpito ond' prégou Maranhão!

(Beecher Stowe e H. Beecher:)

—Mano Laz'rus, tenho remorsos
Da pedra que em Byron lancei...
 —Caiu em mim, mana
 Cigana!
Elle, á gloria; eu, fóra da lei!

(Dois renegados, catholico e protestante:)

—*Confiteor, Beecherô... l'Epouse*
N'eut jamais d'aussi faux autel!
 —*Confiteor... Hyacinth*
 Absinth,
Plymouth was barroom, was bordel!

(Ambos em *Liederkranz* folgando á confissão:)

—Abracadabra! Abracadabra!
 Mahomed melhor que Jesus
 Entende a mulher
 E não quer
 Nos céus quem da terra é a cruz!

(Muitos libertadores da consciencia, catholica, protestante, unitaria; Confucius:)

—O' princ'pe Bismarck, aos Jesuitas!
 —São Bartholomeu, aos Maçons!
 —Aos taes divindades
 Trindades!
 —Fu! christophobia em Mormons!

(Samaritana preta vendendo ponche no templo de Zyón:)

Halloo! fonte esta é de Bethsaida!
 O gado ahi bebeu de Jacob!
 Senhores Jesus,
 A este jus
 Noé temperava o gogó!

(Hierosolymitana branca vendendo beijos pro domo Deo:)

Africa borrou toda a America,
 Qual guaribas ao caçador;
 Muito o Indio queria:
 Honraria
 E Deus de Las Casas e amor!

(Tilton gemendo e reclamando \$100,000 por *damages* á sua honra-Minerva:)

—Todos teem miseria de todos,
Stock 'xchanges, Oranges, O! O!
 Miseria teem todos:
 São doudos,
 Se amostram; sabios, *if do not*.

(Fiéis esposas encommendando preces por seus maridos que só teem gosto pelo wisk e a morphina; Moody:)

—Ai! todo o Hippodromo o lamente!
 Resai, Mister Moody, p'r'os reus!..
 —Temp'rança, cães-gosos
 Leprosos!
 Sois como os conversos Judeus!

(*Pure girls* com a Biblia debaixo do braço:)

—Testamento Antigo tem tudo!
 O Novo quer sanctas de pau...
 Co'o *Book* jubilante
 Adelante,
City belles, ao *lager anyhow!*

(Duque Alexis recebendo cartas de *free-loves*; Brigham:)

—De quantas cabeças se forma
Um grande rebanho mormão?
—De ovelha bonita,
Levita,
Por vezes s'inverte a equação.

(*Free love* moribunda em Newark ensinada por vinte e tres *beaux*:)

—Hui! Legião, Venus-Pandemos,
De filhos christãos de Belial!
Paleontologia!
Heresia
Preadã! Gábaa protobestial!

(Hymnos de Sankey chegando pelo telephono a Steinway Hall:)

—O Lord! God! Almighty Policeman!
O mundo é ladrão, beberrão,
Burglar e o vil vandalo
Escandalo
Free love. . . e hi vem tudo ao sermão!

(Yankee protestante em paraense igreja catholica:)

—Que stentor! que pancadaria
Por Phallus, Mylitta! Urubú,
Pará-engenheiro;
Newyorkeiro
Robber-Indio, bailo o *tatú*!

(Linnæus, *Systema Naturæ*:)

—Animal reino é reino egoismo,
Amor, nutrição, religião;
Só é liberal
Vegetal,
Mineral, ou o sem coração.

(Astronomicas influencias, Corydon e Pasiphae:)

—São *free loves* Ursas do Norte;
—Ped'rasta o Cruzeiro do Sul. . .
—O Rio, a New York:
E eis o *Stock*
Minotauro e de Io o olho azul!

(Moody, no espirito de Ezequiel:)

—A humanidade (qual França
Sevandija ao tres Napoleão),
Quer ferro candente!
Eloquente
Dom Bismarck é mais que o sermão!

GUESA ERRANTE.

(Moysés . . .)

—Comer pomo edeneo (má fructa)
 É morte e o paraiso perder!
 Nem mais Katy-Dids
 Nas vides
 Ouvir do innocente viver.

(Conde Oscar em domingo atravessando a Trindade, assestando o binoculo, resmirando, resmungando de *tableaux vivants*, cortejando; o povo leva-o a trambolhões para fóra da igreja:)

—Cobra! cobra! (*What so big a noise?!..*)
 Era o meu relógio . . . perdão! . . .
 São 'pulgas' em Bod
 Me acode!! . . .
 —*God? Cod! Sir, we mob; you go dam!*

(Pathfinder meditando:)

—Oh! quando este oceano de barbaros,
 Qual *esta* cat'rata em roldão,
 Assim desabar
 A roubar . . .
 Perdereis, Barão, até o *ão!*

(Conde Oscar perdendo seus fóros em Philippes, beija o dedo grande do pé do Sancto Padre e morre como Romano:)

—Foi culpa dos Evangelistas
 'Screverem de diante p'ra trás:
 Tal Yankee ao hebreu
 Entendeu
 Que heis Biblia a formar Satanaz!

(Em *Sing-Sing*:)

Risadas de raposas bebadas;
 Cantos de loucos na prisão;
 Deshoras da noite
 O açoite;
 Dia alto, safado o carão . . .

(Oe guardas, schools rod system)

—Vara e sacco aos loucos amansam,
 Com quem perde o tempo Jesus:
 —Mais forte que amor
 E' a dor;
 Mais que ambos é a pública luz.

(Juiz pequeno, terrível julgando em Grand Jury:)

—'Bolas' a orphams. Réus, 'Lamartine Mendoso' e 'John Bull jogador.'
 Plenaria indulgencia

D'olencia,
E Amaro a enforçar, Promotor!

(V. Hugo e P. Visgueiro:)

—Ser cego, ser surdo, ser mudo,
Magistrado, eis a perfeição...

—A cada um perdido
Sentido,

Se enche, Poeta, o teu coração!

(O Guesa escrevendo *personals* no *Herald* e consultando as Sybillas de New York:)

—*Young-Lady* da Quinta Avenida,
Celestialmente a flirtar

Na igreja da Graça...

—Tal caça

Só mata-te *almighty dollár*.

(*Thanksgiving* ao progresso, Coronel Miss Claffin:)

—Eleita do meu regimento,
Eleição direitos perfaz:

Nos céus bem convexos

Os sexos

Se não guerram... lá reina a paz.

(Democratas e Republicanos:)

—E' de Tilden a maioria;

E' de Hayes a inauguração!

—Aquem, carbonario

Operario;

Além, o deus-uno Mammão!

(Communa:)

—*Strike!* do Atlantico ao Pacifico!

—Aos Bancos! ao Erario-tutor!

—*Strike*, Arthur! Canalha,

Esbandalha!

Queima! assalta! (Reino de horror!)

(Mao Donald, Shwab, Donahue; Free-loves-Californias e *Pickpockets* pela universal revolução:)

—De asfalto o ar está carregado!

—Hurakan! o raio ora cae!

—Caniculo mez,

De uma vez,

Vasto *Storm god*—em *Forth July!*

(Candidata á presidencia emericana e rainhas europeás luctando contra a dureza dos positivos tempos:)

—Subir, é melhor para a gloria;

Descer, para a respiração...

—A Biblia escachaça
Em fumaça,
Se é cabeça e não coração!

(Emerson philosophando:)

—Descer... é tendencia de principe;
Subir... tendencia é do vulgar:
Faz um stagnação;
Da nação
O estagno, o outro faz tempestar.

(V. Woodhul no mundo dos espiritos:)

—Napoleão! Grand'Catharina!
Trema a terra á crys-sensação!
Demosthenes! Grande
Alexandre!
Woman rights, hippodromo e pão!

(Tammany entre as tribus:)

—Bisões! Aguias! Ursos! Gorillas!
Ao fundo lá vai Manhattan!
Sitting-Bull! perdida,
Vendida
Ao *rascal*, ao *rum-Ahrimán*!

(Salvados passageiros desembarcando do Atlantico; *Herald*:)

—Agora o Brazil é republica;
O Throno no Hevilius caiu...
But we picked it up!
—Em farrapo
'Bandeira Estrellada' se viu.

(*The Sun*:)

—Agora a União é imperio;
Dom Pedro é nosso Imperador:
'*Nominate him President*';
Resident...
Que o povo ame muito ao Senhor.

(Um Plenipotenciario contradizendo e *contradizendo-se*:)

—'Palavras ocas! Lopes, logico
Foi no Paraguay'; aos saraus,
O Aleixo da Russia;
A esta súcia,
Não Pedros, 'só veem KalaKaus'!

(O mesmo propondo a outro o seu logar de commissario á Exposição de Philadelphia
'por causa do cheque-mate em sua fortuna':)

—Dos Principes são protegidos
Os Poetas, Senhor Guesa a errar;

Nem dão, quaes banqueiros,
Dinheiros...
'Christo é Rei, e aos Reis nos curvar'!

(Guesa:)

—Aos Genios teceram-se as c'roas,
Ou loiro ou o espinho a pungir:
Sagram... só martyrios!
Aos lirios,
Só o ar puro dá-lhes sorrir.

(Um rei yankee desembarca entre os immigrants nas Batterias, bebe aguas republicanas na fonte de Bowlinggreen e desaparece; o povo sauda os carros de Cæsario e Antonio pelo de Julius Cæsar:)

—*Off! Off!* para São Francisco *off*,
Sem primeiro a Grant saudar!
Só um *spokesman*
Disse *amen*...
Que a Deus deve e não a Cæsár.

(Commissarios em Philadelphia expondo a Carioca de Pedro Americo;
Quakers admirados:)

—Antediluvio paleosauro,
Industria nossa na Exposição...
—Oh Ponza! que coxas!
Que trouxas!
De azul vidro é o sol patagão!

(*Detectives* furfurando em Main Building; telegrama submarino:)

—Oh! cá está 'um Pedro de Alcantara!
O Imperador stá no Brazil.'
—Não está! *christova*
É a nova,
De lá vinda em Septe de Abril!

(Monroe tolerando a Europa:)

—De tucano o papo amarello,
Do manto do Imperio do Sul
Nos descobre as glórias:
Historias
Do Hugo... diz que a morte é azul!!

(Moysés e Isaias:)

—De amores a obra primeira
Foi logo o assassino Cain!
Satan-dobadora
Até 'gora...
—Heis um, de azas seis, Seraphim!

(Presidente Grant e seus ministros Babcock, Belknap, etc. lendo o *Sun* e comprimendo a Dom Pedro:)

—De *green-back* as almas saudam
De aureo ventre ao Imperador!
“*Bully Emperor*” incrente
Em sua gente,
É tal rei tal reino, Senhor?

(Dom Pedro com impaciencia ao General Grant:)

—Porque, Grant, á penitenciaria
Amigos vos vão um por um?
Forgeries, rings, wrongs;
Ira's songs
Cantar vim no circo Barnúm!

(General Grant e Dom Pedro:)

—Fazeis-nos os cabellos brancos...
Um filho das leis do amanhan!
—Com Romanos... Papa;
Satrápa,
Com Gregos; *Napoleon*, com Grant.

(Gladstone pagando á thesouraria de Washington os milhões da arbitração de Genebra:)

—*Very smarts!* Ô! Ô! *Very smarts!*
Mas poz o Alabama p'ra trás
Aos *puffs*-Puritanos
Cem annos!
Sobre-rum-nadam fiends, rascáls,
Post war Jews, Jesuitas, Buffs
Que decidem de uma nação
A cancan!.. e os *ἦρωες*
Homeros
De rir servem, não de licção!

(Disraeli 'ordenando a Tennyson a ode da volta do Principe de Gales' e fazendo fogos de vista, que a Rainha não queira vir vel-os ao Centennio:)

—‘*To his return our bosom burn!*’
—Cada Inglez é dois, mais feliz!
Vezeas duas subdito,
Subdito
D'angla Rainha e india Imperatriz!

(Dom Pedro rindo-se e o General Grant sorrindo:)

—Desde Christie, a Grande Bretanha
Se mede co' o Imperio que herdei..
Rainha-Imperatriz...!
—Os Brazis
Vos farão Imperador-Rei...

Côro dos contentes, Tymbiras, Tamoyos, Colombos etc., etc.; musica de C. Gomes
a compasso da sandalia de Empedocles:)

—‘A mui poderosa e mui alta
Magestad do Grande Senhor’
Real ! ‘Semideus’ !
São Matheus !
Prostrou-se o Himavata, o Thabor !

(Dom Pedro nauseado d’incensos, substituindo o beijamão pelo . . . ; Grant . . . ?)

—Me desenthrono . . . por Mac Máhon!
D’Estado, enviez, golpe vou dar !

—O termo terceiro

Ao poncteiro . . .

Directo golpe, vou m’ coroar !

Mas . . . pondo por *bars* e cocheiras,
A urna, a sacra! a eleitoral !

Muito esterco, o fructo

Vem bruto . . .

—Hu . . ! nós, isso é na Cathedral !

—Não ha democratras melhores
Que os reis na Republica o são . . .

—Ser povo bem quero

No Imperio:

Fazem-me id’lo, rojam-se ao chão!

Pois ‘republicanos que temos
São qual Salvator,’ querem pão:

Se o damos, bem falam;

Estralam,

Se o não damos . . . fome de cão !

—Aqui, tudo vem, da balança
No oiro ter-se de equilibrar . . .

—Lá, a horizontal

Equival

Bom rumo a quem vai para o ar . . .

(Mississippi e Guanabara denunciando-os:)

—Tirade-n’os phrygios barretes,
Conspiradores das nações !

—*Quirites*, cuidado . . .

O Estado

Não é vosso; sois os guardiões !

(General Grant e Dom Pedro:)

—É causa o espherico da terra,
De o mais alto cada um se crer;

Quem liberalisa,
Escravisa...
—Regicidas, reis querem ser.

(Separam se para os dois pólos:)

—A terra vai tendo outra forma
Em Candido (abraçam-se), haaa!
(Jesuita casaca
Tem faca
Que faz a amplexão sempre má.)

(Burglars preparando gazuas para a escuridão imminente das trevas universaes:)

—As mitras e as c'roas tem pedras
De diamante e d'igneos rubis:
Infalib'idades...
Realdades...
Russo-Turco o sol já vai crys.

(Free loves meditando nas free burglars bellas artes:)

—Roma, começou pelo roubo;
New York, rouba a nunca acabar,
O Rio, *anthropophago*;
Ophiophago
Newark... tudo pernas p'ra o ar...

(W. Childs A M. elegiando sobre o filho de Sarah Stevens:)

—Por sobre o fraco a morte esvoaça...
Chicago em chamma, em chamma Boston,
De amor Hell Gate é esta frol...
Que John Caracol,
Chuva e sol,
Gil-engendra em gil rouxinol...
Civilisação... ham!.. *Court-hall!*

(Fletcher historiando:)

—Brazil, é brazeiro de rosas;
A União, estados de amor:
Floral... sub espinhos
Damninhos;
Espinhal... sub flor e mais flor.

(Zoilos sapando monumentos de antiguidade:)

—Do que o padre Baccho-Luziada
Dom Jayme vall' mais pintos mil;
'Bandeira Estrellada'
É mudada
Em sol, se içã-a o Rei do Brazil;

—Herculano, é Polichinello;
 Odorico, é pae rocôcô;
 Alencar, refugo;
 Victo Hugo
 Doido deus, o 'chefe coimbrão';

—Dos Incas nos *quipus*, Amautas
 São Goethe, Moysés, Salomão,
 O Byron, o Dante,
 O Cervante,
 Humboldt e Maury capitão,
 Newton's *Principia*, Shakspear', Milton,
 O Alkorão, os Vedas, o Ormuzd,
 As Mil e Uma Noites,
 E açoites
 Que dera e levara Jesus:

Pois ha, entre o Harold e o Guesa,
 Diferença grande, e qual é,
 Que um tem alta voz
 E o pé *bot*,
 'Voz baixa' o outro, mas firme o pé.

E cometas, aos aerolitos,
 Passando, sacodem pelo ar —
 Vêde os vagabundos
 Mimundos
 Que ostentam rodar e brilhar !

(La Fontaine tomando para uma fabula os matadores de Ignez de Castro:)

—Formigas não amam cigarras,
 Vampiros de Varella Luiz
 Não são Pedros crús;
 São tatús
 Impios, cabros, cuis e saguis.

(Zoilos:)

—Jur'parîpyrás (não Evang'lina)
 O Governador Maranhão,
 Pimentas bahianas
 Mundanas,
 Trasladava, é o seu galardão.

(O Novo Mundo:)

—Bons vates, nada ha que se opponha
 Mais da vida á conservação
 Que de mulher d'outro
 Maroto
 Ser (leis de Manú) corteção !

(Octogenario Bryant trabalhando:)

—Que bem que descantam as gralhas,
Jehovah! Jehovah! Ku-Klux
Creando outros mundos
Profundos,
Fizeram as trevas . . . da luz!

Treva é a *matinée* de Pharsalia,
Wolfgang, e que tanto custou!
Nem poema preclaro,
Mais caro
Que o Guesa, insolvavel se achou!

(Episcopaes com a igreja cheia de fiéis e fazendo banca-rôta:)

—Reconstruiriam-se templos
Com tão vasta congregação
N'um dia . . . ai dollares! . . .
E altares,
Cruz, tudo ao credor, ao leilão!

(Cathólicos temendo a gloria da banca-rôta, fecham as portas aos *beggars*:)

—Se não pagam *cash* hi não entram!
Missa em latim, o Papa e os Céus!
Qual confessionarios! . . .
Frasuarios
Só queimados dão o que é de Deus!

(Pan-Presbyterianos chamberlainisando:)

—Incuba mulher do Cordeiro!
Synagoga de Satanaz!
'Sposa apocalyptica,
Breck'nridgica
A côrte Herr Gallante vos faz!

(Unitarios:)

—Só não honra os paes do Messias
Quem é a deshonra dos seus:
Em mestres de *amor*
E em *valor*
Venceis vós o Rei dos Judeus.

—Só o leal, nunca o loyola,
Conquista um nobre coração:
Vulcanico monte,
Acheronte . . .
'*Water-head*'?—*mother-Goose* Tão-Tão!

(Maus peccadores—bons-apostolos, illuminados ás creanças de remissão e resurreição dos mortos, vendo Jerry McCaulay e revendo Frothingham no "Christ would not suit our times":)

—*Peccavi* diz um, e transforma
Pagodes em templo christão;
N'um templo o outro: cruz
Com Jesus!
'Christianismo é superstição!'

Reservado é o mundo, em que o homem
E o sêllo co'as armas do Auctor
E espelhos... Frothingham
Ou Brigham,
Quebrados; e o Beecher, melhor.

(Epicurus ensinando entre Chymica e Psychologia:)

—Pobre Deus ideal... flor de carne,
Jardim do Diabo: *ergo*, traição;
Ora, a fome é negra
E se alegra
O verme, porque ha podridão.
Ou concluirás que és o bruto,
Ou a alma s'envergonhará
De em ti existir,
A mentir
Vil viva, e hi querendo-se estar.

(Fogueiros da fornalha reduzindo o peccado original a fórmulas algebraicas e á 'Nova Fé'—'moral rapido transitio' o 'In God we trust' dos cinco cents:)

—Industria, oiro, práctica vida,
Go a head! oh, qual coração!...
A este ar, vai vital
A espiral,
Brisa ou flato ou Bull-furacão!

(Sancto Ignacio fundando sua Ordem: *Reporters*:)

—Magestade é só do cadaver,
Tal do ideal caiu no real,
Gelo é fogo... e os divos
Em vivos
Só tractam do seu animal.

—Que fila comprida, rajada,
Triste serpenteia em Blackwell?
Carrere, Tweed Boss,
Pelo cós
Um do outro... justiça cruel!

—Cubano Codezo, Young Esquire,
Um com outro a negaceiar,

Protheus cabalísticos,
 Mysticos
 Da Hudson-Canal-Delaware !
 —Norris, leis *azues* de Connecticut !
 Clevelands, attorney-Cujás,
 Em zebras mudados
 Forçados,
 Dois a dois, aos cem Barrabás !

(Amigos dos reis perdidos:)

—*Humbug* de *railroad* e telegrapho,
 Ao fogo dos céus quiz roubar,
 Que o mundo abrazasse
 E arvorasse
 Por todo elle a *Spangled Star* !

(Um sol rebelde fundando um centro planetar:)

—George Washington, etc., etc.,
 Responda ao Real George Trez !
 —Dizei-lhe, Lord Howe,
 Real sou . . .
 (E o nariz quebraram do Inglez).

(Satellites comprimentando aos raios de Jove:)

—Saudar do universo á rainha . . .
 Fiança Patriarchas dão sua . . .
 (Com rei liberal,
 Peor mal,
 Fundaram o imperio da lua).

(*Reporters*:)

—Papel fazem triste na terra
 Reis e poetas, gentes do céu,
 E Strauss, ou valsando,
 Ou cantando
 No Hippodromo ou no Jubileu.

(Correctores achando causa á baixa do oiro em Wall-Street:)

—*Exeunt* Dom Pedro, Dom Grant,
 Dom Guesa, que vão navegar:
 Seus lemes são de oiro,
 Que o Moiro
 Das vagas amansam do mar.

(Procissão internacional, povo de Israel, Orangianos, Fenianos, Buddhas, Mormons,
 Communistas, Farricocos, Railroad-Strikers, All-broekers, All-jobbers, All-
 saints, All-devils, lanternas, musica, sensação; Reporters:)

—No Espirito-Sancto d'escravos
 Ha somente um Imperador;

No dos livres, verso
 Reverso,
 É tudo coroado Senhor!

(Feiticeiras de Macbeth e vidente Foster em Walpurgis de dia:)

— *When the battle's lost and won* —
 — *That will be ere the set of sun* —
 — *Puddock calls: Anon!* —
 — *Fair is foul, and foul is fair:*
Hover through the fog and filthy air!

(Ao fragor de Jerichó encalha Hendrick Hudson; os Indios vendem aos Holandeses a ilha de Manhattan malassombrada:)

— A Meia-Lua, proa p'ra China,
 Está crenando em Tappan-Zee...
Hoogh moghende Heeren...
 Pois tirem
 Por *guildens* sessenta... *Yea! Yea!*

* * *

Mas, voltemos os olhos desgostosos
 D'este circ'lo: e, porque é na liberdade
 (Qual d'ella á luz os céus são mais formosos
 Mais tenebro talvez,—e á christandade.

É na terra da patria hospitaleira,
 Do mundo novo na candura e o riso
 Qual de creanças, como de paraiso,
 Deus, que ao mal entristece o coração!

Oh! como é triste da moral primeira,
 Da Republica ao seio a corrupção!
 Ao seio de pureza — se dissera
 De Christo o corpo em decomposição!

Tende mãos, impios! vós, que a liberdade
 Traís, á *especulação* levando-a insana!
 Concentrai-a antes dentro, na verdade
 Do lar e da alma, activa e soberana!

Liberdade das forças invisíveis,
 Que nenhum poder vence — a quem d'escravo
 Se humilha esse Protheu por quem terríveis
 Vos humilhais: é pois elle o só bravo?..

Oiro ! oiro ! — Ninguém condemne o amigo
 Unico seu na sociedade hodierna,
 Que dá-lhe o pão, o amor, o leito, o abrigo
 E o templo onde se adora a Voz eterna !

Respeitai o vosso oiro, o grande arcano
 Que é elle, o mais profundo e precioso
 Sangue do coração sagrado e humano
 Da terra, vossa mãe ! o generoso

Mediador da luz e dos progressos,
 Juiz supremo dos homens: vêde-os, nobres
 D'elle ás auras e tumidos possessos,
 Ou vis nojentos quando d'elle pobres;

Vêde a virtude, vêde a honestidade
 Que por elle trabalha, como fica
 Poderosa e sublime de verdade!
 A alma é grande, e mais elle a magnifica;

A alma é torpe, e mais torpe elle a revela;
 Por elle prostitue-se . . . a prostituta;
 Afina-se por elle e mais, mais bella,
 A bella e formosissima impolluta.

Como 'o melhor engaste do diamante,'
 O symbolo social, elle a alegria
 Vê-se crear, voltar o amado ao amante
 E o foragido á pátria, que o perdia.

Serve ao vicio, destruindo o vicioso;
 Serve na acção, na fôrça ao forte, ao justo;
 No delirio porém, toma-o formoso,
 Conflagra o astro e carvão deixa-o combusto.

Bem haja a Arnolds e a Lazaros de Mello
 O que victimas dá — porque de Judas,
 Veja-se como hediondo é dentro, e bello
 E amigo o exterior ! nas fôrmas rudas

Defende o casto e o puro; elle defende
 A innocencia, que existe; dá ao velho

Nectar da mocidade; e apenas vende
 O que é vendível, e inda... amostra o espelho.
 Sem elle, volta o mundo á barbaria;
 Corrente em que se volve a humana vaga,
 Das nações equilibrio — se diria
 Que a Providencia o enviou, lume que afaga
 Dos olhos do homem a visão; ao ouvido
 Som de clarim, que o estimula e brada
 'Á civilização!' a treva ao olvido
 Quando ao oiro, da luz abriu-se a estrada!
 Que o animal humano não prescinde
 De luzentes metallicas esporas,
 E que a viagem cançada não se finde,
 Escura a noite ou negras as auroras —
 Mas, vende o que é vendível... — todo o mundo?
 Talvez... o que é terreno e o que é mundano:
 Só não o que o não é, nem o jucundo
 Céu que o contém, se o ha tão sobrehumano.
 Qual dos Incas o Sol rege o universo,
 Da terra a vida social tu moves,
 Janus de duas frentes! e és perverso
 Corruptor da virtude, dizem, ouves?
 Tu, 'deus material,' salve! que ao mundo
 Publicas-lhes a infamia, á infamia os fôrças
 Do vulpino impostor, do corvo immundo,
 Dos terriveis Catões almas de corças!
 Salve! que és o salario ao jornaleiro
 Da liberdade e o verbo com que o homem
 'Faça-se' diz, em seu de um dia imperio,
 Tu, sempre joven oiro! Astros assomem
 Teus, e ao esplendor elevam-se as nações;
 Nobilita-se a oppressa independencia;
 Té por vezes reergue-se a consciencia:
 E insultam-te portanto... em oblações.

*

*

*

Como dos céus, infaustos á pureza,
Os 'Saccos de Carvão,' na humanidade
Vê-se o cancro — ou á grande natureza,
Ou aos seios da bella sociedade.

Honra á nação porém que não occulta
Os vicios moraes seus, antes descobre
E reclama á luz pública! e resulta
Que sara ella tão só, nobre e mais nobre.

Oh, co'os vossos principios absolutos
Sois a nação primeira do universo!
Illudindo-os, por motus dissolutos
De liberdades . . . semelhais transgressos

Aquelle que thesoiros desperdiça
Herdados de seus paes. Sois a Republica,
Sêde só as virtudes e a justiça
E da familia a mãe, sagrada e pudica.

Mas o sois, porque contra cada offensa
Erguem-se as vozes que resoam forte —
Que a Justiça, o Evangelho, á indiferença
De bastardos, reergam-se da morte:

Livre a virtude, livre o vicio, oh, vendo,
Terriveis ficam pela liberdade!
Mais, diante a luz a treva, treva sendo;
E diante a treva a luz, mais claridade!

Então aos tribunaes os soberanos
São chamados — oh, patria abençoada,
Onde vence o divino ao que é terrano,
Vence o ideal á fórma avassallada!

Qual no espaço o planeta s'embalança
Formando a tempestade e as estações,
Tal desmaia e declina esta esperança,
Ou resplendesce á vida das nações:

Ide ás escholae, Damas da grandeza,
Superintendei, sêde as conductoras

Voluntarias dos filhos da pobreza,
Emquanto as mães trabalham! defensoras

Sêde vós da Republica! dos pobres
Fazei, dos filhos seus, amigos vossos:
E vereis quaes prazeres são mais nobres,
Se os do bem, se os da ostentação vaidosos.

— Este é o joven povo da vanguarda;
E na patria ideal, quanto soffrera,
Pelo quanto de amor e crença houvera,
Cedo o Guesa o esqueceu. Da dor á guarda,

Elle na tempestade s'involveia
Social, a que teem de résolvidos
Ser problemas, a que ora destruidos
Serem céus pela terra se diria.

E voltava, do inferno de Wall Street,
Ao lar, á eschola, ao templo, á liberdade;
De Vássar ou de Cooper ao convite
Voltava-se p'ra os céus — Que linda tarde!

Dos grandes cidadãos ahi passa a gloria,
A filha *darling*, d'esta aurora a estrella!
— Se acaba o dia; e pois do Guesa a historia
Tambem finde no amor ao riso d'ella:

.

“Foi o ultimo riso na minha alma,
Tão doce, a ser mortal como uma coroa,
Tirando o desespero e dando a calma —
Bemdicto seja o riso á virgem bôa!

“Deus! quando a sociedade antigamente
Me seduzindo da esperanza ao meio,
Abrira-me o abysmo de repente,
De ‘Sancta Rosa’ o alvor sorrindo veiu.

“Sorrindo agora vens, quando se abra
Um outro abysmo em outra sociedade;

Porque eu visse (bem vejo) o que eu não vira,
Que em toda parte, em toda a eternidade

“ O homem é o mesmo, e o riso da innocencia
Sempre celestial: só não o esqueças,
Quem dos hymnos de ti sente a existencia
Doce resoando, que ahi sempre floresças :

“ Porque através das solidões distantes
Sente-se a vibração extranha n'alma
Do mais longinquo pensamento, que antes
Fôra o riso, um amor, a luz, a palma.

“ É Carrie como a luz da alva do dia,
Luz que abranda ao perdão do que nos pesa,
Que divinisa d'hymnos de alegria —
Vel-a, faz sentimentos de pureza!

“ Quem não ama de os ter? — Sião celeste,
Quão seraphica a luz dos risos teus
Inspirando ao perdão! Quando vieste,
Na virtude ainda crê-se, crendo em Deus.

“ É Carrie como a luz adamantina
Que no meio das neves scintillando
A esperança final doce illumina
Das mortaldas da terra. A vi sonhando,

“ Qual ferida risonha e dolorosa,
Qual a estrella de dentro do meu peito
Refulgente entre lagryma amargosa;
Quando, quando na insomnia do meu leito

“ Banho em balsamo o coração dolente
E adormeço a chorar — não me visitam
Esses que a dor da minha vida agitam,
Porém tu, e os bemdigo e a Deus, contente.

“ Quando de Murray Hill vens na collina,
Os principes, os ricos mercadores,
Adoram a serénide divina,
Que é de Cooper e Vássar os amores.

“ De virgem neve a terra está coberta,
Pura, tão docemente branca e pura,
Do sol a estrella limpida e deserta —
Andando sobre as neves a dogura

“ Sinto da luz saudavel e dos ares
E da infancia a alegria, como o fosses,
Os sentimentos da innocencia e os lares,
Por sobre a branca solidão, quão doces!

“ Terra feliz da social poesia,
Da alegria, o trabalho e a mocidade,
Aqui virei morrer . . . que é doce o dia
Findar seu onde ha luz e ha liberdade —

“ Dias felizes da feliz America,
Nunca de vós m’esquecerei! Lá estão
Bradando sinos — tenho a dor homERICA
E as saudades do Templo da oração.

“ — Fechou a noite; raras decaindo
As neves, que tristezas tão profundas,
Não do que foi, mas do que está porvindo . . .
Sinto chorar-me dentro o coração!

“ Eu estou só, e choro, choro, choro —
só caem dos céus as erramundas
Neves puras, e á dor eu desadoro,
Que nunca mais terei consolação.”

Assim o Errante, em sua fortaleza
D’eterna solidão e liberdade,
No mais fundo da íntima tristeza
Um só riso guardou.

Dorme a cidade;

No somno dos seus tumulos a vida
Se reanima. As luzes sós alertas,
D’entre arvores nevoento-congelidas, ●
Ardem hi nos parks, funebres, desertas.

Vai alta a noite; do commercio a vaga
Desfez-se a pouco e pouco; sobre os gelos

Se ouve em silencio o passo que transvaga,
No ar o gemer mechanico dos prelos.

E illuminados, altos os andares,
Os marmoreos palacios fóra de horas
Quaes phantasticas fábricas dos ares
São, que da noite ao umbror forjam auroras,

Que sobre o dia raiarão. Da imprensa
São os paços reaes onde as idéas
São os tyrannos, cuja omnipotencia
Do moral edificio as gigantéas

Columnas lentamente vão firmando,
Que, pesar dos oppostos elementos,
Eternas permanecerão — ‘mas, quando?’
Oh! *sweet by and by* do pensamento!

— Não é Franklin que alli velado tendes
Aos serões generosos de Park Row
E de Lincoln no sangue que se accende
O facho da éra nova que raiou?

*

*

*

Luar tecido da innocencia etherea
Ao condão virginal das neves puras,
Saudosamente doce a formosura
Dos hombros juvenis cobre da terra.

Como ao branco areial, amava o Guesa
As solidões das neves alvejantes
Por noite eburnea, ou quando a natureza
Em bello luar deserta-se. Os distantes

Plainos de Buffalo ora atravessava,
Que d'Erie Railway ao Tonawando
Vai — tangido pelloiro, elle passava
Solitario talvez... porém cantando.

Cae a neve; pendei, grinalda pura
Da terra infante, brancas açucenas

Sonhos dos ares, das regiões serenas
Imagens voai, cobrí a sepultura!

E os plainos e a collina e o valle e a serra
Co' o mesmo manto vestem-se, e nitente
Matinal, alva-umbrosa, alva-silente,
Tranquilla ondula-se a extensão da terra

Silencio mago e candido das neves!
Solidões brancas dos sagrados seios!
O' minha mãe! Quão breves são, quão breves
Estes céus puros, de outros céus alheios!

Creações loiras, lirios caprichosos,
Aereos genios, prismaticas fagulhas,
Froxas espumas, do luar agulhas
Alvos crystaes, translucidos nivosos!

Tudo que dos céus cae traz esta fórma
Do sonho, a esp'rança, os candidos albores;
E á gradação de todos os candores
O hibernal horizonte se transforma.

— Quando o horizonte cobre-se de neve,
Que toda a terra em candidez fulgura
Ao saudoso clarão do luar, e leves
Abrem-se, alvos, os leitos da planura;

Nos plainos solitarios, d'entre o gelo,
Longe, escondido, o fogo da choupana
A paz alembra do viver singelo
Do honesto lavrador e a flor silvana.

E o fogo, como um coração amigo,
O domestico circulo parece
Mais apertar no amor de tempo antigo,
Ou de não sei que tempo, que se esquece:

Mas, consagrada aos filhos a familia,
Reunida, assentada em torno ao lar —
Oh a poesia candida e tranquillã
Do verdadeiro sacrosancto altar!

Seios da criação alvos de Tellus
 Ondulam naturaes — ó minha mãe!
 Oh, na alvura ideal, que sonhos bellos
 Da crença eterna, maternal, christã!

Que magia nos astros, das florestas
 Augustas odorosas dos pinheiros
 Reluzindo através das mudas mestas
 Alvas cans das ramagens, dos nevoeiros!

Ha musica na luz, alva harmonia
 No clarão que dos astros se derrama;
 Ha doçura na neve que, de fria,
 Parece que apavora . . . ou que s'inflamma.

— Raia aurora; resplende em luz natura;
 Das neves brilham os calices dos lirios.
 — Dos trens a cobra ao voo dos delirios,
 Do horizonte selvagem corta a alvura.

Das estações infancia — a neve inspira
 Os doces sentimentos de innocencia,
 Tanta é, tanta a pureza que transpira
 Da estellifera alvura d'existencia

Virgem, que principia a natureza,
 Não a alvura da morte, mas da vida —
 E das neves sagradas a pureza
 Converte-a a terra em lama denegrida!

*

*

*

Lá está iris! — ha de haver abysmo . . .
 Onde o arco vê-se da visão formosa
 Dobrar-se luminoso, um cataclysmo
 Se deu, ou s'está dando. A linda rosa!

Dupla luz — sobre o que precipitou-se
 E, diante, os precipicios amostrando —
 Iris bemdicto! Tal o mundo achou-se
 Do Diluvio através o iris estando.

- Vem a onda correndo alegremente
Como á esperança e á gloria; á quéda perto,
Dá gritos, faz relampagos, e ingente
Atira-se ao golfão tranquillo aberto !
- E suspende-se a calma na grandeza
Do amplo espectac'lo em cima dos abysmos:
Em profundo mysterio, a natureza
Sublime echoa do Niag'ra os hymnos !
- Quem ouvir pode quando tu resoas ?
Commandas a mudez — e d'ella á imagem
Bizarras formações pelas coroas
Dos abysmos debruçam-se á voragem !
- Vens como do passado o sobrevivendo
N'essa ferocidade, que ao futuro
Arremessa o presente, enorme, infindo....
— Estronda ! estronda ! E ao musico susurro,
- Ao sublime concêrto, ermo, selvagem,
Formam-se as avalangas, dos vapores,
E ruem como loucos na voragem —
Cair, cair é a lei — 'bellos horrores' !
- Porque fóra não estais da natureza,
E mas d'este vulcão aos firmamentos
Elevam-se os eternos pensamentos...
— Não se hallucinem tanto da grandeza !
- As rosas e os jacinthos do neveiro
Aos raios floreteando do occidente,
Ao braço do formoso companheiro
Rindo prende-se a amante meigamente.
- Na Caverna dos Ventos, abalada
Das aguas ao fragor, nayade-aurora
Ai! nunca foi do abysmo enamorada
Tão feliz, tão risonha e incantadora !
- E quem não brinca ao meio da voragem
Quando lhe está contente o coração ? ..

— Tende Lottie ! . . .

‘Aqui . . . prende-te á lagem !
Forte ! . . sae da corrente ! . . o braço . . . a mão ! . .’

Oh ! lá vão-se co’as aguas arrastados ! . .

Afundam-se no abysmo ! Deus ! soccorro !

— Contra os vortices luctam . . . esforçados

Tomam-na os hombros d’Ethelberto . . . salvos ! . .

Alcançaram o rochedo . . . — Ao sorvedouro !

Desgraça ! horror ! lá foram-se e sumiram !

Lottie ! . . Lottie ! . . — Uns braços finos, alvos,

Crispos os dedos, hirtos . . . gyram, gyram,

Gyram . . . Oh ! Christo ! — Desappareceram . . .

— E na apparencia calmas, verdejantes

Volvem-se as ondas. Mas os dois amantes

Nunca mais volverão ; nunca volveram.

Elles vinham ver iris, n’esse esmalte

Que das névoas transluz mais lindo á tarde :

Oh ! quão funesta do infortunio bate

A hora, quando se alegra a mocidade !

E d’esmeralda luze velludosa

Do insondavel abysmo a superficie :

Prostituição do abysmo ! insidiosa

Luz ! sepulchro infernal face-ledice !

A serpe que o rompeu por estas fraguas

Lá s’estende em seu leito somnolento —

O olhar evita-se ás de Esquecimento

Fundas, resvaladias, verdes aguas !

E do abysmo vibrado os sons rebojam

Das rochas pelas cavas e as geleiras,

Que rendadas ogivas no ar arrojam

Alvas, de templo em turbidas espheras.

Á noite relampejam nos abysmos

Do Niagara as trevas em tormento —

Estronda ! estronda ! róla os cataclysmos !

Vem ao combate ! vence ao pensamento !

Como vasta muralha d'alva chamma
D'um bosque além de um campo, immovel, livido
E nocturno o clarão, tal se derrama
A vaga colossal! Scintillam vividos

Os luzeluzes transparentes da onda
Como frontinhas inconstantes, doidas
Mirando-se no abysmo — Estronda! estronda!
Arranca os sons mais altos das tuas chordas!

Eternas, já de ti subiram almas
Como o cysne de Socrates aos céus:
Como d'Iris agora as brancas palmas,
Meu espirito ergueu-se aos hymnos teus!

Como a do Rei-Psalmista, vem tua gloria
Da tua quéda — a trovejar tu cantas!
Venho as harpas ouvir-te de victoria,
Atlas despedaçado, que me incantas!

Trovejada harmonia, em que o oraculo,
As sombras d'ao em torno amplo oscillando,
O espirito ao trovão sobrepujando,
Amostra da existencia o espectáculo.

Fumegam, quaes incendios, os geleiros:
Do Niágara á noite abrindo os braços
Levanta-se o phantasma dos nevoeiros
Entre a coroa dos astros dos espaços!

E terrivel o Niag'ra resplandesce —
E unico eu sou vivente que n'esta hora
Pára em frente do abysmo que estremece,
Qual se d'elle immortal o genio fôra

Á tenebrosa seducção detido:
Porque é preciso tempo ao pensamento
Libertar-se ou do mundo, ou do estarpido
D'este infinito desmoronamento.
